

JULIANA CRISTINA BONILHA

EÇA DE QUEIRÓS E A *GAZETA DE NOTÍCIAS*
(SUPLEMENTO LITERÁRIO-1892)

ASSIS
2009

JULIANA CRISTINA BONILHA

EÇA DE QUEIRÓS E A *GAZETA DE NOTÍCIAS*
(SUPLEMENTO LITERÁRIO -1892)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de conhecimento: Literatura e vida social.

Orientadora: Rosane Gazolla Alves Feitosa

ASSIS
2009

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – campus de Assis-SP.

À CAPES pela concessão da bolsa de estudos.

À Prof^ª. Rosane Gazolla Alves Feitosa, minha orientadora, que me auxiliou em todos os momentos desta pesquisa, apoiando-me sem medir esforços.

Ao Prof^ª. Álvaro Santos Simões Junior que, como membro da Banca de Exame de Qualificação, foi um grande observador sugerindo alterações que enriqueceram este trabalho.

Ao Prof. Luís Roberto Velloso Cairo que, participando da mesma banca, também fez observações extremamente valiosas e pertinentes que me ajudaram a reformular algumas partes do meu texto e a concluí-lo.

Aos professores Odil José de Oliveira Filho, Gilberto de Figueiredo Martins, Álvaro e Rosane que, por meio de suas disciplinas, auxiliaram meu crescimento intelectual, fornecendo-me as bases para a conclusão do Mestrado.

Aos meus pais, José Carlos e Marta, à minha irmã Joice, pelo amor e compreensão com que me apoiaram ao longo desta caminhada.

Ao meu noivo, Daniel, pelo amor e companheirismo com que me auxiliou nos momentos de dúvidas e insegurança.

À minha avó, que sempre me colocou em suas orações, e a todos os meus familiares, que sempre estiveram dispostos a ajudar e a ceder sua casas para minha hospedagem durante as viagens em busca de novos dados para a pesquisa ou para a apresentação do trabalho em congressos.

Às amigas, Marcela e Juliana, por fazerem parte de minha vida, pelo apoio, amizade e carinho com que me receberam em seus lares.

A todos os familiares, amigos e colegas da Pós-graduação em Letras que viveram junto a mim este momento de estudo e torceram por mais essa importante conquista em minha vida.

A Deus, que me possibilitou ter coragem e lutar para chegar até aqui.

BONILHA, J. C. *Eça de Queirós e a Gazeta de Notícias: Suplemento Literário (1892)*. Assis, 2009, p. 350. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, campus de Assis, UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Esta dissertação tem como principal objetivo abordar os seis números do Suplemento Literário, sob a direção de Eça de Queirós, publicado pelo jornal carioca *Gazeta de Notícias* em (1892). Seu conteúdo dava um panorama cultural da Europa para a elite carioca. Além de notícias sobre aquele momento histórico, o Suplemento trazia, ainda, crônicas queirosianas e textos de escritores como Jaime Batalha Reis, Domício da Gama e do diretor da *Gazeta*, Ferreira de Araújo. A partir deste estudo, notou-se que o Suplemento entrelaçava duas realidades: a européia, com sua sociedade em um momento posterior à revolução científico-tecnológica de 1870, e a brasileira, especialmente a carioca, a qual passava por um importante momento de transformação, em decorrência da proclamação da República. Por isso, no primeiro capítulo, fez-se uma contextualização da Europa e também do Brasil. O segundo capítulo, por sua vez, traz uma pequena descrição desse periódico e imagens dos exemplares. Já no terceiro e último capítulo, fez-se uma análise de cada uma das seções que compunham o Suplemento Literário e mostrou-se, sucintamente, quais eram os colaboradores que dele participavam. O *corpus*, digitado e digitalizado durante a pesquisa, aparece neste trabalho como anexo. Efetuou-se a composição de fichas catalográficas ou fichas-resumo, para que se facilitasse o acesso aos artigos que compõem o Suplemento Literário de Eça de Queirós. Ao longo do estudo do Suplemento (18 de janeiro, 08 de fevereiro, 29 de fevereiro, 26 de março, 21 de abril e 13 de junho), trabalhou-se com as fontes primárias, em microfimes, arquivados no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) na FCL-UNESP-Assis. Como metodologia de estudo do suplemento, teve-se como intuito recuperar todos os textos que foram publicados nos seis números e realizar uma breve abordagem de cada seção, procurando focar os dados principais de cada uma delas. Procurou-se, ainda, observar a atuação de Eça de Queirós como diretor de de um suplemento cultural cujos artigos eram enviados especialmente para o Brasil e os textos de sua autoria presentes nos exemplares. A análise deste *corpus* pretendeu contextualizar o Suplemento, entender o motivo de sua criação, analisá-lo integralmente, mostrar o perfil da direção de Eça de Queirós. Para isso, contou-se com o apoio teórico de publicações sobre a imprensa e a história da imprensa brasileira, como as obras de N. Werneck Sodré, de Juarez Bahia, de Rabaça; obras de história geral, como, de Edward Burns; de história do Brasil, em que se observou o contexto da sociedade carioca do final do século XIX, como o livro de Jeffrey Needel; e, ainda com textos de crítica literária, que se referiam à Eça de Queirós, e que faziam menção, ao jornal carioca *Gazeta de Notícias* e, especialmente, ao seu Suplemento Literário, como *Textos de Imprensa IV* (edição crítica) e *Páginas flutuantes*, de Elza Miné. Este estudo contribui para que se conheça os textos de imprensa de Eça de Queirós e sua atuação como diretor e para que se divulgue todos os textos, integralmente, do Suplemento Literário, democratizando o acesso de sua leitura e tornando mais acessível o trabalho de pesquisadores que tratam do fim do século XIX em temas como-imprensa, Eça de Queirós, realidade brasileira.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Suplemento Literário da *Gazeta de Notícias*; Literatura Portuguesa; periódico; fim do século XIX.

BONILHA, J. C. *Eça de Queirós e a Gazeta de Notícias: Suplemento Literário (1892)*. Assis, 2009, p. 350. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, campus de Assis, UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

This dissertation has as main objective study the six numbers of *Suplemento Literário*, under the direction of Eça de Queirós, published by *Gazeta de Notícias*, a Rio de Janeiro's periodical in 1892. It presented Europe's cultural panorama to Rio de Janeiro's high society. Besides news of that historical moment, the *Suplemento* also contained Eça's chronicles and texts of writers as Jaime Batalha Reis, Domício da Gama and the director of the *Gazeta*, Ferreira de Araújo. With this study, we noticed that the Supplement interlaced two realities: the European, with its society at a subsequent moment to the scientific revolution, and the Brazilian, especially from Rio de Janeiro, which lived an important moment of changes, caused by the announcement of the Republic. Therefore, the first chapter consists in a contextualization of Europe and Brazil. The second chapter contains a small description of these periodic and images of its prints. The third and last chapter, contains an analysis of each one of the sections that composed the *Suplemento Literário* and reveals, briefly, who were the writers who collaborated with it. The *corpus* studied, typed and digitalized during the research, appears in this work as an *anexa*. Catalographic registers were also composed, so that the access to the articles that formed the *Suplemento Literário* of Eça de Queirós was facilitated. Throughout the study of the *Suplemento*, (January 18, February 08, February 29, March 26, April 21 and June 13) the primary sources were studied, in microfilms, filed at the Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) at FCL-UNESP-Assis. As study methodology of the *Suplemento*, all texts that had been published in the six numbers were restored and a brief analysis of each section was done, focusing on the main data of each one of them. The work of Eça de Queirós as director of a journalistic agency and an international correspondent and his texts published in this periodic were also observed. The analysis of the corpus intended to contextualize the *Suplemento*, understand the reason of its creation, analyze it integrally, and to present Eça de Queirós as a journalistic director. For this, we counted on the theoretical publication support on the press and the history of the Brazilian press, as the works of N. Werneck Sodré, Juarez Bahia, Rabaça; works of general history, as, of Edward Burns; of history of Brazil, where the context of Rio's society of the end of the XIX century was observed, as the book of Jeffrey Needel; with texts of critical literature, related to Eça de Queirós, and that mentioned the *Gazeta de Notícias* and, most particularly, its *Suplemento Literário*, as *Textos de Imprensa IV* (edição crítica) e *Páginas flutuantes*, de Elza Miné. This study contributes to the acknowledgment of the journalistic work Eça de Queirós and its performance by analyzing and publishing all the texts, integrally, of the *Suplemento Literário*, making it easily readable to the general public and helping the work of researchers interested in the end of century XIX in subjects as the press, Eça de Queirós, Brazilian reality.

Keywords: Eça de Queirós; *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias*; Portuguese literature; periodic; end of XIX century.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Capítulo 1. O FINAL DO SÉCULO XIX NO BRASIL E NA EUROPA.....	17
1. A Revolução Científico-Tecnológica e as transformações na Europa.....	18
2. A República e as transformações na sociedade carioca.....	24
3. A nova imprensa.....	32
4. A relação entre Eça de Queirós e a <i>Gazeta de Notícias</i>	35
Capítulo 2. O SUPLEMENTO LITERÁRIO DA GAZETA DE NOTÍCIAS.....	39
1. O <i>Suplemento Literário</i> : descrição.....	44
2. Um veículo estritamente literário ou também um informativo cultural?.....	50
3. A relação entre o conjunto temático dos textos e seções e o objetivo do <i>Suplemento</i>	52
Capítulo 3. “SEÇÕES” E “TEXTOS AVULSOS”.....	56
1. “Textos avulsos”.....	58
2. Os textos avulsos “assinados” e os “sem assinatura”.....	60
3. “Textos avulsos”: uma apresentação.....	62
4. As seções.....	68
4.1. A seção “Ciências”: ciência e medicina.....	68
4.2. Seção “Belas Artes”.....	75
4.3. A seção “Livros Novos”: literatura.....	81
4.4. Seção “Os Teatros”.....	90
4.5. Seção “Pessoas e casos”: variedades.....	99
4.6. A seção “Ecos contemporâneos”.....	103
4.7. Seção “O Dinheiro”: economia.....	106
4.8. O Brasil na Europa: a visão do Velho Mundo sobre as notícias brasileiras.....	111
4.9. Seção “Histórias singulares”.....	114
4.10. A coluna assinada por Eça de Queirós.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS.....	133

ANEXO.....	136
1. Suplemento Literário da Gazeta de Notícias – número 1.....	137
2. Suplemento Literário da Gazeta de Notícias – número 2.....	178
3. Suplemento Literário da Gazeta de Notícias – número 3.....	223
4. Suplemento Literário da Gazeta de Notícias – número 4.....	261
5. Suplemento Literário da Gazeta de Notícias – número 5.....	301
6. Suplemento Literário da Gazeta de Notícias – número 6.....	343

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Primeira página do primeiro número do Suplemento Literário	42
Ilustração 2: Segunda página do primeiro número do Suplemento Literário	43
Ilustração 3: Primeira página do terceiro número do Suplemento Literário.....	45
Ilustração 4: O título do Suplemento Literário da Gazeta de Notícias.....	46
Ilustração 5: Sumário do segundo exemplar do Suplemento Literário.....	47
Ilustração 6: O “texto avulso” “Notas de um curioso”	67
Ilustração 7: Assinatura “A. Marco” na seção “Belas Artes”	77
Ilustração 8: Assinatura “H. Marco” na seção “Belas Artes”.....	77

LISTA DE TABELAS

1. Textos, seções e temas do 1º número do Suplemento Literário.....	52
2. Textos, seções e temas do 2º número do Suplemento Literário.....	53
3. Textos, seções e temas do 3º número do Suplemento Literário.....	53
4. Textos, seções e temas do 4º número do Suplemento Literário.....	54
5. Textos, seções e temas do 5º número do Suplemento Literário.....	54
6. Textos, seções e temas do 6º número do Suplemento Literário.....	55
7. Proporção de seções e “textos avulsos” por Suplemento	59
8. Os “textos avulsos” do Suplemento Literário.....	59
9. A seção “Ciências.....	70
10. A seção “Belas Artes”	75
11. A seção “Livros Novos”	82
12. A seção “Os teatros”	90
13. A seção “Pessoas e casos”	99
14. A seção “Ecos contemporâneos”	103
15. A seção “O Dinheiro”	106
16. A seção “O Brasil na Europa”	111
17. A seção “Histórias singulares”	114
18. A coluna assinada por Eça de Queirós.....	119
19. Tabela de textos com título do Suplemento Literário da <i>Gazeta de Notícias</i>	128

Introdução

Consagrado no exterior e também no Brasil por seus romances, Eça de Queirós também exerceu com notoriedade a profissão de jornalista.

Em termos de Brasil, merece destaque sua relação com um dos grandes periódicos cariocas do final do século XIX – a *Gazeta de Notícias*.

De acordo com a especialista Elza Miné, a atuação de Eça neste periódico ocorre por dezessete anos, iniciando-se em 1880 e finalizando-se em 1897, porém sem haver constância e continuidade. Durante este momento, por vezes, ocorrem pausas na contribuição de Eça.

Nas páginas do jornal carioca, o escritor desempenha importantes funções dentre as quais, ressalta-se a função equivalente a do atual correspondente estrangeiro. Nesta tarefa, o jornalista, deveria informar os acontecimentos de maior relevância na Europa aos leitores da

Gazeta. Por muitos anos, Eça realiza contribuições como colaborador *além-mar*, pois estava residindo na Inglaterra e, depois, na França.

Em decorrência disso, em 1891, surge para Eça uma oportunidade maior dentro da *Gazeta de Notícias*. Ferreira de Araújo, o diretor do periódico, propõe-lhe a direção de um suplemento literário. Eça ampliaria sua tarefa de correspondente *além-mar*, pois além de selecionar as principais notícias do Velho Mundo, coordenaria outros escritores que também produziram artigos sobre o contexto europeu.

Assim, em 18 de janeiro de 1892, surge o *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias*. Sua publicação ocorria sob a forma de encarte autônomo da *Gazeta*. Esta autonomia marcava-se com o uso do escrito em romano para enumerar suas duas páginas (I e II), diferentemente do que ocorria com a numeração do periódico *Gazeta de Notícias*, cuja numeração ocorria em arábico. A aparição do *Suplemento* se dava entre as páginas 2 e 3, e 4 e 5 do jornal e voltava-se estritamente a informações européias, privilegiando as notícias relacionadas à cultura e às artes.

Em suas páginas, cobertas completamente por artigos e isentas de ilustrações, faziam-se presentes alguns conhecidos jornalistas e escritores da época, como Jaime Batalha Reis, Domício da Gama e até mesmo o diretor da *Gazeta de Notícias*, Ferreira de Araújo. O *Suplemento* contava, ainda com a contribuição de outros escritores que assinavam sob a forma de pseudônimos e abreviaturas, e, ainda, com textos de teor crítico, elaborados por Eça de Queirós.

Era, portanto, uma publicação audaciosa, pois em apenas duas páginas, visava-se mostrar toda a Europa aos brasileiros, mas também muito atraente, pois publicava textos que eram direcionados para o interesse dos brasileiros e contava com escritores renomados. Em suma, era uma publicação que agradaria aos leitores da *Gazeta de Notícias*.

A publicação do *Suplemento* relacionava duas realidades – a européia e a brasileira. A primeira era onde ocorriam os acontecimentos nele publicados; a segunda, recebia estas informações.

Por isso, para o melhor estudo, análise e entendimento do *Suplemento Literário*, tornou-se imprescindível a contextualização do período histórico e social destes distintos espaços. Dessa forma, foi possível compreender desde o processo de escolha das notícias a serem publicadas no *Suplemento* até o contexto carioca que as recebia. Todas as informações recolhidas sobre o final do século XIX na Europa e no Brasil foram registradas no primeiro capítulo desta dissertação intitulado “A Revolução Científico-Tecnológica e as transformações na Europa”.

Neste **primeiro capítulo**, procurou-se abordar o contexto histórico e social da Europa nos dez anos finais do século XIX, que foram na verdade, anos de aprimoramento técnico-científicos, em decorrência da Segunda Revolução Industrial, ou Revolução Científico-Tecnológica de 1870. Notou-se que a Europa deste momento estava numa fase de desenvolvimento muito à frente da realidade brasileira.

No item seguinte, procurou-se registrar a situação histórico-social brasileira, para, dessa forma, obter o contexto de publicação do *Suplemento Literário*. No segundo tópico deste capítulo, intitulado “A República e as transformações na sociedade carioca”, comentou-se sobre o momento da Proclamação da República e as transformações sociais que ocorriam no Rio de Janeiro, onde se publica a *Gazetade Notícias*, na última década do século XIX.

Neste momento de inovações e transformações, ocorre ainda a modernização da imprensa e dos meios de comunicação. Por se tratar de fato que se correlaciona imediatamente com o objeto de estudo, no primeiro capítulo, comentou-se também sobre a situação da imprensa e da *Gazeta de Notícias* no final do século.

O último tópico deste capítulo, por seu turno, aborda a carreira do escritor Eça de Queirós na *Gazeta*, e mostra como ocorreu sua contribuição no periódico.

Em suma, por meio da leitura deste capítulo, tentou-se mostrar o contexto de publicação do *Suplemento Literário*, a fim de propiciar uma melhor compreensão de sua tarefa de informativo sobre cultura européia para os brasileiros e um melhor entendimento dos textos do corpus.

No **segundo capítulo**, trabalhou-se diretamente com o *corpus*, isto é, com os seis números do *Suplemento Literário* (18 de janeiro; 8 de fevereiro; 29 de fevereiro; 21 de março; 26 de abril; 13 de junho). A partir da visualização dos microfimes e da versão digitalizada das 12 páginas da coleção do *Suplemento*, efetuou-se a descrição de sua estrutura física, como o número de colunas e a organização das seções. Neste capítulo, incorporou-se, ainda, imagens das publicações e recortes de trechos que ilustravam e esclareciam a descrição. Procurou-se atentar, ainda, ao modo como se compunha cada um dos números, isto é, as seções e textos que deles faziam parte; se estas eram fixas ou móveis; se havia algum critério para a exclusão ou inserção de novos textos ou seções; e, ao mesmo tempo, observar se a troca de textos tinha alguma causa ou intuito. Com este capítulo, tentou-se apresentar o *Suplemento Literário*, propiciando o conhecimento de seu formato por meio de sua descrição e uma apresentação sucinta dos temas das seções e textos que o integravam.

No **terceiro** e último capítulo, por fim, traz uma apresentação de cada uma das seções. Procurou-se fazer uma distinção entre os textos que se publicavam no *Suplemento* sem estarem vinculados a nenhuma seção fixa e aqueles que se vinculavam às seções determinadas. Este é, portanto, um capítulo que se dedica ao estudo pormenorizado de cada uma das seções. Destina-se, ainda, a observar e a revelar os autores que escreviam no *Suplemento* sob abreviaturas e pseudônimos e a discorrer sobre aqueles que assinavam com seu próprio nome.

Com estes três capítulos procurou-se realizar um estudo detalhado dos números do *Suplemento Literário*, apontando desde seu contexto, até uma observação detalhada de cada seção.

A observação, descrição e apresentação a que se propôs, constituem contribuições para as áreas de Literatura portuguesa e brasileira, pois auxiliam no entendimento de textos escritos durante o final do século XIX. Contribui, ainda com outras áreas, como História e Jornalismo, pois transmitem o contexto destas áreas daquele momento sócio-cultural.

É válido ressaltar ainda, que em anexo à dissertação, inseriram-se as versões digitalizadas e digitadas de cada número do *Suplemento Literário*. A grafia de todos os textos foi atualizada de acordo com as normas vigentes no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Integram o anexo desta dissertação, ainda, fichas-resumo que trazem informações como localização da seção ou texto, um resumo breve e palavras-chave. Ressalte-se que a digitação do *corpus* respeitou a estrutura de cada número, mantendo os textos exatamente na sequência em que foram publicados no *Suplemento*. Neste trabalho, os textos que apareciam nos rodapés de cada número, aparecem no final da transcrição de cada *Suplemento*. O anexo deste estudo segue a seguinte estrutura: 1) página indicativa que mostra o número do *Suplemento* e a data de publicação; 2) foto da primeira página do *Suplemento*; 3) foto da segunda página do *Suplemento*; 4) fichas-resumo; 5) textos e seções digitados.

Com isso, pode-se dizer que este estudo contribui tanto com a área de literatura, como com outras áreas citadas acima, e que esta interdisciplinaridade, aliada ao acesso facilitado dos textos torna propício o desenvolvimento de estudos posteriores baseados no *corpus* e na apresentação dele feita nesta dissertação.

Para o desenvolvimento deste trabalho contou-se com o apoio teórico de publicações sobre a imprensa brasileira, como *Jornal, história e técnica*, de Juarez Bahia; história geral, como *História da civilização ocidental*, de Edward Burns; história do Brasil, em que se observou o contexto da sociedade carioca do final do século XIX, como *Belle Époque literária no Rio: o fim do século XIX brasileiro*, de Jeffrey Needel; e, ainda com textos de crítica literária, que se referissem a Eça de Queirós, e que fizessem menção, especialmente ao *Suplemento*

Literário, como *Páginas flutuantes*, de Elza Miné. Estas obras foram fundamentais para a contextualização, a análise e a compreensão do corpus estudado – o *Suplemento Literário*.

Em suma, pode-se dizer que esta dissertação contribui para que se conheçam os textos de imprensa de Eça de Queirós e sua atuação como diretor; divulga todos os textos, integralmente, do *Suplemento Literário*, e, com isso, propicia uma democratização do acesso e leitura destes textos e auxilia no trabalho de pesquisadores que tratam do fim do século XIX.

Capítulo Primeiro

O final do século XIX na Europa e no Brasil

O *Suplemento Literário* foi, como se comentou anteriormente, um encarte autônomo composto de informações sobre a cultura européia, que era enviado mensalmente ao Brasil com o objetivo de proporcionar aos cariocas um maior contato com a atmosfera cosmopolita do Velho Mundo. Suas páginas interligavam dois mundos distantes e de desenvolvimento cultural bastante diferentes: de um lado, uma Europa, desenvolvida e modernizada decorrente de um período de transformações tecnológicas denominado Revolução Científico-Tecnológica ou Segunda Revolução Industrial (1870); de outro, o Brasil, num momento de transição política, iniciado com a mudança do regime governamental através da Proclamação da República.

Se a produção do *Suplemento Literário* dava-se em território europeu, sob os cuidados de Eça de Queirós e com a participação de alguns colaboradores que residiam em Paris

e Londres a recepção do informativo ocorria no Rio de Janeiro, pela elite intelectual que visava se informar e compreender as velozes transformações que ocorriam naquele continente.

Quando se fala em periódicos não se pode descartar que os fatos que nele se publicam são decorrentes do contexto histórico a que pertencem, o que significa dizer que artigo e contexto estão atrelados e que são os acontecimentos em sua casualidade que serão focos do escritor ou do articulista. Com o *Suplemento* acontecia da mesma forma, ou seja, um acontecimento cultural ocorrido na sociedade européia, era registrado em suas páginas. Se texto e contexto não podem ser dissociados neste caso, coube, durante a pesquisa deste informativo¹, abordar as questões que lhe eram contextuais, a fim de identificar o período histórico em que se publicou e sua relação com as notícias.

Por isso, neste capítulo, procurou-se fazer uma síntese dos fatos de maior relevância na Europa e no Brasil, durante as duas décadas finais do século XIX e os anos iniciais do século XX.

Como o *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias* tem sua publicação no ano de 1892, e a última década do século XIX é considerada apenas um período de continuidade no processo de modernização iniciado com a Revolução Científico-Tecnológica, procurou-se partir do momento em que ela ocorre, ou seja, 1870, e chegar até o fim do século, a fim de entender como a Europa se caracterizava social e culturalmente na época em que se publica o *Suplemento*.

Já com relação ao contexto brasileiro, riquíssimo em novidades durante todo o século XIX, o recorte temporal recai aproximadamente sobre seus quinze anos finais, isto é, de 1885 a 1900.

Dessa forma pode-se compreender as notícias que Eça de Queirós escolhia para integrar o *Suplemento*, em seu papel de diretor deste informativo.

¹ Empregou-se o termo “informativo cultural” durante este trabalho ao se fazer referência ao *Suplemento Literário* considerando-se que a função do mesmo era a de divulgar a cultura européia.

1. A Revolução Científico-Tecnológica e as transformações na Europa

O século XIX foi um período de intensas transformações no modo de vida dos europeus. Se no século XVIII vivenciou-se um longo período de expansão da economia industrial europeia, em decorrência da Revolução Industrial de 1780, no século XIX um outro momento afetaria consideravelmente a vida dos europeus: a Revolução Científico-Tecnológica, ou a Segunda Revolução Industrial, que ocorre em torno de 1870. Neste momento, acontece não somente um segundo processo de industrialização, mas também uma série de transformações profundas e graduais que, paulatinamente, acrescerão novos sentidos e novos valores à vida social.

Resultado da aplicação das descobertas científicas aos processos de produção, a nova Revolução Industrial possibilitou o desenvolvimento de novos potenciais energéticos derivados do petróleo, o que permitiu a evolução de novos campos industriais, como as indústrias químicas e novos ramos metalúrgicos do alumínio, do níquel e do cobre. Outros resultados das inovações científico-tecnológicas foram o desenvolvimento nas áreas da microbiologia, da bacteriologia e da bioquímica, bem como da farmacologia, na medicina, na higiene e prevenção de doenças.

Ainda na área da ciência, novas teorias sobre a evolução orgânica e sobre a hereditariedade são pesquisadas e desenvolvidas. Merece destaque o estudo de Robert Koch, que se aprofunda na teoria microbiana criada por Louis Pasteur em 1865, descobrindo, em 1882, os bacilos da tuberculose e da cólera asiática, fato que facilitará o tratamento e diagnóstico dessas duas doenças que assolavam a população sem perspectivas de cura.

Na física, também ocorrem grandes inovações: revisam-se as teorias sobre a luz, a eletricidade e a energia; em 1887, prova-se a existência de ondas de alta frequência que se propagam com a velocidade e outras características da luz; em 1892, lança-se a hipótese de que a

matéria não é composta de átomos sólidos e indivisíveis, que levará ao conhecimento aprofundado do átomo em 1910; em 1905, publicam-se as teorias de Albert Einstein.

No curso do desdobramento da Revolução Industrial, inúmeras foram as descobertas, as inovações e os aprimoramentos. Desses, merecem destaque a criação dos veículos automotores, dos transatlânticos, do telégrafo, do telefone, a iluminação elétrica, de vários eletrodomésticos, da fotografia, do cinema, dos arranha-céus, dos elevadores, das escadas rolantes, dos metrô, das montanhas-russas, da anestesia, do estetoscópio, do medidor de pressão arterial, dos vasos sanitários com descarga automática e do papel higiênico. Criaram-se, ainda, as escovas de dente, as comidas enlatadas, os refrigerantes, o fogão a gás, as cervejas engarrafadas, a aspirina, a caixa registradora, entre outros.

Estas inovações eram incorporadas à vida dos europeus em um ritmo tão acelerado, que era quase impossível compreender e assimilar a todas essas novidades. A última década do século XIX engloba os anos em que mais ocorrem descobertas nos países mais desenvolvidos da Europa, como a Inglaterra, a França e a Alemanha.

Outra característica marcante da Revolução Científico-Tecnológica é o impulso que ela deu para a consolidação global do mercado capitalista. A dinâmica expansionista desta nova revolução faz com que, as modestas fábricas e unidades produtivas surgidas na primeira industrialização transformem-se em grandes complexos industriais, equipadas com máquinas sofisticadas e prontas para produzirem em grande escala, com o auxílio de milhares de operários. Toda essa reestruturação da indústria promove mudanças nas relações entre os países, pois com a busca desenfreada por matérias-primas, passam a acontecer disputas por terras ainda não colonizadas no globo, fenômeno conhecido como neocolonialismo ou imperialismo, que levava os maiores países europeus a expedições rumo a outros continentes em busca de suas riquezas. Este novo comportamento será mola propulsora para o advento da primeira Guerra Mundial, algumas décadas depois.

Considerando-se que os reflexos das transformações ocorridas com o advento da Revolução Industrial atingiram a vida dos europeus por completo até mesmo no final do século, na literatura e nas artes não seria diferente.

Nas obras literárias, percebe-se uma tendência em deixar de lado a emoção e voltar-se à razão. Assim, o Romantismo, tendência literária preconizada durante o século anterior pelos escritores europeus, é lentamente esquecido enquanto começa a surgir uma nova fase para a literatura que levava em consideração todo o processo de modernização por que passava a Europa. Essa nova fase - o Realismo - gradativamente invade os romances aliada a uma outra tendência, atrelada aos avanços científicos, o Naturalismo. Essas duas tendências farão parte da maior parte da produção literária deste momento, principalmente nos romances franceses de Emile Zola e dos ingleses de Charles Dickens e Thomas Hardy. Na Alemanha, o Realismo era apreciado nas obras de Thomas Mann e do norueguês Henrique Ibsen. Na Rússia, o realismo mostra-se presente nas obras de Ivan Turgueniev, Feodor Dostoiévski e Leon Tolstoi. O espaço dedicado ao Romantismo ficava restrito a poesias e pinturas. Rudyard Kipling e Jean François Millet, são, respectivamente, os ícones de cada uma destas áreas no final do século.

A pintura também transforma-se consideravelmente no século XIX, e diferentemente da literatura, não exclui o romantismo, mas aos poucos cede espaço ao olhar realista. Em meados do século, a pintura romântica e a realista tinham espaço nas exposições européias. Ao lado da pintura romântica de Millet, a pintura realista também se fazia notável, e tinha como principais representantes Honoré Daumier e Gustave Coubert. Todavia, as maiores mudanças nas artes virão nas últimas décadas do século, quando, além dessas duas tendências, romântica e realista, novos movimentos artísticos iniciam-se. Entre eles merecem destaque o impressionismo, que já se manifestava desde a década de setenta e tinha como ícones Edouard Manet, Claude Monet e Auguste Renoir; e, o pós-impressionismo, que surge na década de

noventa, como movimento contrário ao impressionismo, representado pelo francês Paul Cézanne e o holandês Van Gogh.

Já na escultura, destaca-se a figura de Auguste Rodin, que, embora fosse predominantemente realista, trazia em algumas obras tendências românticas e o impressionistas.

Na música do final do século, Richard Wagner é a mais notável figura, juntamente com Richard Strauss, que preserva o realismo, e com o impressionista Claude Debussy.

É portanto inegável que as mudanças advindas com a Revolução Científico-Tecnológica foram percebidas em todos os meios artísticos. Com o surgimento das indústrias e das inovações tecnológicas e científicas, as artes, assim como todos os outros setores - a exemplo a economia e a política - iniciaram um processo de adaptação ao novo contexto sócio-cultural e modificaram-se drasticamente ao ritmo das inovações técnico-científicas.

No âmbito social, não ocorriam de fato grandes mudanças, pois a estrutura social já havia se modificado grandemente quando ocorre a Primeira Revolução Industrial (1780) e surgem as primeiras fábricas. Durante este momento, surgem duas novas classes sociais na Europa, que estavam intimamente ligadas ao advento das indústrias: uma delas era o proletariado, formado pelos trabalhadores assalariados das indústrias e das minas; a outra, a burguesia industrial, formada pelos donos das novas indústrias, donos de minas e por alguns profissionais como banqueiros e advogados.

Juntamente com a fixação e consolidação das indústrias e, portanto, da modernização da vida dos europeus, desenha-se gradativamente uma nova sociedade, composta por membros assalariados – os trabalhadores das indústrias – e uma classe formada por membros que haviam enriquecido com o lucro gerado pelas indústrias. No final do século XIX, portanto, a estrutura social é basicamente a mesma que surge em meados do século.

A economia, setor que afeta diretamente a vida da sociedade européia, também é regida por uma tendência surgida no decorrer das Revoluções Industriais - o capitalismo. A

necessidade de gerar e obter cada vez mais lucro faz com que ocorra o crescimento do número de indústrias, fato que propicia a criação de novas oportunidades de trabalho e acelera o processo de urbanização da sociedade. Na última década do século XIX, países como a Alemanha e a Inglaterra encontram-se em ritmo de urbanização acelerado, aumentando o número de cidades e a concentração populacional, pois as cidades passam a oferecer melhores condições de sobrevivência.

Assim, pode-se dizer que o final do século XIX na Europa, é um momento em que ocorrem modificações decorrentes das revoluções das indústrias e das ciências. É neste contexto que surge o *Suplemento Literário* dirigido por Eça de Queirós. O diretor do *Suplemento* envia as novidades relacionadas às artes, à economia, à sociedade em geral para os cariocas que estavam distantes destas intensas mudanças que se realizavam no Velho Mundo. Porém, é válido lembrar que o enfoque do *Suplemento* recaía sobre os episódios e fatos relacionados à cultura e à alta sociedade européia. Portanto, ao observar suas páginas, o leitor obtinha um panorama daquilo que era apreciado pela alta sociedade.

Estas velozes transformações no continente europeu estavam, de certa forma, distantes da realidade brasileira. No país, somente com a Proclamação da República em 15 de novembro 1889, que se iniciam transformações culturais mais intensas. Além disso, as inovações científicas européias levavam muito tempo para serem assimiladas pelos habitantes locais. Por esse e outros motivos, considerava-se o continente europeu um lugar superior em questão de cultura. Era mais que um ícone da cultura, da educação, da moda e das artes, mas um modelo de civilização a ser seguido.

No Brasil, a necessidade de estar informado das novidades européias movia a elite a assinar revistas que pudessem mostrar os principais acontecimentos culturais da Europa. A fim de também suprir esta necessidade brasileira é criado no Brasil o *Suplemento Literário*. Por meio

de suas páginas, a *Gazeta de Notícias* propiciava o contato dos brasileiros com a Civilização², ou seja, com o mundo que se considerava evoluído cultural e tecnologicamente, por se tratar de uma espécie de revista cultural e científica, que condensava notícias que perpassavam desde a área médica, passando pela científica, até adentrar a literária e a histórica.

Falar-se-á de modo mais abrangente sobre o *Suplemento* e seus textos mais à frente, nos capítulos 2 e 3, como deixamos claro na introdução. A contextualização deste informativo permite uma melhor compreensão dos textos nele publicados. Por isso, além da parte dedicada à análise da Europa do final do século XIX, aliar-se-á uma outra, voltada ao panorama histórico e social brasileiro deste mesmo momento, para que, dessa forma, tenha-se a noção completa do contexto desta publicação.

2. A República e as transformações na sociedade carioca

O final do século XIX também significou um período de transformações para o Brasil. Porém, são as mudanças políticas que afetam com maior intensidade a sociedade brasileira.

Em 1888, a sociedade começa a se modificar devido à Abolição da Escravatura. Este acontecimento provocou um êxodo dos escravos que saíram do campo para a cidade. A cidade era vista como único meio de tentar sobreviver, pois somente nela havia a possibilidade de encontrar emprego, habitação, alimentação, entre outros. Na verdade, a libertação dos escravos não eliminou o sofrimento de suas vidas, pois estes continuaram a viver sem auxílios, sem suprimentos e sem moradia. A fuga do campo para a cidade implicou no surgimento de uma faixa social miserável, que, aos poucos se instalava nos casarões abandonados, nas casas antigas que ocupavam o centro da cidade, nos morros e demais bairros que julgassem propícios para sua fixação na cidade do Rio.

² O termo é usado por Jeffrey D. Needell para se referir à Europa como lugar considerado avançado em termos culturais e científicos.

Outro fato que merece destaque neste momento é a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. Este episódio tornou o Rio de Janeiro a capital do país e, portanto, um grande centro político.

No novo Distrito Federal os escravos buscavam sobreviver e ao lado deles, os membros da elite almejavam estarem atentos ao processo de modernização que ocorria na Europa neste momento. Por isso, pode-se dizer que a sociedade carioca era uma sociedade de contrastes muito evidentes.

Os acontecimentos políticos, como se disse, afetavam diretamente a sociedade carioca neste momento, pois com o novo regime havia a necessidade de estruturar o governo republicano, criando-se diretrizes e elegendo-se representantes. No ano de 1889, instala-se no país um Governo Provisório, que ainda não tinha fundamentos delineados. Somente dois anos depois, é que se cria uma Constituição Federal. Os primeiros representantes da República são Marechal Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, eleitos respectivamente, como presidente e como vice.

O conturbado início do regime republicano no país torna-se ainda mais frágil quando, em 1891, Deodoro tenta realizar um golpe político e dissolve a Assembléia Constituinte. O golpe é desarticulado por Floriano, e Deodoro deixa a presidência em apenas dois anos de governo, assumindo, seu vice, o comando do país. A situação geral do novo regime era de instabilidade. Durante o mandato de Floriano, surgem no país algumas revoltas contrárias à instalação do novo governo: alguns líderes de uma guerra civil no Rio Grande do Sul aliaram-se aos comandantes de uma revolta naval que ocorria no porto do Rio e combateram ferozmente a República até 1895. Em outros pontos do país também existia um descontentamento com o regime político. Em 1896, eclode na Bahia a Guerra de Canudos, que se mantém por aproximadamente um ano.

Toda essa manifestação contrária ao novo governo devia-se ao descontentamento com a instabilidade econômica agravada após sua instauração. A fragilidade econômica havia

gerado um longo período de inflação, investimentos e especulação que ficou conhecido historicamente como Encilhamento.

Na verdade com a crise financeira do Brasil encerra-se um período de créditos abundantes e de grandes investimentos em bancos e inicia-se um processo de quebra nas instituições financeiras e de redução dos créditos. Como consequência dessa fragilidade, o sistema financeiro brasileiro tornou-se necessitado de capital e de crédito, muito vulnerável às especulações cambiais e, bastante sensível aos acontecimentos internos, como a libertação dos escravos, a exaustão do solo e a redução de créditos no mercado internacional.

Para contornar essa situação, os ministérios imperiais obtiveram empréstimos e aumentaram a emissão de moedas nacionais a fim de fornecer crédito aos fazendeiros e, dessa forma, superar a crise. Todavia, os resultados foram frustrantes, pois os investidores estrangeiros hesitavam diante de 1889, em que se iniciou a República. O ministro das finanças, Rui Barbosa, desejoso de melhorar a situação do país, decide continuar as emissões, e faz ainda um empréstimo com o intuito de expandir o crédito. Disso decorre uma expansão econômica momentânea, interrompida por uma quebra catastrófica em 1893, agravada com os gastos para conter as revoltas que ocorreram neste período.

Como a situação do país era desesperadora, e o estado de São Paulo encontrava-se com melhor estrutura e organização, devido a uma economia superior e forças armadas próprias, a crise o tornou indispensável. Com ameaças de invasão dos rebeldes do Rio Grande, o presidente, Floriano Peixoto, concorda com a eleição de um paulista – Prudente de Moraes. Seu governo, também tumultuado, manteve o país em ruínas. Como sucessor, aparece Campos Sales (1898-1902) que em seu governo enfatiza a estabilidade econômica, faz novos empréstimos, porém consegue recuperar o país. O presidente, como chefe supremo, procura ainda, se entender com as oligarquias estaduais e promove eleições para a seleção de deputados, fator que atenderá diretamente aos interesses das elites, tornando-as, mais uma vez, controladoras do Estado.

Esse retorno da estabilidade propicia, paulatinamente, o restabelecimento da ordem no país. Contudo, no Rio de Janeiro, capital nacional, mudanças como o aumento da população urbana, busca por novas oportunidades de trabalho e o surgimento de novos interesses e empreendimentos ocorriam num ritmo acelerado.

A principal causa do aumento populacional do Rio deve-se como se ressaltou anteriormente, ao enorme contingente de ex-escravos que para lá se deslocou logo após o processo de libertação em busca de trabalho. De acordo com Nicolau Sevcenko:

“No início do século XX a população do Rio de Janeiro era pouco inferior a 1 milhão de habitantes. Desses, a maioria era de negros remanescentes dos escravos, ex-escravos, libertos e seus descendentes[...]. Essa população, extremamente pobre, se concentrava em antigos casarões do início do século XIX, localizados no centro da cidade, nas áreas ao redor do porto.” (p.21, 1998)

Portanto, os novos trabalhadores livres, sem salário e sem o mínimo necessário para sua sobrevivência, acabavam ocupando os casarões antigos do centro da cidade e áreas próximas ao porto, que, divididos em cubículos, eram alugados por diversas famílias. Eram os chamados cortiços, nos quais as condições de vida eram precárias: não havia infra-estrutura adequada nem condições sanitárias e a promiscuidade era uma constante. Este convívio aliado à falta de higiene, provocavam surtos de epidemias, como a difteria, a malária, a tuberculose, a lepra, o tifo, e das mais aflitivas varíola e febre amarela.

Como se pode perceber, o final do século para o Rio de Janeiro foi um momento de grandes transformações políticas e sociais. O grande contingente populacional que compunha a cidade neste momento, formado principalmente por ex-escravos, trouxe para o Rio conseqüências que persistiram durante muitos anos até serem resolvidas.

Um outro problema que incomodava o governo carioca, eram as más instalações do porto da cidade, que apesar de comunicar o país com a Europa, era muito pequeno e mal

projetado, fato que dificultava a recepção e o escoamento de produtos. A necessidade de mudanças era evidente: ao chegar no porto, muitos navios não conseguiam se aproximar e por vezes, tinham que ancorar à distância, transferir suas mercadorias a embarcações menores, para que estas, por fim, as trouxessem à terra.

A constatação de que o Rio necessitava de melhorias já se fazia neste momento, porém as questões econômicas não eram favoráveis, como se ressaltou anteriormente. O processo de modernização e de investimentos na capital do país somente se inicia quando o país supera a crise financeira, na primeira década do século XX, e reformas estruturais são executadas pelo prefeito Pereira Passos, no Rio.

Ao contrário dos escravos que instalavam-se na capital, a elite carioca (formada pela burguesia industrial, bancários e empreendedores estrangeiros que viviam no Brasil) encontrava-se em ótimas condições. Grandes casarões, festas, jantares, e reuniões estavam presentes na vida social dos integrantes desta classe social. Era uma parcela da população que estava preocupada em absorver as novidades que vinham da Europa, que havia se modernizado com as inovações surgidas com a revolução científico-tecnológica. No Brasil, a recepção de tendências européias era observada em tudo o que fosse considerado luxo pela elite: nos móveis, no estilo de decoração, na moda, e, inclusive na literatura. Havia, portanto a necessidade de estar atualizado com as novidades européias, para que não se fosse considerado ultrapassado, obsoleto.

Para os membros desta classe social, a França e a Inglaterra eram países que se destacavam em matéria de tecnologia, desenvolvimento intelectual e ensino e por isso eram modelos de civilização a serem seguidos no Brasil. Vale lembrar que muitos profissionais brasileiros iam à Europa para cursar Direito e Medicina. Por vezes, o estudo era imposto pelos pais aos filhos, dada a condição de status que esta situação proporcionava.

Se a ida para a Europa em prol dos estudos não pudesse acontecer por algum motivo, os herdeiros tinham uma outra possibilidade: a de estudar em colégios fundamentados na

educação européia. No Rio, o Colégio Pedro II, inaugurado em 1837, possuía um currículo baseado na educação clássica: línguas, literaturas, religião, história, filosofia e retórica eram seu enfoque principal, e deixava para plano secundário a matemática e as ciências. Os professores eram os melhores e também os mais rigorosos; a autoridade dos professores era respeitadíssima, bem como os horários e os prazos para as tarefas; os rapazes trajavam uniformes formais. Era, portanto, um colégio de disciplinas rígidas.

Para as moças da alta sociedade, havia o Collège de Sion, criado, principalmente, para educar aquelas cujos pais encontravam-se na Europa. É válido lembrar que ainda neste momento as mulheres sofriam com a restrição que se fazia da educação aos homens e que muitas delas não freqüentavam colégios, pois optava-se pela contratação de tutores e professores particulares em seus lares. Mas o Sion era um colégio interno cujos intuítos eram estritamente católicos e evangélicos, fato que levava-se a considerar normal o estudo fora dos lares. As aulas eram ministradas por freiras francesas e a maior parte do material e dos livros eram franceses. Em seu currículo estavam disciplinas como o português, o francês, as literaturas e história do Brasil e da França, a história da arte e da música, as ciências, a filosofia, o desenho, entre outras. O ambiente era marcadamente elitista e o estudo no Collège de Sion era muito procurado pela distinção social que proporcionava às alunas que nele se formavam. O estudo nestes colégios era altamente valorizado pela sociedade carioca que considerava os alunos nelas formados intelectuais completos, dignos de admiração. Era, também, mais uma forma de obter status perante a sociedade.

Mas a intensa influência da Europa no modo de vida dos brasileiros não se dava somente na educação. Também em outros âmbitos, como a moda, a literatura e a música, essa preocupação estava presente. Normalmente procuravam-se estar informados com o que era produzido no Velho Mundo e até adquirir edições de revistas, livros e tudo o que se referisse à Civilização.

Esses conhecimentos adquiridos por meio da informação sobre os hábitos europeus eram normalmente compartilhados em festas e reuniões sociais, nas quais, inclusive, por vezes, se falava somente em francês.

Os trajes festivos e também aqueles usados no dia-a-dia também faziam jus àqueles que se usavam nos frios países europeus. O vestuário francês e inglês eram os mais apreciados pelos cariocas. O vocabulário da moda era quase todo em francês: peignoir, bandeaux, pantoufle, chapeau. As mulheres não somente se vestiam à francesa, mas também andavam à francesa. Os vestidos eram de tafetá e seguiam moldes como cinturinhas de vespa com traseiros em tufo. Usavam-se, ainda, espartilhos de barbatana de ferro, botinhas de cano alto, leques de seda e luvas. O cabelo era enrolado no alto da cabeça e sobre ele colocava-se o chapéu, preso por um enfeite de madrepérola. Ao contrário das francesas, as cariocas não usavam maquiagem, nem nos lábios, nem no rosto, por motivos religiosos. E para completar, considerava-se que uma mulher elegante deveria ter sempre as mãos ocupadas com objetos como um leque, um lenço, uma sombrinha ou uma bolsa.

Com os homens, não era diferente: as preocupações com a elegância à francesa, faziam com que estes passassem horas nos barbeiros recebendo massagem capilar, pintando os cabelos de preto e modelando as pontas do bigode. Os trajes consistiam em numerosas peças de lã, usadas sobre outras de algodão ou linho. Os fraques eram geralmente azuis ou pretos; as calças, pantalonas e compridas. Usavam-se também coletes pretos. Nas ocasiões menos formais, era permitido usar lã xadrez grossa ou outros tecidos de lã de cores mais claras. Aos poucos a lã preta tornou-se a vestimenta adequada para o dia. Sob os casacos, havia ceroulas e camisas de manga comprida de algodão ou linho, com colarinhos apertados, engomados e presos com gravata longa ou borboleta. Os pés eram vestidos por sapatos abotoados e as mãos apareciam cobertas por delicadas luvas. Para completar o visual, usava-se a cartola ou um chapéu-coco. Nas ocasiões festivas usava-se o traje formal, que se compunha de fraque e colete branco.

Na decoração e na alimentação também, por vezes, cedia-se à influência européia. As mobílias eram geralmente importadas da França, da Inglaterra e da Itália. Da Inglaterra vinham, ainda, minérios, carvão, pólvora, ferramentas, louças, fazendas de lã e algodão e vinhos. Da França, os móveis, as tapeçarias, espelhos, pinturas, fazendas de seda, artigos de luxo, jóias, perfumes chapéus, livros, champagne e frutas secas. De Portugal, traziam-se azeitonas, cebola, vinagre, azeite, sal, erva-doce, remédios, manteiga, presunto, bacalhau, farinha de trigo, entre outros.

Tudo isso se fazia em prol da atualização e então de abandonar-se o sentimento de estar atrasado em relação ao que havia na Europa. Um outro costume bastante marcante neste período, era o de realizar passeios matinais. Ao realizá-los, o burguês mostrava sua vestimenta, sua educação, sua capacidade de falar francês, visitava as lojas de produtos importados, enfim, desfilava um conjunto de conhecimentos e situações que cumpriam os requisitos para se ser admirado perante a sociedade.

Esse comportamento do carioca do final do século, acaba se tornando mais evidente na primeira década do século XX, quando se moderniza o Rio de Janeiro e todo seu centro é reestruturado de modo a abrigar o Teatro Municipal, a Biblioteca nacional, entre outros. Neste momento há na verdade o ápice desta busca por valores europeus. Algumas ruas, inclusive, serão palco dos passeios da elite. A mais famosa delas era a Avenida Central. Outra que não se deve deixar de mencionar é a Rua do Ouvidor, que Luciano Trigo (TRIGO, 2001, p. 247) define como um “salão ao ar livre”, “feira de vaidades e amores” e “rainha da moda e da elegância”, por se tratar justamente de um espaço dedicado à vaidade, ao luxo e à exibição. A Rua do Ouvidor era um espaço onde os cavalheiros se reuniam nas cervejarias, para longas conversas e reuniões. Era, também, um centro comercial onde se localizavam as lojas mais elegantes e de melhor clientela. Abrigava, ainda, grande parte dos jornais cariocas, entre eles, o *Jornal do Commercio*,

o *Diário do Rio de Janeiro*, *A Reforma*, *O país*, a *Gazeta de Notícias*, *A Cidade do Rio*, *O Tempo*, *A República* e *O Século*.

Toda essa contextualização se justifica, na medida em que se tem como objetivo explicitar o momento histórico porque passavam a Europa e o Brasil, pois ambos relacionam-se diretamente ao objeto de pesquisa deste estudo – o *Suplemento Literário*. Nele encontram-se registros dos principais acontecimentos da Europa, que eram de sumo interesse da burguesia brasileira.

3. A nova imprensa

Nesse período de intensas transformações decorrentes da Revolução Industrial, assim como na Europa, houve, no Brasil, o desenvolvimento e a modernização da imprensa. É importante destacar que alguns periódicos já estavam instalados no país, porém suas condições eram primitivas. O jornalismo brasileiro ficava essencialmente restrito às publicações feitas pelo *Jornal do Comércio* e por alguns jornais menores até este momento.

Porém, devido ao grande número de acontecimentos de ordem política e social faz-se necessária a presença de uma imprensa engajada. A modernização dos processos de comunicação e o surgimento de novas máquinas para impressão seriam peças-chave no processo da consolidação dos meios informativos.

No Brasil, esse processo ocorre gradualmente. De 1870 a 1872, surgem no país mais de vinte jornais com motivação política, pois visava-se à proclamação da República. Deste período em diante, surgem inúmeras revistas ilustradas, que tiveram seu nascimento facilitado, devido ao avanço das técnicas da imprensa. Dentre as mais importantes revistas do século XIX, destacam-se *A Cigarra* e *A Bruxa*, comandadas por Olavo Bilac e Julião Machado. Os periódicos

ilustrados, por sua vez, eram ainda impressos no exterior: *A Estação* era publicada em Paris; e a revista *O novo mundo*, em Nova Iorque.

Em 2 de agosto de 1875, surge na capital imperial brasileira - o Rio de Janeiro - o jornal *Gazeta de Notícias*, periódico dirigido por Ferreira de Araújo, figura de grande apreço na elite carioca, que teve um papel importante na modernização da imprensa daquele momento, como declara Nelson Werneck Sodré (SODRÉ, 1993, p.257): “Homem de iniciativas, tendo reformado a imprensa do seu tempo, para dar espaço à literatura e às grandes preocupações, com desprezo pelas misérias e mesquinhas da política”.

Grande personalidade ligada à cultura, o diretor era conhecido por sua opinião de que a literatura e as artes deveriam chegar com mais facilidade ao grande público. É com esse intuito, pois, que rege seu jornal, cuja característica principal viria a ser sua abertura às artes, diferentemente do que ocorria nos demais veículos de informação da época.

Apesar do formato modesto elaborado com colunas estreitas a *Gazeta* mostrava-se um periódico que iria progredir e permanecer por algumas décadas.

A relevância deste periódico neste momento do século XIX reside, pois, no fato de que, pela primeira vez, a literatura torna-se um objeto de fácil acesso. Restritos anteriormente aos segmentos de maior poder aquisitivo ou aos estudantes que podiam viajar à Europa, os textos de valor literário não atingiam a maior parte da população do Rio, devido ao seu alto custo quando publicados em livro.

Por isso, pode-se dizer que Ferreira de Araújo proporcionava naquele momento uma democratização de obras literárias, pois em seu jornal fazia publicações de algumas delas, a preços relativamente baixos, assim como registra Sodré: “A *Gazeta de Notícias* era, realmente, jornal barato, popular, liberal, vendido a 40 réis o exemplar”.(1966, p. 257).

É possível citar este fato como um marco para a imprensa brasileira, tendo em vista que em nenhum outro período teria havido uma participação tão grande da população

relacionada à leitura de clássicos. Vale lembrar, apenas para dados comparativos, que, embora as taxas de analfabetismo fossem altas, neste período houve também um crescimento populacional considerável, o que favorecia ainda o aumento do número de leitores na época. Houve, portanto, uma transformação de suma importância social em relação à divulgação e consumo de obras literárias.

De uma outra perspectiva, o surgimento de novos periódicos possibilitou mudanças também no modo de vida dos escritores da época, que, justamente pelo restrito acesso de suas obras apenas à elite, não podiam dedicar-se somente a esta carreira. Ocorre, então, uma oportunidade que outrora jamais existira: era possível, com o trabalho na imprensa, "sustentar uma vida, mesmo que precária". (NEEDELL, 1993, p.221). Seria praticável, deste modo, exercer o ato de escrever como uma profissão que traria retorno financeiro.

Por este motivo, a *Gazeta de Notícias* pode ser considerada uma das grandes divulgadoras e financiadoras das letras. O periódico cedia espaço aos escritores nacionais para que pudessem divulgar suas obras. Havia ainda uma grande abertura a escritores estrangeiros, que inclusive recebiam mais que os escritores brasileiros, porém, é inegável que ocorreram também muitas transformações no modo de vida dos artistas nacionais : “Surgiram as condições para a formação de uma verdadeira boêmia, com uma vida independente da sociedade estabelecida e completamente dedicada às letras”. (NEEDELL, 1993, p. 221)

Surge, então, uma nova parte da sociedade dedicada à produção artística mais empenhada, pois era possível agora escrever e ser lido; pintar, e ser apreciado.

Mas é fato notório que essa novidade na *Gazeta* tinha como intuito sua consolidação, pois como era um dos únicos jornais a veicular conteúdo literário, tornava-se atraente tanto à elite, que o considerava inigualável por seu alto grau de cultura, quanto à população, e, ainda, aos produtores destas obras, que agora teriam um público considerável para seu trabalho e uma maneira de sobreviver daquilo que escrevessem.

Em 1889, estando o regime político republicano apenas em seu início, de acordo com Sodré, um correspondente de um jornal parisiense no Brasil cujo nome o autor não revela, comenta sobre a imprensa do país e destaca: “Os dois maiores jornais brasileiros, o *Jornal do Comércio* e a *Gazeta de Notícias*, realizam excelentes negócios; têm tantos anúncios que, não lhes bastando a terceira e quarta páginas, dedicam-lhes um suplemento”. (SODRÉ, 1966, p.288). E continua:

A *Gazeta de Notícias* é muito diferente; sua impassibilidade não consiste em registrar passivamente os acontecimentos; tem como redator-chefe o dr. Ferreira de Araújo e nisso está sua força[...]. Talvez [ele] seja o único, em seu jornal e no seu país a ter uma idéia justa da verdadeira missão do jornalista [...]. (p.288).

É como novo modelo de imprensa, com seus ideais inovadores que a *Gazeta de Notícias* começava a se fixar.

4. A relação entre Eça de Queirós e a *Gazeta de Notícias*

Antes de se adentrar no estudo do *corpus*, é fundamental que se conheça, mesmo que sucintamente, a carreira do jornalista Eça de Queirós e como ela se sucedeu dentro da *Gazeta de Notícias*.

Vale dizer que Eça de Queirós foi um dos colaboradores memoráveis da *Gazeta*, pois o escritor inicia sua participação no periódico cinco anos depois de sua fundação.

Porém, desde 1871, possuía prestígio no Brasil com suas obras ficcionais e não ficcionais. De acordo com o estudioso da Literatura brasileira, Brito Broca, Eça "não foi somente uma grande influência na literatura brasileira, foi também moda literária" (1956, p.122).

Por volta de 1878, tem sua divulgação no país o romance *O Primo Basílio*, cujo enredo estimula a admiração dos intelectuais brasileiros por Eça. Nas décadas finais do século XIX e no início do século XX, muitos escritores, a exemplo de Olavo Bilac, artista que já tinha

certo prestígio na sociedade carioca desta época, vivenciavam os romances queirosianos em seu dia-a-dia:

No começo do século Eça continuava a ser uma obsessão para muitos intelectuais brasileiros. E presenciavam-se episódios como este: numa partida de Olavo Bilac para a Europa, os amigos, ao acompanhá-lo a bordo, recitavam versos com alusões aos personagens do romancista português. Bilac ia a Portugal e era como se fosse encontrar aquela comparsaria dos "Maias", do "Primo Basílio", da "Relíquia", tida como criatura de carne e osso, gente de verdade por todos os leitores e admiradores de Eça [...]. Ao chegar a Lisboa, Bilac apressa-se a telegrafar aos amigos, declarando que beijara por todos o bronze de Eça, na praça Barão de Quintela. (BROCA, 1966, p.122)

Essa popularidade do escritor no Brasil, abre caminhos para outros trabalhos que o consagrarão ainda mais, como a colaboração no jornal carioca *Gazeta de Notícias*.

Como seu estilo de narrar, peculiarmente irônico, havia consagrado sua obra no Brasil, e a *Gazeta* tinha interesse em manter grandes escritores em suas páginas, Eça é convidado a colaborar neste famoso periódico. A integração do escritor com a *Gazeta de Notícias* ocorre por meio da publicação de suas crônicas escritas na tarefa de correspondente estrangeiro.

Mas sua contribuição para o jornal cresce com o passar dos anos. Eça atua como correspondente, publica trechos de romances e, por fim, recebe o convite de dirigir o *Suplemento Literário*, um espaço de duas páginas em que predominaria sua opinião. O espaço de tempo que Eça se mantém na *Gazeta* ocorre entre os anos de 1880 e 1897.

De acordo com a obra *Textos de Imprensa IV*, de Elza Miné, que revela detalhes da atuação de Eça na *Gazeta*, sua primeira colaboração vem publicada no dia 24 de julho de 1880 e se repete mensalmente até fevereiro de 1882. De março a outubro desse mesmo ano, continua enviando textos à *Gazeta*, embora com intervalos maiores. Nos três anos subseqüentes, a *Gazeta* não publica textos do escritor. Porém, em 1887, Eça retorna ao periódico e, desta vez, publica a obra *A Relíquia*. De 1889 a 1891, há um novo intervalo do qual Eça somente retorna por meio da publicação, em 1892, do *Suplemento Literário*, "um projeto queirosiano para o Brasil", como

afirma a estudiosa de Eça jornalista, Elza Miné (2000, p.61). Mesmo com o término deste projeto, meses após sua concretização, a contribuição do escritor iria manter-se, sem pausas, até setembro de 1897, período em que publicou, além de textos jornalísticos, textos de ficção como cartas de Fradique Mendes e os contos "Civilização" e "O defunto".

A presença de Eça na *Gazeta de Notícias* por quase vinte anos revela a credibilidade que se atribuíam aos textos por ele escritos e também o valor de manter um autor consagrado nas páginas do periódico. Além disso, como um colaborador europeu, diferentemente dos jornalistas brasileiros, Eça enriquecia as páginas do jornal com opiniões de um estrangeiro, com o ponto de vista de um europeu. Este fato agradava grandemente a sociedade carioca que estava voltada à imitação dos costumes do Velho Mundo.

E muito viria a agradecer a presença de um *suplemento literário* sobre a Europa na *Gazeta* que fosse escrito e supervisionado por um autor e jornalista de grande fama, como Eça de Queirós. Com um informativo inteiramente voltado às notícias dos grandes centros de cultura como Paris e Londres, a *Gazeta* atendia ao principal interesse de seus leitores.

A contextualização do momento histórico por que passava a Europa revela, portanto, dados sobre o panorama vivenciado por Eça e alguns de seus colaboradores – que naquele continente escreviam seus artigos e para o Brasil os enviavam por pacote.

Já o detalhamento dos acontecimentos históricos e sociais do Brasil, em especial do Rio de Janeiro, que era a capital do país e onde era publicado o *Suplemento Literário*, permite que se entenda o motivo do surgimento deste informativo cultural e que se compreenda seu intuito de relatar os principais acontecimentos culturais, sociais, econômicos, entre outros, que ocorriam na Europa para os brasileiros.

Essas duas contextualizações associadas ao resumo da carreira de Eça de Queirós auxiliam no entendimento do processo de criação do *Suplemento Literário*, esclarecendo o

motivo pelo qual elaborou-se um informativo sobre a cultura européia para o Brasil e o porquê da escolha de Eça de Queirós, um europeu, portanto, como seu diretor. Ilustram, ainda, social e historicamente o local de onde eram extraídas as notícias e o local onde estas eram recebidas, propiciando que se trace um paralelo entre as duas realidades – européia e carioca. Por fim, o levantamento das questões históricas possibilita uma melhor leitura dos textos que compunham o *Suplemento* e que integram o *corpus* deste estudo.

Todas essas considerações fornecem instrumentos para que se compreenda as informações que eram escolhidas para compor cada número do *Suplemento*.

No segundo capítulo deste estudo, procurou-se elaborar uma apresentação deste informativo, atentando-se para uma descrição do formato com o qual chegava até o leitor, isto é, dos aspectos estruturais que o compunham, e também para a temática dos textos, ou seja, os assuntos que eram escolhidos para serem lidos pela elite brasileira.

Capítulo 2

O Suplemento Literário da Gazeta de Notícias

Eça de Queirós exerceu na *Gazeta de Notícias* vários tipos de funções, dentre as quais, a de cronista e a de correspondente no exterior, atuando em cidades européias, de onde fornecia o panorama tanto político como social.

As contribuições que realizou neste periódico sob a função de correspondente mantiveram-se basicamente nas seções³ fixas *Notas Contemporâneas*, *Colaboração Européia*, *Ecos de Paris*, *Cartas Familiares de Paris*, *Bilhetes d'aquém-mar* e *Bilhetes de Paris*.

Nos jornais brasileiros, a função de correspondente no exterior consistia basicamente em relatar para o país os acontecimentos mais importantes da Europa. Como Eça desempenhava esta tarefa com sucesso para a *Gazeta*, surge naturalmente o convite para realizar

³ Toma-se como conceito de seção o definido por Carlos Alberto Rabaça, em *Dicionário da Comunicação*: "Parte de uma publicação ou de um programa de rádio ou TV, etc; onde se agrupam informações do mesmo gênero, ou sobre um mesmo tema. Ex.: esportes, notícias, internacionais, economia, política, cidade, polícia, artes, etc". (p.421, 1978)

um outro tipo de trabalho, muito parecido com este: a direção de um *suplemento literário* dedicado exclusivamente às notícias das capitais européias.

Em 1891, por ocasião de uma viagem à Europa de Ferreira de Araújo, devem ambos ter discutido a questão do “Suplemento Literário”, pois que Eça escreve ao brasileiro Domício da Gama, seu amigo e futuro colaborador no Suplemento: “Estimo muito que o Araújo tivesse afeiçoado a idéia, que é, com efeito, boa”, acrescentando: “Eu procurei-o, mas sem o encontrar. Espero, querendo Deus, achá-lo amanhã para conversar sobre o caso.” (Miné, 2000, p. 65)

As conversas sobre a criação de um *Suplemento*, são quase sempre mencionadas por cartas aos amigos, a quem Eça escrevia com freqüência, para consultá-los ou torná-los cientes de seus novos projetos. Em carta a Domício da Gama, a 8 de setembro de 1891, Eça elucida sua negociação a respeito do *Suplemento*:

O nosso bom Ferreira de Araújo escreveu-me, com efeito, comunicando a aprovação plena da *Gazeta*; mas como me deu apenas por *adresse* “Anvers”, toda a Anvers, eu não suponho que ele seja já tão conhecido nessa vaga Anvers como o Rubens, não lhe mandei logo uma resposta direta, que provavelmente ficaria encalhada no Correio. Tratei, porém, desde logo, da organização do Suplemento. Assinei jornais, procurei *bureau*, estudei mobília, sondei tradutor. A maior dificuldade tem sido *bureau*, que não consigo descortinar num sítio central, acessível e por preços humanos. Suponho que, querendo Deus, poderemos lançar para o fim deste mês o primeiro Suplemento – que depois de reflexão será arranjado num princípio diferente, mais interessante e mais literário (LYRA, 1966, p.156).

Eça passaria então a colaborar não mais com seções a integrarem o corpo do jornal “*Gazeta de Notícias*”, mas com um projeto autônomo, onde seriam transmitidas informações mais específicas, coletadas do cotidiano europeu ou mesmo de revistas científicas e literárias assinadas por Eça para esta finalidade.

Fisicamente, o *Suplemento* apareceria na *Gazeta* como um “encarte”, a princípio entre as páginas 2 e 3, e depois, a partir do quarto número, entre as páginas 4 e 5, de acordo com material consultado no CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa)⁴.

Tinha exatamente duas páginas, ou uma folha, e aparecia como um “bônus”, se se considerar que seu conteúdo estava centrado em relatar absolutamente todos os tipos de questões culturais que se relacionassem à Europa. Era, portanto, uma fonte de assuntos culturais, e, um instrumento essencial para aqueles que queriam estar informados sobre as novidades que surgiam no grande centro cultural que eram as capitais Paris e Londres e que funcionava como um meio autônomo, isto é, independente da *Gazeta*.

Portanto, no *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias* recolhiam-se as informações culturais da Europa, para dessa forma fornecer um panorama àqueles que dela estavam fisicamente distantes.

Embora as negociações a respeito do *Suplemento* tenham acontecido no final do ano de 1891 e se desejasse sua primeira publicação para aquele mesmo ano, o lançamento ocorre somente em 18 de janeiro de 1892. Em carta a Jaime Batalha Reis, a 21 de outubro de 1891, Eça relata o motivo dos atrasos em relação ao informativo cultural da *Gazeta de Notícias* e a intenção de publicá-lo no próximo mês, portanto em novembro de 1891:

O atraso e paragem do Suplemento – proveio simplesmente de que Ferreira de Araújo desejava que se não desse um passo sem ele voltar porque tinha recebido novas comunicações do Brasil. Chegou ontem, esteve aqui comigo. Suas comunicações não alteram na sua essência o que tínhamos combinado. É pois urgente começarmos o trabalho. Vou te mandar a Revista que já tenho recebido, e o livro de contos. Faze o que puderes, - e na melhor letra que puderes, porque por ora não temos copista. O que fores fazendo manda. Se Deus quiser, procuraremos lançar o 1º Suplemento para o começo do mês que vem. Eu já disse ao Ferreira de Araújo que tu estavas trabalhando

⁴ Na obra *Textos de Imprensa IV*, a estudiosa Elza Miné comenta sobre a localização do *Suplemento Literário*. De acordo com Miné, ele aparecia sempre entre as páginas 2 e 3, com base no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Suplemento da Gazeta de Notícias

SUMÁRIO

A Europa em resumo
 A Europa por lá, sobre o mundo
 A Europa por cá, sobre o mundo
 A Europa por lá, sobre o mundo
 A Europa por cá, sobre o mundo

A EUROPA EM RESUMO

EUROPA SUPREMACIA

Em todos os pontos da Europa, a supremacia europeia está sendo afirmada com uma força cada vez mais poderosa. A Europa por lá, sobre o mundo, e a Europa por cá, sobre o mundo, mostram uma tendência clara para a supremacia europeia. A Europa por lá, sobre o mundo, e a Europa por cá, sobre o mundo, mostram uma tendência clara para a supremacia europeia.

LIVROS NOVOS

Memórias de General Barro de Mariz

Memórias de General Barro de Mariz, de José de Sousa. O livro narra as experiências de guerra e a vida política do general. É uma obra importante para a história do Brasil e da América Latina.

NOTAS DE UM CURIOSO

OS HERÓIS DA SOMBRA

Notas de um curioso sobre os heróis da sombra. O autor narra histórias de pessoas que vivem na sombra da sociedade, mas que têm grandes realizações. É uma obra interessante para quem gosta de histórias de vida.

SCIENCIAS

A MEDICINA CONTRA OS DOENTES

A medicina contra os doentes. O artigo discute as novas descobertas científicas na área da medicina e como elas podem ajudar a tratar doenças. É uma obra importante para quem se interessa por ciência e saúde.

BELLAS ARTES

A MISSÃO NA EUROPA

A missão na Europa. O artigo discute a importância da arte e da cultura na Europa e como elas podem ajudar a construir uma sociedade mais justa e equitativa. É uma obra importante para quem se interessa por arte e cultura.

HISTÓRIAS SINGULARES

INCIDENTOS CORTES DE JUDAS

Incidentes cortes de Judas. O artigo narra histórias interessantes e curiosas sobre a vida de Judas e sua família. É uma obra interessante para quem gosta de histórias de vida.

NOTÍCIAS

NOTÍCIAS DE VARIAS PARTES

Notícias de varias partes. O artigo traz notícias de varias partes do mundo, incluindo notícias sobre a política, a economia e a cultura. É uma obra importante para quem se interessa por notícias.

ARTIGOS

ARTIGOS DE VARIAS PARTES

Artigos de varias partes. O artigo traz artigos de varias partes do mundo, incluindo artigos sobre a política, a economia e a cultura. É uma obra importante para quem se interessa por artigos.

OPINIÃO

OPINIÃO DE VARIAS PARTES

Opinião de varias partes. O artigo traz opiniões de varias partes do mundo, incluindo opiniões sobre a política, a economia e a cultura. É uma obra importante para quem se interessa por opiniões.

CRÔNICA

CRÔNICA DE VARIAS PARTES

Crônica de varias partes. O artigo traz crônicas de varias partes do mundo, incluindo crônicas sobre a política, a economia e a cultura. É uma obra importante para quem se interessa por crônicas.

Primeira página do primeiro número do Suplemento Literário da Gazeta de Notícias

The main body of the newspaper page, containing multiple columns of text. It includes various news items, reports, and commentary. The text is densely packed and covers the majority of the page's area.

THEATROS

Pessoas e Casos

O Dinheiro

A elegancia e a moda

O BRASIL NA EUROPA

– o que te garante ordenado pelo mês que corre, penso eu. Pelo menos desde 15. Espero, tenho a certeza que o Araújo está de acordo⁵.

Apesar do atraso maior do que o esperado entre a negociação e o lançamento do *Suplemento*, a partir de janeiro de 1892 acontecem as publicações mensais do informativo.

As datas em que aparece na Gazeta de Notícias são 18 de janeiro de 1892, 8 de fevereiro, 29 de fevereiro, 21 de março, 26 de abril e 13 de junho, às segundas-feiras, exceptuando-se o número de abril, que se publica na terça-feira. Elza Miné salienta que “a ausência de um número em maio talvez se explique pelo prolongamento da permanência de Eça em Portugal (abril e maio)”. (MINÉ, 2002, p. 21)

1. O *Suplemento Literário*: descrição

A estrutura física do *Suplemento Literário* apresenta grande relação com seu conteúdo e com algumas mudanças que vão ocorrendo progressivamente a cada publicação.

Sua composição estritamente textual composta por notícias, crônicas e notas, excluía a publicação de charges, ilustrações, anúncios comerciais, fotos ou qualquer tipo de manifestação não-verbal.

Trata-se, portanto, de uma estrutura fechada, que se voltava à leitura, à informação, porém, mas que não deixava a seriedade de que se compunha ofuscar textos humorísticos, como os que aparecem na seção “Histórias singulares”, de que se comentará.

A parte gráfica do *Suplemento* seguia o mesmo padrão em todos os números: compunha-se sempre de 16 colunas⁶, 8 em cada página:

⁵Cf. Eça de QUEIRÓS. *Correspondência*. 2vols, leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho. Lisboa, Imprensa Nacional /Casa da Moeda, 1983.

⁶ Cada uma das divisões verticais, geralmente padronizadas, de uma página (...) ou de uma tabela, separadas por fio de coluna ou linha de branco. (RABAÇA, p.102, 1978).

Como se pode observar na figura, no alto da página aparece em destaque o título *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias*. A letra utilizada em sua escrita tem tamanho maior que as letras das seções internas e segue um estilo rebuscado de escrita, como se fosse uma letra “enfeitada” ou enriquecida, com aspecto totalmente diferente da letra empregada no restante do informativo.

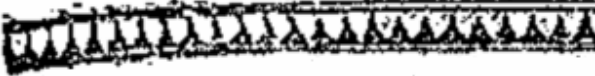
O título *Suplemento Literário* aparece em itálico enquanto que “Gazeta de Notícias” permanece apenas com a formatação “rebuscada”, sem outro tipo de destaque:



Nestas seis primeiras palavras do título do *Suplemento* destaca-se a norma padrão da língua portuguesa da época: aparecem duas letras “pê”, em “Suplemento” e dois tês, em “Literário”. Nota-se, ainda, a ausência de acentuação nos vocábulos “literário” e “notícias”.

Durante todo o corpo do texto foram notadas também outras palavras em que se verá esse aspecto da linguagem que se utilizava naquele momento, inclusive em títulos de seções, como “Ciências”, escrito como “Sciências” e “Belas Artes”, escrito como “Bellas Artes”.

Logo abaixo do título, no canto superior esquerdo, aparece um pequeno sumário, que teria, como finalidade, fornecer ao leitor os títulos das seções e de algumas matérias, permitindo um acesso rápido ao conteúdo:



SUMÁRIO

Um santo moderno.
Livros novos.
Sciencias.
Bellas Artes.
A morte do duque de Clarence.
Pessoas e casos.
Theatros.
O Dinheiro.
O Brasil na Europa.

O sumário do *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias*

Abaixo do sumário, aparecem os artigos, ou seja, “Textos jornalísticos interpretativos e opinativos, mais ou menos extensos, que desenvolvem idéias ou comentam assuntos a partir de uma dada fundamentação” (RABAÇA, p.25, 1978).

Nos seis números, os textos que integram as colunas iniciais, pertencem a Eça de Queirós⁷. Portanto, logo abaixo do sumário viriam a coluna assinada por Eça, única de lugar fixo no *Suplemento*.

Os demais textos e seções não tinham uma posição fixa no *Suplemento*. Geralmente tentava-se manter a página em que apareciam, porém, há muitos exemplos de seções que estão em lugares totalmente diferentes comparando-se sua posição entre os números.

A inserção dos textos era, portanto aleatória, sem lugar fixo. Assim também era feito com relação à presença ou ausência dos textos, ou seja, não havia nem rigidez com relação à fixação de uma coluna para uma determinada seção, nem com relação a mantê-la no número.

Com base nisto, pode-se dizer que, em relação à estrutura o *Suplemento Literário* era maleável, ou seja, alterações eram feitas de acordo com a vontade ou a necessidade do diretor, e, portanto, não existiam regras rígidas para sua apresentação formal.

E se ocorria maleabilidade para a questão formal, isto ocorria também com relação ao conteúdo dos textos que se publicavam a cada mês. Observando-se atentamente o *Suplemento*, nota-se que a inserção ou a exclusão de determinadas seções ocorria sem regras. A flexibilidade com relação aos conteúdos também é um fato notório, pois retira-se, por exemplo, uma seção sobre livros, como “Livros Novos” e insere-se um outro texto menos literário.

Pode-se destacar ainda sobre a estrutura do *Suplemento*, que esta preservava alguns aspectos da diagramação do periódico ao qual pertencia, ou seja, da *Gazeta de Notícias*, mas também tinha peculiaridades. Com relação a estas características, pode-se evidenciar a total ausência de anúncios ou gravuras ou outro tipo de sinalização que pudesse romper com a fluência

⁷ Faz-se exceção a “Hábitos de Gladstone”, no quarto número, único que não possui assinatura.

das seções. O *Suplemento* constituía-se de um informativo inteiramente formado por linhas textuais e não se pode achar nele nenhum exemplo de publicidade ou mesmo de anúncios publicitários ou notas de falecimento em destaque. Estas últimas características, por sua vez, integravam comumente as páginas da *Gazeta*. No entanto, desta se preserva a diagramação, especificamente no que concerne às colunas, mantendo-se o mesmo número de colunas por página, oito no total.

Normalmente os títulos das seções aparecem em destaque, com uma letra maior que as do restante do texto. Os títulos dos textos dentro de cada seção também aparecem destacados, mas em tamanho menor.

O tamanho de cada seção varia de acordo com a necessidade que o texto impõe, mas geralmente não ultrapassam a duas colunas e meia. Para comprovar tal indicação, tem-se, como testemunha, o autor da seção “Os Teatros”: os artigos que nele iriam sair não deveriam ser extensos, pois o diretor do *Suplemento* o queria “muito variado”:

Como este artigo já está muito estirado, e o Eça de Queirós quer o suplemento muito variado, não posso desenvolver o caso; mas há uma tal penúria de peças em Paris, dignas de atenção, que é possível que para o próximo número eu me ocupe desta, não pelo que ela vale, mas para tornar saliente a injustiça relativa de Sr. Sarcey, em relação ao autor de *Mar.* (18/01, SL 1)⁸

Como se pode notar, o diretor Eça de Queirós tinha como intuito manter no *Suplemento* textos de pouca extensão, com a finalidade de que nas duas páginas de cada número coubessem a maior quantidade possível de assuntos, e também para que os artigos não se tornassem muito longos, a fim de não produzir cansaço ao serem lidos. Um outro testemunho, coletado da seção “O Dinheiro” demonstra estas preocupações: “- Filho, não acha que doze tiras

⁸Para referenciar os exemplos das seções, utilizaremos a data de publicação do artigo e também o número cronológico de publicação do suplemento literário, com estas indicações. Exemplo: (18/01, SL 1.) – para uma seção que tenha saído no primeiro número do Suplemento literário, que tem a data de 18 de janeiro. Quando houver mais de um texto intitulado, colocar-se-á seu título, na referência.

sobre dinheiro é muito papel? Quem diz isso é o diretor do Suplemento, e eu tenho de deixar o resto para outra vez”. (18/01, SL1)

Mais uma vez pode-se notar também a direção de Eça e o modo como conduzia a produção do *Suplemento*.

Lembrando-se mais uma vez que o objetivo que se pretendia com o *Suplemento Literário* era o de relatar “a Europa em resumo⁹”, ou seja, mostrar uma quantidade significativa de assuntos relacionados ao Velho Mundo para aqueles que viviam no Brasil, fossem brasileiros, fossem europeus. Para isso, faz-se necessário observar o conjunto temático formado pelas seções, pois nota-se que alguns dos textos e seções integrantes do *Suplemento* não se relacionavam nem às artes nem à literatura, apesar de seu título incluir o adjetivo “literário”.

Dessa forma, portanto, cabe a tentativa de saber o porquê eram escolhidos determinados temas e determinadas seções que não eram literárias a integrarem um *Suplemento* que se diz literário.

Assim, poderá ser verificado se havia correlação entre o título *Suplemento Literário* e o conteúdo que nele era veiculado, e se poderá compreender se se tratava de uma ferramenta estritamente literária ou de um encarte autônomo que tinha também a tarefa de informativo cultural, de informativo sobre variedades.

2. Um veículo estritamente literário ou também um informativo cultural?

No *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias* reuniam-se informações recolhidas dos jornais e revistas da época, as quais Eça de Queirós, o diretor, assinou de modo que grande parte dos assuntos em evidência no continente europeu deixasse de estar incluído no *Suplemento*. Em carta a Domício da Gama, a 8 de setembro de 1891, três meses antes da

⁹ “A Europa em Resumo” é o título do texto de abertura do Suplemento, cuja assinatura é de Eça de Queirós.

publicação do primeiro número, Eça escreve: “Tratei, porém, desde logo, da organização do Suplemento. Assinei jornais, procurei *bureau*, estudei mobília, sondei tradutor.” (LYRA, p.156, 1966).

A preparação para a confecção do *Suplemento* fica evidente na passagem acima que demonstra que a preocupação com o informativo ia desde a assinatura de fontes para os colaboradores do *Suplemento*, até a procura de um lugar para as reuniões.

O cuidado com o *Suplemento*, a busca de meios para facilitar a confecção dos textos, entre eles, a assinatura de jornais e revistas, auxiliavam na produção de textos “variados”, como objetivava Eça.

Seções e textos que compõem o *Suplemento* demonstram a variedade de temas que o compunham: “A morte do Duque de Clarence”, “Soldados alemães e estudantes russos: dois terríveis relatórios”, “Um astro denunciado”, “Meios de correr mundo e de falar à distância”, “A mais velha e a mais pequena das repúblicas”, “O inferno”, “Receita para os brasileiros terem ainda mais filhos”. Tais textos inserem enfoques sobre outras áreas diferentes de literatura, pois centram-se em relatar episódios sociais, em acrescentar conhecimentos gerais ou apenas em noticiar fatos cotidianos.

Há também espaço para a literatura e as artes. Os textos destas áreas aparecem em seções como “Belas Artes”, “As literaturas estrangeiras na Inglaterra”, “Acontecimentos artísticos”, “A música na Europa: A música na Inglaterra e os concertos em Paris e Londres” e “Os novos processos de pintura e o salão dos independentes em Paris”.

Os testemunhos dos colaboradores do *Suplemento* sobre a questão de Eça pretender fazer deste informativo “muito variado”, como se ressaltou anteriormente, também colaboram no sentido de notar que não se pretendia ficar restrito às letras.

Assim, uma vez que o conteúdo do *Suplemento Literário* dividia-se entre as diversas áreas de conhecimento que se poderia ter, fossem científicas, culturais artísticas ou literárias, pode-se dizer que é válido considerá-lo um informativo cultural ou de variedades, e,

também de um informativo literário, pois conseguia de forma equilibrada informar sobre todos estes campos.

3. A relação entre o conjunto temático dos textos e seções e o objetivo do *Suplemento*

Ao observar a estrutura do *Suplemento*, sempre composta por oito a onze textos diferentes, nota-se que o espaço de duas páginas não era empecilho para que o objetivo de fornecer um retrato sob diversos ângulos do continente Europeu se concretizasse.

Pode-se dizer que, para esse intuito ser alcançado, os temas abordados por cada seção e por cada texto variavam a cada novo número, porém mantinham-se nos paradigmas cultura, conhecimentos gerais e arte, ou seja, os temas preconizados na escolha dos textos que integrariam o *Suplemento*, raramente estavam dissociados do ideal de propagar a arte e a cultura.

Na tabela abaixo, registram-se as seções e textos presentes no primeiro número do *Suplemento Literário*, bem como os temas aos quais estavam relacionados:

1º número – 18 de janeiro de 1892	
Seções/textos	Temas
A Europa em Resumo - o nosso suplemento ¹⁰	
Notas de um Curioso	Ciências
Livros Novos	Literatura
Ciências	Ciências
Belas Artes	Artes
Os Teatros	Artes
Pessoas e Casos	Variedades
O Dinheiro	Economia
A Elegância e a Moda	Variedades
O Brasil na Europa	Conhecimentos gerais
Historias Singulares	Literatura

¹⁰ Este texto comenta sobre o Suplemento e, portanto, não se relaciona com outras áreas.

Como se pode ver, os temas que aparecem no primeiro número auxiliam na compreensão das áreas às quais o *Suplemento* estava voltado. Nos textos em que se nota o tema “variedades”, ocorre geralmente um relato sobre um assunto corriqueiro ou uma nota sobre alguma personalidade da época, relacionada às altas camadas da sociedade européia. São textos que de certa forma destoam do ideal literário e artístico.

2º Número - 8 de fevereiro de 1892	
Seção/ texto	Temas
A decadência do riso	Literatura
Ciências	Ciências
Belas artes	Artes
Teatros	Artes
Pessoas e casos	Variedades
O Dinheiro	Economia
Livros novos	Literatura
O Brasil na Europa	Conhecimentos Gerais
Histórias singulares	Literatura

As tabelas do primeiro e segundo números demonstram que inicialmente a estrutura do *Suplemento* se mantém, e é composta praticamente de seções repetidas, que preservam os temas artes, literatura.

Porém, observando-se a escala de textos e seções dos demais números nota-se claramente que este informativo era uma fonte de conhecimentos séria e abrangente, mas que também não deixava de abordar notícias casuais que pudessem interessar aos que viviam no Brasil:

3º Número- 29 de fevereiro de 1892	
Seção/texto	Temas
Um Santo Moderno	Literatura
Livros Novos	Literatura
Ciências	Ciências
Belas Artes	Artes
A morte do duque de Clarence	Variedades
Pessoas e casos	Variedades
Os Teatros	Artes
O Dinheiro	Economia
O Brasil na Europa	Conhecimentos Gerais

No terceiro número, nota-se que surge um texto desvinculado de seções – “A morte do duque de Clarence”. Começava, portanto a transformação estrutural do *Suplemento*.

4º número – 21 de março de 1892	
Seção/texto	Temas
Hábitos de Gladstone	Literatura
Ciências	Ciências
Belas artes	Artes
Uma conversa com Renan	Conhecimentos Gerais
Soldados alemães e estudantes russos: dois terríveis relatórios	Conhecimentos gerais
Os Teatros	Artes
Ecos contemporâneos	Variedades
Livros novos	Literatura
Pessoas e casos	Variedades
Pantomimas	Artes

No quarto número, há uma mudança maior, pois aparecem mais textos independentes e inclui-se uma nova seção, que não havia aparecido anteriormente “Ecos contemporâneos”, que tem uma vida curta, permanecendo somente neste número. Vale ressaltar que até esta publicação, algumas das seções que apareciam nos primeiros *suplementos* já desapareceram, como “O Brasil na Europa” e “O Dinheiro”.

Mas as mudanças mais significativas em termos de estrutura ocorrem nos últimos números, em que as seções são suprimidas em prol da inserção de textos independentes:

5º número – 26 de abril de 1892	
Seção/texto	Temas
O imperador Guilherme	Conhecimentos Gerais
O centenário de Rossini	Artes
Belas artes	Artes
Livros Novos	Literatura
As literaturas estrangeiras na Inglaterra	Literatura
A história do Amor, a história do Vestuário e a história da Mobília	Artes e variedades
Acontecimentos artísticos	Artes
Um astro denunciado	Conhecimentos gerais

Meios de correr mundo e de falar à distância	Variedades
A mais velha e a mais pequena das repúblicas	Conhecimentos gerais
Histórias singulares	Literatura

No quinto número, preservam-se somente três seções: “Belas Artes”, “Livros Novos” e “Histórias singulares”, cujo nome está oculto, aparecendo apenas o título do texto que nela se publica: “Um conhecido”.

No último número, a única seção inicial que permanece é “Belas Artes” e há o total predomínio de textos dissociados uns dos outros e, portanto, de uma seção:

6º número – 13 de junho de 1892	
Seção/texto	Temas
Padre Salgueiro	Literatura
Belas artes	Artes
A Paris miserável: Os trapeiros	Conhecimentos gerais
Vênus	Conhecimentos gerais
O inferno	Conhecimentos gerais
Receita para os brasileiros terem ainda mais filhos	Conhecimentos Gerais
A música na Europa - A música na Inglaterra e os concertos em Paris e Londres	Artes
Os novos processos de pintura e o salão dos independentes em Paris	Artes
Semelhanças entre os homens e os animais	Conhecimentos gerais
O salão do Campo de Marte	Artes

Por meio da comparação e da análise das tabelas, fica claro que, embora tenha havido constantes mudanças estruturais no *Suplemento Literário*, a questão dos temas não se modifica, e nota-se, então que os textos que surgem no decorrer das publicações permanecem voltados ao retrato das artes, da ciência e, portanto, da cultura européia.

Cabe observar com maior zelo o conteúdo de cada texto a fim de que se possa perceber não somente o caráter literário do *Suplemento*, mas também como era sua atuação como um informativo que propagava notícias relacionadas a outras áreas, como variedades e conhecimentos gerais, compondo um verdadeiro panorama europeu em suas páginas.

Capítulo 3

“Seções” e “Textos avulsos”

Uma das características mais perceptíveis no *Suplemento Literário* dirigido por Eça de Queirós era a mobilidade das seções que nele apareciam, isto é, a facilidade de colocá-las nas primeiras ou nas segundas páginas de cada número e de inserí-las na publicação ou excluí-las, conforme fosse necessário. Isto significa dizer que no *Suplemento* não havia uma seção que aparecesse mais de uma vez ou “fixa”, poderia ser trocada por um outro texto quando fosse considerado necessário.

Analisando desde o primeiro número até o último, o sexto deles, ou seja, em um período de seis meses, nota-se que a estrutura do *Suplemento* se modifica gradativamente, e que há, portanto, uma tendência de exclusão das seções que se repetiam, em detrimento da inserção de textos que não tinham vínculos com outros que lhes eram anteriores. Do primeiro número para o último, nota-se a exclusão quase total das seções - preserva-se somente “Belas Artes”- e a

substituição das excluídas por textos independentes– “textos avulsos”, que também versavam sobre cultura.

Consideram-se “textos avulsos” aquelas seções que não se repetem, isto é, aparecem somente uma única vez, tal como “Notas de um curioso” e “A elegância e a moda” no primeiro número, dentre outras.

O estudo aprofundado dos textos do *Suplemento* foi uma tarefa bastante trabalhosa, devido exatamente ao fato de não haver uma regra para o aparecimento ou exclusão das seções. Outra característica observada no *Suplemento* foi a ausência de regras para a titulação: embora o nome das seções aparecesse em destaque, muitos textos nelas inseridos por vezes não possuíam nenhuma nomenclatura e só se detectava que se tratava de um novo texto através de sua leitura, que mostrava, tematicamente, que se tratava de um novo texto. Esse fato de por vezes não serem destacados os títulos dos textos provocava uma certa confusão na leitura da seção, pois podia-se pensar que o trecho que aparecia na seqüência era apenas mais uma parte do artigo inicial. Essa confusão ocorria basicamente porque existem artigos no informativo que apresentam divisões em partes (normalmente marcadas apenas por um traço ou por números em algarismos romanos, por ex. I, II, III e IV) e abordam apenas um assunto, enquanto que em outras seções, também divididas da mesma forma, havia mais de um assunto.

Sendo assim, foram considerados “textos avulsos” os textos que não apresentam divisões, textos independentes que surgem e deixam de surgir aleatoriamente. Foram estudadas como “textos avulsos” ainda, as seções que não se repetem, pois semelhantemente a eles, tinham curta duração e apareciam apenas uma vez.

Há uma única exceção para a seção “Ecos contemporâneos”, tratada neste estudo como “seção” e não como “texto avulso”, embora apareça somente uma vez, pois esta é uma seção que apresenta três textos com títulos definidos – tendo, portanto, uma estrutura diferenciada

e possui grande semelhança com a seção “Pessoas e casos”, o que leva a associá-las para fins comparativos, pois ambas tratavam de assuntos variados e tinham, portanto, o mesmo tema.

Em contrapartida, consideraram-se “seções” os textos que possuíam “temas” ou falavam de determinadas categorias de assuntos, com base na definição de seção de Carlos Alberto Rabaça: “Parte de uma publicação (...) onde se agrupam informações do mesmo gênero, ou sobre um mesmo tema. Ex.: esportes, notícias, internacionais, economia, política, cidade, polícia, artes, etc”. (p.421, 1978). No *Suplemento*, algumas “seções” podem ser citadas para ilustrar: “O Dinheiro”, “Belas Artes”, “Livros Novos”, dentre outras.

Um outro fato de suma relevância na organização do estudo do *Suplemento Literário* consiste na classificação dos textos de Eça de Queirós, que aparecem sempre nas primeiras colunas de cada número. Merecedores de uma atenção especial, devido ao fato de se tratarem de textos publicados numa coluna escrita pelo diretor, optou-se por estudá-los separadamente, e seu estudo será feito sob o título “Uma coluna assinada por Eça de Queirós”.

Sendo assim, as publicações do *Suplemento* dividem-se basicamente em “Textos avulsos” e “Seções”, com a exceção da “Coluna assinada por Eça de Queirós”, que se trata de um conjunto particular de textos, que já foram publicados em livros, como se verá em seu estudo.

1. “Textos avulsos”

Ao observar a estrutura do *Suplemento*, nota-se que, ao longo das publicações, as seções vão deixando de existir e os “textos avulsos” ou “textos independentes” ganham um maior espaço gradualmente. Nos primeiros números, nota-se uma estrutura composta basicamente por “seções” e raros “textos avulsos”, enquanto que nos últimos números essa dada se inverte:

<i>Suplemento</i>	Número de seções	Número de “textos avulsos”
1	7	2
2	8	0
3	7	1
4	6	3
5	3	8
6	1	9

A tabela registra a inversão da quantidade de seções para a predominância de textos independentes. Como se pode notar, nas três primeiras publicações, há geralmente sete ou oito seções para um ou dois textos avulsos. Já nos dois últimos os números se invertem, e há em torno de 8 ou 9 textos independentes e apenas duas seções, em média.

A redução ocorre a partir do terceiro número do *Suplemento*, em que diminui uma seção em relação ao número anterior e aumentam dois “textos avulsos”.

Na tabela abaixo, foram transcritos todos os “textos avulsos” que aparecem no *Suplemento Literário*:

Os “textos avulsos” do <i>Suplemento Literário</i>		
Data	Nome do texto	Autor
18 de janeiro	Notas de um curioso	Sem assinatura
18 de janeiro	A elegância e a moda	Sem assinatura
29 de fevereiro	A morte do Duque de Clarence	A.Z.
21 de março	Uma conversa com Renan	Sem assinatura
21 de março	Soldados alemães e estudantes russos: dois terríveis relatórios	Sem assinatura
21 de março	Pantomimas	Sem assinatura
26 de abril	O centenário de Rossini	Sem assinatura
26 de abril	As literaturas estrangeiras na Inglaterra	G.C.
26 de abril	A história do Amor, a história do Vestuário e a história da Mobília	Sem assinatura
26 de abril	Acontecimentos artísticos	Sem assinatura
26 de abril	Um astro denunciado	Sem assinatura
26 de abril	Meios de correr mundo e de falar à distância	Sem assinatura
26 de abril	A mais velha e a mais pequena das repúblicas	Sem assinatura
13 de junho	O Paris miserável: os trapeiros	H. Gomes

13 de junho	Vênus	Frederico Durruivos
13 de junho	O inferno	Sem assinatura
13 de junho	Receita para os brasileiros terem ainda mais filhos	F. Durruivos
13 de junho	A música na Europa: A música na Inglaterra e os concertos em Paris e Londres	L. Cortegana
13 de junho	Os novos processos de pintura e o salão dos independentes em Paris	H. Marco ¹¹
13 de junho	Parecenças entre os homens e os animais	Sem assinatura
13 de junho	O salão do Campo de Marte	Sem assinatura

Atentando-se aos títulos pode-se perceber que os temas abordados passam a ser diferenciados dos que eram veiculados nas seções. Com caráter mais fechado, mais específico, as seções eram restritivas e os textos que nelas apareciam deveriam estar relacionados diretamente com seu assunto principal, ou seja, na seção de Belas Artes, somente os acontecimentos relacionados à arte poderiam aparecer.

No entanto, a exclusão das seções permitia que fossem inseridos textos de assuntos gerais, que não tivessem vínculos restritivos, o que propiciava uma maior liberdade aos colaboradores do *Suplemento*.

Como o espaço ocupado por este encarte autônomo da *Gazeta de Notícias* era de apenas duas páginas – seria fisicamente impossível manter as seções e ao mesmo tempo inserir os novos textos. Dessa forma, a exclusão se dava à medida que novos textos eram escolhidos pelo diretor para integrar o corpo do “informativo” e que se percebia a possibilidade de torná-lo mais abrangente, ou melhor, mais variado.

2. Os textos avulsos “assinados” e os “sem assinatura”

No interior do *Suplemento* notam-se poucos textos que recebem assinatura e quando isso se faz, normalmente ocorre por meio de pseudônimos ou abreviaturas. De acordo

¹¹ No original, a assinatura se dá como “A. Marco”. Neste estudo, trabalhou-se com a hipótese de que tenha havido uma troca de letras do “H” pelo “A”, ou seja, um erro de composição gráfica, dada a semelhança com a assinatura de Bratalha Reis “H. Marco”.

com Álvaro Santos Simões Junior, a assinatura por meio de pseudônimos acontecia como uma “imposição da dignidade burguesa; homens graves, com sérias responsabilidades, de profissões respeitáveis como a medicina, a magistratura, a advocacia e a administração pública, não poderiam assinar com seu próprio nome versos, contos ou crônicas publicados nos jornais¹²” (SIMÕES, 2006, p.2). Ou seja, era uma forma de afastar a vida particular ou a demonstração explícita da opinião pessoal do trabalho profissional. Além disso, o uso dos pseudônimos tinha um outro objetivo: o de “ocultar as possíveis incoerências e variações de qualidade dessa literatura escrita sob encomenda e às pressas”¹³. Tratava-se, portanto de uma espécie de anonimato que propiciava portanto, uma maior liberdade para o artista ou jornalista.

Obviamente, alguns artistas ainda preferiam publicar os textos de sua autoria com suas assinaturas. Isso acontece com os textos de Eça de Queirós e de Domício da Gama, que aparecem nas seções do *Suplemento*. Os “textos avulsos”, por sua vez, não recebem nenhum tipo de assinatura explícita de seus autores, como se pode observar na tabela anteriormente mostrada.

Os pseudônimos dos autores destes textos são: H. Gomes, Frederico Durruivos, L. Cortegana e H. Marco. De acordo com Elza Miné, os três últimos tratam-se de pseudônimos utilizados por Jaime Batalha Reis. Já “H. Gomes”, permanece uma incógnita, pois mesmo com algumas pesquisas, não foi possível reconhecer o autor que o adotava. Isso também acontece com as abreviaturas A.Z. e G.C., que assinam, respectivamente, os textos “A morte do Duque de Clarence” e “As literaturas estrangeiras na Inglaterra”. Para revelar os autores que se apresentavam por essas abreviaturas ou por pseudônimos, somente uma pesquisa estilística detalhada possibilitaria que se atribuísse com precisão o texto ao seu suposto autor. Mesmo se as

¹² (SIMÕES, Álvaro Santos. Da literatura ao jornalismo: Periódicos brasileiros do século XIX. **Revista Patrimônio e Memória**, Assis, vol. 2, n.2, p. 1-20, 2006. Disponível em www.assis.unesp.br/cedap. Acesso em 01 de junho de 2008)

¹³ SIMÕES, op. cit., p.2.

buscas em enciclopédias tivessem mostrado um resultado satisfatório, ter-se-ia que realizar uma análise aprofundada dos textos, o que não é o objetivo deste trabalho.

O que se deseja ressaltar é que se trata de escritos variados, com temas interessantes que ora acrescentam dados históricos, ora desvendam opiniões, pessoas e acontecimentos importantes que fazem referência à literatura e à cultura.

A apresentação dos textos pretende, acima de tudo, mostrar que o *Suplemento* foi um “informativo cultural”, mais ainda que um *suplemento literário*, pois seu foco era muito mais voltado à apresentação de fatos de áreas diversificadas que de literatura propriamente dita.

3. “Textos avulsos”: uma apresentação

Ao observar os “textos avulsos” do *Suplemento* nota-se a tendência de retratar os principais acontecimentos culturais daquela época, fossem notícias científicas, fossem sociais ou artísticas, todas em seu conjunto contribuía para que o leitor tivesse um pequeno panorama da Europa daquele momento.

Textos como “Notas de um curioso” e “Meios de correr mundo e de falar à distância” evidenciam a inserção dos acontecimentos científicos no *Suplemento*. Os dois artigos, que não possuem assinatura, e não veiculam conteúdo literário, enfocam os avanços tecnológicos da época, como “mosquicidas”, “carruagens-salões”, entre outros, que eram pesquisas feitas para aprimorar e melhorar o modo de vida das pessoas. Era um tipo de notícia que jamais se poderia imaginar existir dentro do *Suplemento Literário*.

“A elegância e a moda”, por exemplo, enfoca, como o título diz, o que se utilizava na Europa em relação à moda de maneira geral, isto é, enfocava-se o vestuário e também a decoração das casas, para que o leitor brasileiro tivesse acesso a nada mais do que tudo, até

mesmo o tipo de estampa do sofá que se utilizava na Europa. A questão da informação sobre as vestimentas também é apresentada em “A História do Amor, a história do vestuário e a história da mobília”, porém, de forma relacionada com a arte, pois “História do Amor”, era uma peça teatral e o restante do título do artigo, refere-se à exposição de arte das roupas e mobílias dos reis franceses.

Observe-se que o *Suplemento* pode ser interpretado como um meio de informações culturais bem completo. Isso vai se tornando mais evidente, percebendo-se os assuntos que são abordados por cada texto. “A morte do Duque de Clarence” e “Uma conversa com Renan”, por exemplo, têm como assunto principal notícias relacionadas a casos e a personalidades importantes na época. Com Ernesto Renan é feita uma entrevista sobre temas como religião e política, pois era um grande intelectual francês daquele momento. Sobre o duque de Clarence, que era filho do príncipe de Gales, fala-se sobre sua morte às vésperas de seu casamento. Em outro artigo “O Inferno” o estudioso Renan reaparece e é novamente entrevistado, mas dessa vez com o intuito de mostrar sua opinião a respeito do conceito religioso de “inferno”.

Um outro texto que comprova a diversidade temática do *Suplemento* é “Pantomimas”, que relata o retorno das apresentações deste gênero artístico aos palcos parisienses, e mostra as peças que estavam em cartaz na época:

Empreendeu-se em Paris a ressurreição de uma das mais encantadoras dentre as artes cênicas, - a *Pantomima*, a expressão dada pela *atitude*, pela *fisionomia* e pelo *movimento*, a todos os dramas e a todas as comédias da vida. O gênero é antigo, como se sabe, mas só dele existiam, havia muitos anos, pelos grandes teatros líricos, alguns restos corrompidos pelos balados italianos e franceses. (21/03, SL 3)

A definição do termo “pantomima” aparece no texto de modo que o leitor possa conhecer um pouco sobre a origem e sobre o significado da palavra, informação sobre cultura de grande valor para aquele que estava distanciado da Europa e queria estar integrado a seu contexto social e cultural. Vale ressaltar ainda o caráter documental deste artigo que, através de suas

linhas, permite que se saiba que no ano de 1892 a “pantomima” estava ganhando espaço entre os europeus a ponto de ser grande notícia enviada por correspondentes e publicada em um suplemento de um periódico de grande prestígio como a *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro.

Outro texto que ilustra o caráter de informativo de variedades do *Suplemento* é “Soldados alemães e estudantes russos- Dois terríveis relatórios”. O assunto central - a tortura dos soldados em quartéis da Alemanha e a política na Rússia - é tratado de maneira bastante crítica e objetiva, apontando exemplos de castigos que se recebiam nos quartéis alemães e as censuras que os jovens russos sofriam. É um texto bem informativo e que de certa forma se dissocia dos demais que se publicam no *Suplemento Literário* dados seu teor e seu tema que fogem do relato de episódios artísticos e culturais, para retratar a crueldade que havia nesses dois países.

Com tema voltado a conhecimentos gerais, há um artigo intitulado “A mais velha e a mais pequena das repúblicas” que apresenta, analisa e faz um relato sobre como era a vida em Andorra, que na época, era um território situado entre a França e a Espanha, mas que não pertencia a nenhum dos dois países.

“Um astro denunciado” e “Vênus” ocupam-se das descobertas científicas e retratam as pesquisas feitas em prol da descoberta de novas estrelas e planetas.

Já em “Receita para os brasileiros terem ainda mais filhos”, comenta-se o incentivo dado pelo governo da França aos franceses para que estes tivessem mais filhos.

“Parecenças entre os homens e os animais”, por sua vez, comenta uma pesquisa feita por um naturalista inglês sobre a inteligência dos animais.

Em “O Paris miserável: os trapeiros”, um ponto de vista totalmente inesperado a respeito de Paris é inserido no *Suplemento*: há o retrato da miséria de uma parte da população francesa, fato desconhecido pelos turistas.

Todos os textos ressaltados anteriormente, possuem temáticas diferentes, como política, ciência, notícias informativas, entre outras. Alguns outros textos que são publicados no

Suplemento voltam-se mais diretamente às artes e à literatura como “A música na Europa: A música na Inglaterra e os concertos em Paris e Londres”; “Os novos processos de pintura e o Salão dos Independentes em Paris”; “O centenário de Rossini”; “As literaturas estrangeiras na Inglaterra” e “O salão do Campo de Marte”. Estes textos não veiculam conteúdo literário, mas noticiam episódios que ocorriam tanto no âmbito artístico como no literário e, por esse motivo, possuem também grande importância documental, registrando o que se dava por arte naquele momento do final do século XIX.

Com toda essa variedade de temas, os “textos avulsos” do *Suplemento Literário* forneciam uma idéia geral sobre os fatos em evidência na Europa e traçava deste continente um panorama completo. Por isso é possível dizer que, esta publicação era além de um *suplemento literário*, um informativo de variedades ou um informativo sobre cultura.

Um outro ponto que chama a atenção nas publicações do *Suplemento* e que de certa forma induziu a um questionamento é o da estrutura que passa a compô-lo com o decorrer dos meses. Observando atentamente os seis números do *Suplemento*, notaram-se que, vagarosamente, os “textos avulsos” foram ganhando um espaço maior que o das seções. Estas, vão aos poucos, tornando-se raras, a ponto de quase não existirem: se no primeiro número eram em torno de dez, no último havia apenas uma, como ressaltou-se anteriormente. Como essa substituição das seções por textos avulsos se dava de forma nítida, surgiu a necessidade de conhecer o motivo desse fato. A princípio, ocorreu que pudesse ter havido a vontade do diretor de tornar o *Suplemento Literário* um informativo menos restrito, e, portanto, mais voltado a assuntos gerais. A ausência de seções possibilitaria aos articulistas uma maior liberdade na escolha de temas e textos para compor o *Suplemento*. Porém, por meio da leitura da carta de Eça de Queirós a Batalha Reis de 6 de julho de 1892, percebeu-se que a publicação dos “textos avulsos” ocorria ocasionalmente, sem regras e que não havia o intuito de eliminar as seções, mas o contrário, de voltar a utilizá-las, para facilitar o trabalho dos escritores:

Vê se tens idéias para algumas seções de suplemento que apareçam regularmente. Isso facilita muito a composição do *Suplemento* porque se pode ter de antemão, sempre, matéria preparada.

Eu estou pensando nestas seções:

Páginas Clássicas (todos estes *morceaux* de que todo mundo fala sem ninguém ter lido, desde a “Morte d’Heitor”, na *Ilíada*, ou na *Sátira VI* de Juvenal até...até a grande tirada de Herculano sobre a “cidade de mármore e granito”).

Espírito de Outrora e de hoje. (Os grandes *bons mots* misturando os de Alcibíades com os de Rochefort).

Celebridades em chinelas.

Antologia dos Poetas Modernos de Inglaterra (traduzidos).

Etc. etc.

Vê tu pois se, nas tuas especialidades oficiais de Ciência e Arte, podes também fornecer idéias de Seções. Que dizes de *Pequenas Conferências sobre Astronomia, Lingüística, Geologia*, etc, dando, numa forma familiar, que comece por *meus senhores*, algumas noções fundamentais de ciência aos caixeiros do Rio? Que dizes dumas *Anedotas dos Grandes Artistas?* (gênero Francisco II a apanhar os pincéis de Ticiano!).

Tudo isso são intrujices literárias – mas convém, agradam, são facilísimas de publicar. (BERRINI, 1987, p. 37)

Este trecho, escrito no mês em que se encerra a publicação do *Suplemento*, mostra que Eça pretendia retomar a antiga estrutura do informativo, recuperando as seções para facilitar a confecção dos artigos. Mostra ainda as idéias que se tinha para o número posterior, de agosto de 1892, que não chegou a se concretizar, devido aos problemas financeiros sofridos pela *Gazeta de Notícias*. Como se pode observar, havia a intenção de manter o *Suplemento* bem variado e bastante voltado às artes e à literatura.

As seções condensavam os principais assuntos literários e artísticos em seus tópicos. Diferentemente dos textos avulsos, possuíam um espaço mais ou menos fixo destinado a um levantamento mais pormenorizado, mostrando, por vezes, notícias de vários países diferentes, para que se tivesse uma noção maior dos assuntos abordados. No caso de Belas Artes, por exemplo, fala-se da música na Inglaterra, na Alemanha, na França, e em alguns outros países europeus.

No tópico a seguir, procurou-se realizar um estudo das seções, destacando os textos que as compunham e o que havia de relevante em cada uma delas, tentando mostrar que o *Suplemento* era, portanto, um informativo cultural, um informativo de variedades.

NOTAS DE UM CURIOSO

CURIOSIDADES SCIENTÍFICAS

POR meio do processo chronophotographico, o Sr. Marcy, membro da Academia das Sciencias, de França, começou o estudo do movimento dosapparelhos volantes de diversos sistemas. As photographias obtidas em intervallos muito proximos dos moradores dos telhos que os arranham, e a coincidência da linha dos passaros, a golpe d'aza é dado em direcção perpendicular ao eixo do movimento de translação da machina, afastando por esse modo do typo do vôo dos passaros.

O estudo dos aeroplanos, pairando no ar, forneceu ainda mais o meio de determinar as variações da resistencia do ar, conforme o angulo que o aeroplano faz com a direcção que segue, e com a velocidade do seu movimento.

Um negociante de Richmond, desamparado com a invasão das moscas durante o verão, imaginou reproduzir em pequena escala o apparelho *electrocution*, empregado na America para a execução dos condemnados á morte, e applica-o á destruição dos incommodos insectos. O apparelho mosquiteira compõe-se de uma serie de fios metallicos estendidos sobre uma capa de madeira e com as extremidades ligadas a uma bobina Ruhmkorff, capaz de produzir uma scintilla de seis millimetros de comprimento. Os fios estão separados bastante para que não haja scintilla; mas quando uma mosca pousa a cavallo sobre dois fios vizinhos, a communicação se estabelece e ella cahé fulminada.

A coisa parece divertida, mas como meio pratico mais caro um pouco do que o papel insecticida, a agua de assucar com sabão e outros recursos primitivos contra o embriante biêho.

Anuncia-se a descoberta de um novo metal, achado nos minereos de cobalto e nikel, a quo se deu o nome de *gnomium*. Um químico inglez conseguiu obter com este corpo um producto que tem toda a apparencia do ouro e que possui mais d'esto metal a ductilidade e a maleabilidade.

4. As seções

O estudo das seções efetuado neste capítulo baseou-se no conceito de seção proposto por Carlos Alberto Rabaça, em seu *Dicionário de comunicação*. De acordo com o estudioso, uma seção jornalística pode ser definida da seguinte maneira: “Parte de uma publicação ou de um programa de rádio ou TV, etc; onde se agrupam informações do mesmo gênero, ou sobre um mesmo tema. Ex.: esportes, notícias, internacionais, economia, política, cidade, polícia, artes, etc”. (RABAÇA, p.421, 1978).

Portanto, de acordo com esta definição, existem no *Suplemento* as seguintes seções: Ciências, Belas Artes, Livros Novos, Os Teatros, Pessoas e casos, Ecos contemporâneos, O Dinheiro e Histórias Singulares. Estas, juntamente, com uma série de textos assinados por Eça de Queirós, foram analisados neste capítulo.

Com o estudo detalhado das seções, procurou-se fazer o levantamento das características principais de cada uma delas e também mostrar que o *Suplemento Literário* pode ser visto como um informativo sobre cultura, elaborado a fim de atender às necessidades da sociedade brasileira que cada vez mais se voltava para os costumes e modos europeus.

4.1. A seção “Ciências”: ciência e medicina

Como se observou anteriormente, a sociedade carioca do final do século XIX e início do século XX, estava num momento de intensas transformações. Apenas algumas novidades surgidas com a Revolução Científico-Tecnológica conseguiam chegar até o Brasil, e este lentamente ia se adaptando ao novo contexto das inovações que já ocorriam há muitos anos no Velho Mundo. Uma das áreas que mais evoluiu durante o século XIX na Europa é a medicina:

fundam-se novas teorias sobre as bactérias, inova-se no processo de esterilização de ferimentos, surgem novos meios de combater doenças que anteriormente não tinham cura. Toda essa evolução é absorvida pelos meios médico e científico com rapidez na Europa e tais processos de cura são registrados pelas revistas européias com precisão. Essas revistas, por sua vez, possuem papel fundamental na elaboração dos textos que compunham a seção Ciências, do *Suplemento*: fontes riquíssimas de conteúdo, eram consultadas por Eça de Queirós e seus colaboradores a fim de dar uma noção aos médicos brasileiros e à sociedade em geral sobre as descobertas referentes a esta área.

Como mostra o autor dos textos “Br. J. Velloso” e depois simplesmente “Dr. Velloso”, a presença da seção “Ciências” no *Suplemento Literário* buscava auxiliar os “doentes” no conhecimento das enfermidades e dos progressos na área médica:

Este artigo e os que se lhe seguirem, não sendo destinados aos médicos, mas ao público em geral, isto é, aos enfermos, não tem, todavia por fim multiplicar essa entidade impertinente e perigosa, “o doente que se ocupa da medicina”. Mas interessa em primeiro lugar a todos saber, - neste maravilhoso momento de descobertas - , o que se vai descobrindo para tornar a vida mais longa, ou para minorar sofrimentos ou para anular algumas formas destes. E depois, em muitos casos, talvez as notícias aqui publicadas possam dar esperanças aos desalentados, guiar, mais ou menos , os que padecem para os pontos onde se lhes estão, por ventura, praticando neste momento a cura e a saúde.

Por isso nos propomos informar, de tempos a tempos, os leitores da *Gazeta de Notícias* dos progressos realizados no estudo das mais graves doenças.(18/01, SL 1)

Pode –se observar que a seção era destinada, não só aos médicos, mas também a toda a sociedade que se afetava com as doenças ou que simplesmente almejava conhecer o que estava sendo descoberto na área médica naquele momento.

Observando-se esta seção do ponto de vista estrutural, ou seja, da forma como era integrada ao *Suplemento*, o que se destaca é que “Ciências” é uma das primeiras seções do informativo e encontra-se, portanto, na primeira página. Sua presença ocorre nos quatro primeiros números, como mostra a tabela a seguir:

Data	Nome do texto	Autor	Assunto
18 de janeiro	A medicina contada aos doentes	Br. J. Velloso	As principais doenças e descobertas médicas da época
8 de fevereiro	Sem Título	Dr. Velloso	Abordagem sobre o surgimento de um “tratado” médico e as descobertas sobre a febre amarela
29 de fevereiro	A mortalidade nas diferentes profissões	Dr. Velloso	Análise de uma pesquisa sobre a mortalidade nas profissões
21 de março	Fabricação de monstros	Sem assinatura	Abordagem crítica sobre as pesquisas sobre reprodução no fim do século XIX.

A publicação desta seção efetua-se de janeiro a março de 1892. Nos dois números seguintes, é eliminada, sem qualquer aviso anterior. Provavelmente isso ocorre por Eça não ter recebido mais textos de seu colaborador, pois em carta a Batalha Reis mencionada anteriormente, dois meses após a suspensão da seção, Eça sugere a este que elabore textos que se referissem à área científica: “Vê tu pois se, nas tuas especialidades oficiais de Ciência e Arte, podes também fornecer idéias de Seções (...) dando, numa forma familiar, que comece por meus senhores, algumas noções fundamentais de ciência aos caixeiros do Rio”. (BERRINI, 1987, p.38)

Observando-se os textos que integram a seção durante o momento em que persiste no *Suplemento*, nota-se a presença em ordem de publicação, de “A medicina contada aos doentes”, “Um tratado da medicina moderna - a febre amarela”, “A mortalidade nas diferentes profissões” e, por fim, “Fabricação de monstros”.

O primeiro dos textos, “A medicina contada aos doentes” reflete sobre a evolução dos tratamentos e curas de doenças.

O segundo texto, por sua vez, traz uma reflexão e até uma crítica acerca do surgimento de um novo livro de orientação para todos os médicos, detendo-se na observação de

um de seus capítulos cujo tema é a febre amarela, por se tratar de um assunto que preocupava os brasileiros, que viam-se ameaçados pela doença naquele momento.

No grupo denominado das “Doenças infecciosas” que termina o volume, e que é redigido pelo Sr. Fernand Vidal, a febre amarela é uma das mais resumidamente tratadas.

A importância especial que esta doença tem para o Brasil, obriga-nos a dar conta de alguns pontos dessa monografia, que, aliás, nem contém fatos novos, nem é mesmo, na exposição do que já se sabe, muito completa. (08/02, SL 2)

No trecho acima, retirado do segundo texto do *Suplemento Literário*, o autor da seção salienta o motivo pelo qual optou em se deter neste capítulo do livro, e registra a necessidade que os brasileiros tinham de obter novidades sobre a cura desta endemia.

Nota-se, com isso, que o *Suplemento* era um instrumento que veiculava informação valiosas, úteis, pois através dele o leitor tinha acesso a notícias recolhidas de revistas e livros especializados e poderia formar sua opinião, se prevenir e até se curar de acordo com o teor da descoberta nele publicada.

Nota-se ainda no trecho citado anteriormente, a posição crítica na qual o autor Dr. Velloso se colocava, para poder opinar sobre as notícias que publicava. De acordo com o trecho ele considera que a parte que cabe ao estudo da febre amarela pelo livro dos médicos é “resumidamente tratado” e “nem contém fatos novos, nem é mesmo muito completo”.

A criticidade de Velloso é evidente também no terceiro artigo, publicado por ele em 29 de fevereiro, em cujas linhas comenta sobre uma pesquisa que visava mostrar em quais profissões havia mais óbito, realizada feita por Sr. Bertillon, um estudioso daquele período. Ironizando ao longo do texto todo, o autor trata com ironia os dados da pesquisa:

Para sistematizar os resultados das estatísticas referidas, o Sr. Bertillon classifica as profissões segundo as causas que podem nelas encurtar a existência humana:

1. Profissões que expõem às intempéries e obrigam ao mesmo tempo ao repouso ou imobilidade:

- Cocheiros e carroceiros, 17 mortes por 1000;
2. Profissões que expõem às intempéries sem obrigar a imobilidade:
Agricultores e hortelões.
Guardas, pescadores e marinheiros, 10 por 1000.
 3. Profissões que obrigam a respirar poeiras duras, ao ar livre:
Canteiros e pedreiros, 20 por 1000.
 4. Profissões que obrigam a respirar poeiras duras em atmosferas inusitadas:
Fabricantes de objetos metálicos, oleiros e vidraceiros. (...)
Ficam indicadas as linhas gerais científicas e positivas por que podem hoje guiar-se na escolha de uma profissão os homens são e alegres que queiram durar, ou ainda os pessimistas, budistas, desiludidos *a priori*, que desejem, sem violências de suicídio, pôr de seu lado as maiores probabilidades de uma breve e normal desapareição. (29/02, SL 2)

No último texto, “Fabricação de monstros”, que se refere às experiências sobre reprodução que faziam parte da pesquisa de Camilo Daresti, as críticas estão mais visíveis e, podem ser notadas mesmo na síntese que antecede o artigo:

O homem que fabrica monstros. - A obra regular de Deus e a obra diabólica de um sábio. - o que seria a fabricação de monstros na idade média e o que ela é hoje. - Aspectos artísticos da Experimentação Científica. - Fazer do gérmen humano um macaco e tirar de um gérmen de macaco um homem. - Receitas domésticas para fazer monstros. - Prova-se que os ciclopes existiram e podem fabricar-se. Animais de uma só perna e animais de dois corações. - Se realmente o homem descende do macaco - Processo para criar uma galinha de gênio - As sociedades protetoras dos animais, a vivisseção e a proteção do ovo infeliz. (21/04, SL 4)

Observe-se que nesta síntese apareciam os assuntos que seriam discorridos no texto. A escolha de frases como “o homem que fabrica monstros”, “Fazer do gérmen humano um macaco e tirar de um gérmen de macaco um homem” e “Receitas domésticas para fazer monstros” mostra que o autor deseja causar um impacto ao leitor com a notícia que viria em seguida.

Um outro ponto que se pode notar nesse trecho é a questão do emprego de recursos lingüísticos como a ironia, para causar um efeito de estranhamento do leitor com o tema do texto. Há sempre um certo “riso” na montagem do cabeçalho, riso este que permanecerá durante todo o texto, mas diluído pela crítica ferrenha aos experimentos do cientista, que consistiam no aprimoramento da técnica de reprodução das galinhas, isto é, na tentativa de

acelerar a etapa do desenvolvimento dos ovos. O ápice do texto fica por conta do apelo moral e toda a argumentação se centra em favor de um sentimento de indignação diante do tema, mostrando que embora os experimentos ainda não atingissem de fato a espécie humana, em algum espaço breve de tempo se poderia esperar que eles começassem a serem feitos com seres humanos.

Este último texto, diferentemente dos demais, como se pode observar, revela-se menos focado aos propósitos médicos, e mais descontraído, que os demais.

Embora não tenha a assinatura marcada como os demais, percebe-se que são de mesma autoria tendo em vista o estilo do autor (há o mesmo tipo de teor crítico e irônico, figuras de linguagem como a metáfora) e a estrutura (antes do texto, sistematizam-se os principais assuntos a serem discorridos).

O autor em questão, como se pode perceber, assim como muitos outros colaboradores do *Suplemento Literário* dirigido por Eça de Queirós, opta por não revelar sua identidade, escolhendo, portanto, o pseudônimo Br. J. Velloso, que depois passa a ser simplesmente “Dr. J. Velloso” ou “Dr. Velloso”. Consultado-se este pseudônimo na Enciclopédia Luso-Brasileira e confrontando com os dados que havia do autor no *Suplemento* – sabia-se que era uma pessoa conhecida por Eça de Queirós, que vivia no final do século XIX e que deveria estar associada à área médica ou científica) - encontrou-se a personalidade que se escondia sob este pseudônimo. Era José Maria de Queirós, um especialista em cirurgias também bastante engajado na área do jornalismo. Apenas a título de curiosidade, transcreve-se, a seguir, a referência que faz a enciclopédia ao “Dr. Velloso”:

Dr. J. Velloso - (José Maria de Queirós). Historiador português (Barcelos – 26/07/1860 – Lisboa, 31/10/1952). Estudou no Porto, em cuja escola Médico-Cirúrgica concluiu o curso, em 1884. Cedo se deixou arrastar para o jornalismo em Folha Nova e na Província (...) em cujo ambiente conheceu Antero de Quental, Eça de Queirós, Carlos Mayer e Guerra Junqueiro. Em 1892, veio para Lisboa, entrando no Novidades.

Em 1895, concorreu ao ensino secundário em Évora [...]. (ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA, 1976, p. 846)

Embora Álvaro Santos Simões Junior¹⁴ ressalte no artigo “Da literatura ao jornalismo: periódicos brasileiros do século XIX”¹⁵ que a tarefa de atribuir um pseudônimo a um determinado autor, baseando-se em dados recolhidos de enciclopédias e dicionários literários consiste numa operação arriscada, no caso deste pseudônimo em particular o cruzamento dos dados coletados da enciclopédia com os que havia sobre o autor por meio do *Suplemento* foram suficientes para o reconhecimento da personalidade que utilizava o pseudônimo “Dr. Velloso”.

Um outro ponto de grande relevância a ser destacado em relação à seção “Ciências”: sua inclusão nas páginas do *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias*. Como o título sugere, no *Suplemento* seriam evidenciados conteúdos de valor literário, ou seja, relacionado à literatura e às letras. No entanto, quando se observa a inserção de seções voltadas às outras áreas de conhecimento, nota-se que o objetivo do *Suplemento* ia além daquele de apenas destacar os episódios artísticos: desejava-se, de um modo geral, fornecer também novidades que estivessem relacionadas à elite cultural e, portanto, mostrar um panorama cultural da Europa para os brasileiros.

A inclusão de seções como “Ciências” se dava, portanto, com o intuito de transmitir aos brasileiros uma outra faixa de notícias - médico-científicas - que, junto às demais que compunham o informativo, formavam um todo variado. O *Suplemento*, dessa forma, cumpria a tarefa de um jornal de variedades, ou de um suplemento de variedades culturais, mostrando tudo o que fosse considerado de interesse a seu público e, nesse caso, a medicina era um assunto de suma importância e, portanto, deveria estar incorporada a ele.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid.

4.2. Seção “Belas Artes”

Data	Nome do texto	Autor	Assunto
18 de janeiro	A música na Europa	Sem assinatura	Novidades sobre os grandes músicos da época
8 de fevereiro	- A exposição internacional de pintura - Um escultor russo - Meyebear e seu centenário	- Sem assinatura - Sem assinatura - Sem assinatura	- Comenta sobre os grandes pintores da época - Centra-se em informar a exposição do estatuário Antocolski - Mostra os eventos de comemoração do centenário do nascimento do compositor
29 de fevereiro	- Exposições na Inglaterra - O pintor Müller - Exposições de pintura - O salão dos rosa-cruz	- Sem assinatura - Sem assinatura - Sem assinatura - Sem assinatura	- Enfoca as exposições de gêneros artísticos como pintura e escultura, que ocorriam na Inglaterra - Pequeno texto dedicado a noticiar a morte recente do pintor - Noticia a abertura dos salões de arte - Comenta sobre a abertura do salão dos rosa-cruz
21 de março	A música em Portugal	Sem assinatura	Fala sobre a ausência de grandes músicos portugueses
26 de abril	O Sar Peladau e as soirées da rosa-cruz no Templo de Paris	H. Marco ¹⁶	Comenta sobre o propósito deste “artista” que era, na época, uma figura excêntrica e fala rapidamente sobre os quadros encontrados nas soirées da rosa-cruz.
13 de junho	Sem título	A. Marco	Muda o enfoque da seção, visando ensinar sobre arte a leitores leigos

Uma das seções que melhor ilustra o propósito de divulgar a cultura, do *Suplemento Literário*, “Belas Artes”, apesar de não possuir muitos de seus textos com assinatura, contava com as palavras de Batalha Reis, sob o pseudônimo “H. Marco”, de acordo com Elza

¹⁶ No texto original a assinatura aparece como “A. Marco”, em vez de “H. Marco” pois houve erro de composição.

Miné. O escritor português, de grande renome e uma das ilustres figuras que faziam parte do círculo de amizades do diretor Eça de Queirós, contribui com o informativo escrevendo textos que aparecem nesta seção.

Marca ainda sua participação em outras seções do *Suplemento* sob outros pseudônimos (Frederico Durruivos e L. Cortegana) os quais a estudiosa Elza Miné assegura no artigo “Um projeto de Eça para o Brasil” do livro *Páginas Flutuantes*, pertencerem a Jaime Batalha Reis).

Antes de abordar os textos que pertencem à seção “Belas Artes” e que apresentam sua assinatura, é relevante assinalar que alguns dos textos nela encontrados, não possuem referência sobre seu autor, ou seja, não são assinados.

Sendo assim, parte-se do princípio de que os textos merecem ser observados por seu conteúdo - altamente informativo - deixando como uma questão à parte a da autoria, pois isto demandaria uma análise aprofundada acerca dos textos escritos por Batalha Reis, para que se pudesse, por fim ter parâmetros e se realizar a comparação entre os textos.

Vale ressaltar que no caso da seção “Belas Artes”, a identificação de escritores ou de jornalistas sob pseudônimos não prejudica completamente seu estudo, tendo em vista que seus textos veiculam conteúdos informativos, sendo a maior parte das informações neles contidas, dedicadas ao relato de acontecimentos relacionados ao fim do século XIX. Além desse pequeno impasse a respeito da autoria, há ainda um outro, também relacionado aos pseudônimos, que merece ser explicado: a dúvida provocada pela semelhança de assinaturas. Os três últimos textos que integram a seção, portanto os textos veiculados nos dias 26 de abril e 13 de junho, são os únicos que trazem assinaturas – entre elas, como já exposto, a de Jaime Batalha Reis, que aparece como “H. Marco” . Porém, dentre eles, os que foram publicados no número de abril recebem a assinatura de “A. Marco”. Ao que tudo indica, pode ter havido uma troca de letras, erro de composição que suscitou o questionamento se os dois pseudônimos seriam do autor:



Suplemento Literário, 26 de abril e 13 de junho de 1892



Suplemento Literário, 13 de junho de 1892

Conforme se pode observar nas assinaturas copiadas da foto digitalizada dos microfilmes referentes à seção “Belas Artes”, dos dias 26 de abril e do dia 13 de junho, na penúltima publicação do *Suplemento* a seção foi assinada por “A. Marco”. Já na última, a assinatura é de “H. Marco”, pseudônimo já conhecido de Batalha Reis. Por se tratar da mesma seção, tudo indica que houve somente uma troca de letras, um erro de composição – trocando-se o “H” pelo “A” – fato que normalmente ocorre em qualquer meio de comunicação impresso.

Sendo assim, é importante que, ao ler os textos, devem-se considerá-los escritos por Batalha Reis, mesmo porque o conteúdo da área de Belas Artes era um dos assuntos mais conhecidos por este artista. Neles, deve-se apreciar, sobretudo, o registro social e histórico que faziam daquele momento do final do século, mostrando dados sobre eventos artísticos, como as pinturas, esculturas e músicas se viam nas exposições de Paris e Londres.

Com isso, pode-se dizer que estes artigos formam um conjunto que se destinava a compor um panorama artístico da Europa. O único texto que se distingue desse ideal é o último deles, que pretende “organizar” o conhecimento artístico dos leitores e acaba tentando ensinar conceitos artísticos:

Eis pois o sistema que daqui por diante seguirei na notícia das obras de arte e na crítica das exposições:

Estabelecerei os *tipos* ou as *formas de processo* principais que as obras de arte realizam, e classificarei, segundo esses tipos, as obras de que tiver de falar.

Assim o leitor fará uma idéia do *gênero* de um quadro ou de uma escultura, quando representar nem a escultura, nem o quadro. E o amador ou o artista que, mais tarde, visitar a Europa estará habituado a conhecer, mais ou menos o estilo e a escola dos artistas mais importantes. (13/06, SI 6)

Como se sabe, o *Suplemento* não tem nenhuma publicação após esta data e este é, portanto o único artigo escrito com a finalidade de esclarecer conceitos artísticos. De acordo com declaração do autor do texto, ele se apoiaria no artigo de J. Batalha Reis, intitulado “*A arte, a crítica e os artistas portugueses no Salão parisiense de 1891*, na *Revista de Portugal* de janeiro de 1892 (fls 42 a 165)” para escrever as notícias aos brasileiros. No trecho inicial do artigo, há ainda um desabafo que relata a dificuldade do autor em descrever com precisão as exposições artísticas aos brasileiros :

É muito difícil dar uma impressão exata e suficiente das novas obras de arte a pessoas que não podem imediatamente verificar as descrições ou as críticas.

Calar os grandes acontecimentos artísticos da Europa, quando estes são tão variados, tão interessantes como na época atual, parece-me, porém, muito pior do que dar deles uma idéia incompleta. (13/06, SL 6)

O autor da seção “H. Marco”, pseudônimo de Batalha Reis, explica que embora houvesse essa dificuldade, era preciso falar sobre arte. E por isso, propõe seu estudo sob um enfoque mais conceitual, fato que auxiliaria na hora de transmitir as informações coletadas na Europa. O apoio teórico viria de um artigo de Batalha Reis, como ilustra o trecho que se segue:

Como definição de arte e como pontos de vista estéticos, adoto inteiramente o que foi exposto pelo Sr. J. Batalha Reis no artigo intitulado *A arte, a crítica e os artistas portugueses no Salão parisiense de 1891*, na *Revista de Portugal* de janeiro de 1892 (fls 42 a 165).

É interessante notar que o autor não revela sua identidade nem mesmo ao citar seu próprio artigo. Para quem lesse o texto de Belas Artes a impressão que se teria era de que poderia ser um escritor diferente daquele que assinava a seção.

Todas essas características da seção, ou seja, de mostrar as artes, de preservar o anonimato de seu autor por meio do uso de pseudônimos, de se organizar de modo coerente e voltado à apreciação de conteúdos relacionados ao interesse cultural, auxiliavam na composição um periódico em que predominasse o bom gosto, o requinte e, acima de tudo, a atmosfera intelectual, pois como se pode observar, para ler e compreender o *Suplemento Literário*, o leitor deveria ter uma característica imprescindível que nem todos aqueles que viviam no Brasil possuíam: um nível educacional bastante elevado que garantisse o despertar do interesse por questões como as que noticiava a seção “Belas Artes”, como por exemplo a qualidade dos quadros, melhores artistas, melhores exposições, e mesmo o oposto, os piores destaques de cada área.

E se o critério primordial era a educação, não se deve esquecer que este era um direito que somente os detentores do poder, ou seja, as altas classes da sociedade possuíam.

Por isso é lícito dizer que o *Suplemento* era, indubitavelmente, um informativo que se propunha a satisfazer os interesses dessas classes, e dessa forma procurava mostrar aos brasileiros e portugueses que habitavam o Brasil no fim do século XIX, aquilo que lhes fosse de maior interesse, pois era esta faixa social que freqüentava as grandes capitais européias a fim de se entreter ou de estudar.

Apesar de ser um informativo, portanto, muito restrito social e intelectualmente, o *Suplemento* era bastante abrangente, pois procurava noticiar pelo menos o mínimo sobre cada área de conhecimento. Aquele que lesse o *Suplemento*, tinha em mãos, além de uma opção de entretenimento, um meio de aprendizagem intelectual diferente dos métodos tradicionais utilizados no ensino. O trecho que se segue, retirado também do último texto da seção belas

Artes, demonstra este caráter educacional do *Suplemento Literário*. Nele o autor faz uma classificação dos tipos de artistas que existiam na época e explica a linha teórica de cada grupo:

Notarei, em primeiro lugar, os artistas que reproduzem a natureza tal qual a vêm a uma certa distância, como massas de colorido, como entoação, como valores das diferentes cores e das diferentes luzes.

Os artistas dessa primeira classe desenham ou pintam o que têm diante dos olhos: - manchas de claro escuro, manchas de colorido, esfumando-se, confundindo-se, indeterminando-se umas nas outras. Nos seus quadros uma árvore é como na visão real, às vezes apenas, uma parte de um tronco, ou de um ramo; uma figura, apenas um pequeno vulto, informe, que se perde numa sombra.(...)

Notarei, em segundo lugar, as reproduções minuciosas da natureza, as miniaturas detalhadas que se convencionou serem reproduções da natureza, a qual, a distância alguma pode ser vista tal como os artistas no-la mostram.

Os artistas desta classe não representam o que vêm, dada uma certa distância de observação, mas sim o que eles sabem existir.(...)

Numa terceira classe reunirei agora os aquarelistas idealizadores.(...)

Outros artistas, cujos assuntos não são idealizações, serão colocados nesta classe por empregarem, em cenas vulgares, um colorido, um bonito, um viçoso e lavado de paisagens e acessórios que não pode nunca existir na natureza(...)

Falando de outras exposições de belas artes eu terei ocasião de ir determinando e, caracterizando os diferentes *gêneros*, as diferentes escolas de arte, neste momento de tão rica fertilidade do que pode já chamar-se o começo de um novo século. (13/06, SL 6)

Com textos como este, era fácil para aquele que se interessasse verdadeiramente por arte, informar-se e tomar conhecimento sobre os assuntos que a envolviam. Mas qual era o público específico ao qual se voltava a seção Belas Artes? Além dos leitores da *Gazeta*, mencionados pelo autor, faz-se alusão aos receptores dos textos apenas uma vez, no último *Suplemento*. Os leitores da seção são denunciados pelo autor “H. Marco”: seriam os “amadores” e “artistas”, ou aqueles que porventura viessem a visitar as exposições da Europa: “Assim o leitor fará uma idéia do *gênero* de um quadro ou de uma escultura, quando não possa exatamente representar nem a escultura, nem o quadro. E o amador ou o artista que, mais tarde, visitar a Europa estará habituado a conhecer, mais ou menos o estilo e a escola dos artistas mais importantes”(13/06, SL 6).

Como se pode perceber, o público ao qual se voltava a seção era basicamente todos aqueles que se interessassem por arte, intelectuais ou não, e também os artistas da época.

Os demais textos da seção que não foram mencionados, em geral também possuem essas mesmas características que se evidenciou anteriormente: noticiam os assuntos relacionados à arte, procuram enfatizar os fatos levando em consideração um leitor ávido pelas novidades relacionadas ao universo artístico e transmitem informações que complementam o conhecimento dos brasileiros sobre este assunto.

A presença desta seção no *Suplemento* é, portanto, de suma importância, pois juntamente com os textos de outras áreas, interligava o leitor carioca ao universo cultural europeu.

4.3. A seção “Livros Novos”: literatura

A seção “Livros Novos” teve cinco publicações e contribuiu com vários textos que, no conjunto, traziam novas informações sobre a literatura européia. Por meio dela, visava-se informar os brasileiros a respeito dos livros de diversas nacionalidades que eram produzidos no Velho Mundo.

Presente do primeiro ao quinto número, a seção procurava mostrar os livros em evidência com suas respectivas resenhas, para que o leitor pudesse escolher sua próxima leitura de um modo bem facilitado. Os textos de “Livros Novos” aparecem, quase todos, sem assinatura, embora, estilisticamente, sejam bastante semelhantes ao único texto que aparece assinado, o último deles, *Rose et Ninette*, de autoria de Domício da Gama, escritor que fazia parte do círculo de amigos de Eça de Queirós.

Domício da Gama (D. Afonso Forneiro, adotou do padrinho o Gama), jornalista, diplomata, contista e cronista, nasceu em Maricá, RJ, em 23 de outubro de 1862 e

faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 8 de novembro de 1925. Atuou ainda como secretário do Serviço de Imigração, e exerceu muitos outros cargos políticos ao longo de sua vida. Era colaborador da *Gazeta de Notícias* ao tempo de Ferreira de Araújo e, ainda no início da carreira, escreveu contos, crônicas e críticas literárias.¹⁷

Durante sua vida, Domício dedicou-se ao estudo de Literatura e Geografia, tornando-se especialista nas duas áreas. Isso possibilitou que tivesse uma carreira de sucesso, inclusive em jornais como a *Gazeta de Notícias*, no qual exerceu, assim como Eça de Queirós, a função de colaborador. Foi ainda membro integrante do Sindicato da Imprensa Estrangeira, atuando com brilho durante a célebre Exposição de Paris, no ano de 1889. Sua origem humilde não o impediu de alcançar postos de suma importância na época, dado seu esforço e sua inteligência. Chegou a ser ainda grande amigo e auxiliar do famoso jornalista e então diretor da *Gazeta de Notícias*, Ferreira de Araújo. Sua presença no *Suplemento Literário* certamente agregava credibilidade ao informativo, tendo em vista que Domício já era conhecido pelo leitor brasileiro por seu trabalho em periódicos como o que se citou anteriormente.

Como se ressaltou, apenas um texto da seção Livros novos traz a assinatura do escritor. Antes de adentrar de fato na questão da autoria dos demais textos, vale a pena ver na tabela que se segue, os textos nela publicados, o registro da data de publicação, e um breve resumo sobre os principais assuntos que abordam. No espaço que indica a autoria dos textos, optou-se por mantê-los “sem assinatura”, para que se pudesse fazer a correspondência integral com o corpus.

Data	Nome do texto	Autor	Assunto
18 de janeiro	Memoires du Général Baron de Marbot	Sem assinatura	Comenta sobre a obra intitulada <i>Memórias do General Barão de Marbot</i>
8 de fevereiro	- Bibliografia francesa	- Sem assinatura	- Destaca uma série de livros franceses trazendo uma resenha de cada um.
	- Bibliografia italiana	- Sem assinatura	- Mostra alguns livros italianos e

¹⁷ <http://www.marica.com.br/2003b/2910domicio.htm> - acessado em 01 de junho de 2008.

			resenhas sobre eles.
29 de fevereiro	- Livros ingleses - Livros italianos - Livros franceses	- Sem assinatura - Sem assinatura - Sem assinatura	- Destaca alguns livros ingleses com resenha e aponta uma vasta bibliografia dos que eram considerados interessantes. - Mais uma vez, destaca alguns livros italianos com suas respectivas resenhas. - Aponta livros interessante trazendo comentários.
21 de março	- Livros franceses: a aristocratização do livro - Notas bibliográficas - Um grande romance inglês	- Sem assinatura - Sem assinatura - Sem assinatura	- Aborda o tema do influência do jornal na leitura e da diminuição da leitura de livros. - Traz uma vasta bibliografia dos livros franceses que poderiam interessar aos leitores brasileiros. - Comenta com detalhes o livro <i>A História de David Grieve</i> , de Mrs. Humphry Ward.
26 de abril	Rose et Ninette	Domício da Gama	Domício da Gama traz uma resenha do livro <i>Rose et Ninette</i> , de Daudet.

Não se pode afirmar concretamente que os textos da seção pertencem a Domício. Entretanto, muitos são os indícios estilísticos que demonstram a similaridade das quatro primeiras publicações “sem assinatura” com a seção assinada pelo literato.

Um desses indícios é o constante uso de orações curtas. Assim como no texto do escritor, em todos aqueles que não apresentam assinatura predominam frases nominais que expressam a opinião de seu autor. No artigo de Domício, *Rose et Ninette*, ele afirma: “É um mimoso e alucinante título o do novo livro de Daudet”; mais à frente, há uma nova ocorrência desse tipo de frase: “Apesar do trecho delicioso, o livro é desolador”; e depois: “As frases mais bem feitas são as malévolas e paradas”. Nos demais textos, isso também ocorre com frequência: na resenha sobre *Memoires du Général Baron de Marbot*, publicado no primeiro número há a seguinte frase: “É um dos grandes livros do ano, um dos mais curiosos que se possam ler”; no segundo número do *Suplemento*, também estão presentes frases semelhantes: “É uma leitura substancial e fácil”; e, “*Forsa* é o título de um novo livro para meninos”; no terceiro número,

sobre *Some aspects of the grech genius*, de S. Butehor, afirma-se: “É um livro de professor de estética, substancial e forte, mas não pesada.”; e, por fim, no quarto número, “As relações são, como vêem, excelentes”; e, ao falar sobre *La conversion d’André Savenay*, “romance socialista”: “É um dos tais romances de advogado”.

Todas essas frases aparecem diluídas nos textos, porém, marcando um estilo próprio de um autor opinativo e objetivo, que caracteriza, por meio de adjetivos positiva ou negativamente as obras e os assuntos sobre nelas abordados, exatamente como Domício faz em *Rose et Ninette*.

Um outro indício observado na comparação dos textos é a repetição de dois adjetivos “claro” e “substancial”. O primeiro deles aparece em todos os textos, com variações de número e gênero, incluindo o texto de Domício: “A conclusão paradoxal deste fato é que os livros amargos e sombrios são os que tratam da conservação e do desenvolvimento do indivíduo e que os livros **claros**, saudáveis e reconfortantes são os de páginas negras de pólvora”, aparece no primeiro número; no segundo texto, há três repetições: “São perspectivas nem sempre muito **claras**”; “A vista do Sr. Nus, essa sim, é **clara**”; e, “A esquivaça dos espíritos a revelações mais **claras** de sua existência objetiva põe sérios embaraços á admissão desta proposição”. No terceiro número, o adjetivo é empregado mais uma vez: “A linguagem é corrente, correta e bem **clara**.” ; e, no segundo parágrafo de “A aristocratização do livro”, texto do quarto *Suplemento*: “a Grécia **clara** e serena”. E em *Rose et Ninette*, resenha assinada por Domício há o mesmo adjetivo: “podia-se pensar que *Rose et Ninette* fosse uma obra de repouso do escritor nevralgião, uma nota **clara** no sombrio quadro que há tantos anos ele nos pinta da humanidade francesa.”

Já o adjetivo “substancial” não aparece na resenha do literato, mas se repete no segundo número :“É uma leitura **substancial** e fácil”; duas vezes no terceiro: “É um livro de professor de estética, **substancial** e forte, mas não pesada”. “Um livro que oferece uma leitura **substancial** e atraente é a monografia que sobre o *jornalismo* escreveu o Sr. Eugéne Dubrief”; e

outra vez no quarto número: “Quem for curioso de documentação, [...] encontra neste livro leitura **substancial** ao mesmo tempo que recreativa”. Porém, como não há repetição deste adjetivo no quinto número, este dado não comprova a autoria de Domício, mas demonstra que os textos pertencem a um mesmo autor.

Ainda na questão dos vocábulos, observando os textos pode-se notar ainda mais uma expressão, empregada por Domício da Gama, que aparece num dos demais textos sem assinatura: “**É verdade que** os poetas de hoje não reclamam coisa alguma”, de *Rose et Ninette*; e, “**É verdade que** a forma literária é uma qualidade vulgar hoje em dia na literatura francesa”, aparece em “Livros franceses”, no terceiro número. Embora o tipo de frase seja diferente, sendo a primeira verbal e a segunda nominal, o uso da expressão revela um estilo de comentário semelhante, do desconhecido autor da primeira frase com o estilo de Domício, o que se comprova também pelo sentido das duas frases: ambas estão plenas do teor crítico, próprios de alguém que conhecia sapientemente a literatura européia, como era o caso do literato em questão: percebe-se que no primeiro trecho destacado, critica-se o conformismo dos poetas, e no segundo, acontece o mesmo, a respeito do desprezo pela forma literária notado nos livros franceses.

Aliado a isso, numa pesquisa rápida ao longo do último texto publicado na seção, notou-se o emprego exaustivo de advérbios de modo, fato que pode ser percebido sem muito esforço também nos demais textos. Há nos textos, sem dúvida, uma variedade de advérbios tal qual no texto de Domício: “raramente”, “positivamente”, “certamente”, entre muitos outros aparecem em todos os parágrafos, marcando a opinião do autor “anônimo” a todo o instante e aproximando-o ainda mais ao literato e geógrafo.

Notou-se ainda, uma frase que se refere a publicações francesas que, ou por coincidência, ou por interesse do autor “desconhecido”, mais uma vez remete a Domício: “A história, a geografia e a literatura da Rússia ocupam muito agora a atenção dos franceses”. De acordo com Paulo Batista Machado, escritor que assina a bibliografia sobre Domício da Gama em

seu livro “Maricá, meu amor”, o escritor era formado em Literatura e Geografia, disciplinas às quais cultivava uma “verdadeira paixão”.

Do ponto de vista argumentativo, alguns trechos dos artigos da seção ilustram também uma proximidade entre Domício e a autoria dos textos, devido à sua formação em literatura, como o que segue:

O gosto que faz uma leitura destas provém sem duvida da falta de amargura contra a sorte que se nota no estudo da vida dos homens de ação. A inatividade física dos nossos tempos, desenvolvendo o espírito contemplativo do homem e alterando a sua humanidade, favorece ao mesmo tempo o pessimismo, que resulta da comparação entre o esforço e o resultado. A conclusão paradoxal deste fato é que os livros amargos e sombrios são os que tratam da conservação e do desenvolvimento do indivíduo e que os livros claros, saudáveis e reconfortantes são os de páginas negras de pólvora, gotejantes de sangue, retalhadas de golpes de sabre, mas sem filosofias como as "Memórias do general Marbot". (18/01, SL 1)

Neste trecho, destacado de “Memoires du Général Baron de Marbot”, o autor comenta sobre a obra, mas atenta também para um pessimismo diante de uma época considerada por ele, “inativa”, em que o homem “desenvolvia um espírito contemplativo e alterava sua humanidade” e dessa forma, escolhia os livros “de páginas negras de pólvora, gotejantes de sangue” aos livros que “tratavam da conservação e do desenvolvimento do indivíduo”, fazendo uma crítica à leitura não-culta que muitos preferiam na época.

Um outro trecho do texto pertencente ao artigo “Livros franceses: a aristocratização do livro”, traz mais uma vez o pensamento crítico acerca do gosto dos leitores do final do século XIX. Ele analisa a diminuição do interesse pelos livros, após anos de estímulo à leitura com a redução dos preços das obras, surgida a partir de uma maior leitura dos jornais e mostra com certo pessimismo que a preferência por eles se dava pelo fato de serem “mais variadas, mais bem dosadas, menos acentuadas como expressão de pessimismo” e destinarem-se “a agradar e interessar no leitor de espírito curto”:

Não é sem vantagens, para a crescente aristocratização da chamada literatura fina, a crise que atravessa a livraria francesa que edita obras de imaginação e de belas letras. A diminuição dos preços dos volumes determinou durante cerca de trinta anos um aumento de produção apenas maior que a procura. Autores e editores enriqueceram e a carreira ficou atravancada de gente cobiçosa. Mês depois o público aborreceu-se das obras de literatura sólida, que tem a excessiva preocupação contemporânea das misérias da vida humana, e começou a contentar-se com a leitura dos jornais, mais variada, mais bem dosada, menos acentuada como expressão de pessimismo, destinada a agradar e interessar no leitor de espírito curto, sem oprimí-lo com o peso de cogitações escuras e profundas.(21/03, SL 3)

O “leitor de espírito curto”, ou seja, aquele que não se entrega à leitura das obras cultas, preferindo a leitura “informal” do jornal, os artistas que escrevem romances em busca de agradá-lo, e as obras que são produtos destes autores, são, assim como nos demais textos, alvos de Domício da Gama:

É verdade que os poetas de hoje não reclamam coisa alguma: apenas lastimam as misérias dos que erram contra si nos cálculos da vida. Os livros de Daudet tratam quase exclusivamente de desenganos. A sua série podia intitular-se, como o romance de Balzac, *As ilustrações perdidas*. E isto espalha-se pelo mundo inteiro, às centenas de mil volumes - só a tiragem da edição de Guilherme com figuras dá novecentos mil exemplares até aqui - (26/04, SL 4)

As “misérias” e “desenganos”, temas recorrentes nas obras da época, e também adotados por Daudet, no romance *Rose et Ninette*, além da incorporação de ilustrações, são características tratadas acidamente pelo literato, que deixa transparecer uma inconformidade com os números relacionados à publicação dessas obras: “novecentos mil exemplares até aqui”.

O que se pretende evidenciar com esses trechos é que em todos eles existe um grande senso crítico do autor “anônimo”, mais uma vez muito compatível com o de Domício da Gama.

Todas as características que se podem perceber ao comparar os textos “sem assinatura” com os de Domício da Gama indicam que a autoria de toda a seção seja do autor.

No entanto, uma vez que este estudo restringiu-se ao estudo comparativo somente dos textos constantes no *Suplemento Literário*, não havendo qualquer tipo de documento que comprove a autoria da seção, não se pode afirmar com precisão se os textos eram do escritor.

Na apresentação do conjunto de obras da seção “Livros Novos” não se poderia deixar de ressaltar uma característica que presente em todos os textos: a reflexão sobre a leitura dos livros e dos jornais, uma vez que o autor ou os autores da seção procuram enfatizar uma postura crítica diante dos acontecimentos literários e jornalísticos da época.

Ao longo dos textos, incluem-se passagens reflexivas que expressam o descontentamento dos literatos com o surgimento de livros não-literários. Veja-se abaixo uma delas:

Ultimamente há livros em que o texto é feito para encher espaços entre gravuras e vestí-las convenientemente. Chama-se isso “uma publicação profusamente ilustrada”. É assim a maior parte dos livros que aparecem durante o mês das *festas*, destinados a serem folheados algumas noites pelos meninos bem comportados sob a mesa da sala de jantar e a se esboroarem depois nas *etagères* ao canto dos fogões, percorridos um instante de tempos a tempos pelas visitas que esperam no salão. (08/02, SL 2-Bibliografia francesa)

Nessa passagem nota-se a ironia com que o autor trata o assunto da leitura de livros “ilustrados”. O trecho pertence ao texto “Bibliografia francesa”, sobre a semana de livros “ricos”, ou seja, das obras que ganhavam encadernações especiais e procuravam de todo modo atrair leitores com o luxo que eram produzidas. Como se pode observar, o trecho evidencia a falta de interesse pela leitura dos livros clássicos, não-ilustrados, que produziam interesse pelo conteúdo e não pelas gravuras que veiculavam. É por isso que enfaticamente o autor diz: “Ultimamente há livros em que o texto é feito para encher espaços entre gravuras e vestí-las convenientemente” (08/02, SL 2), mostrando que algumas produções que surgiam naquele momento não tinham qualidade, pois não se interessavam em narrar histórias artisticamente, dando ao texto um formato literário, mas interessavam-se em agradar ao público, com a finalidade de vender mais.

O trecho ilustra ainda a falta de valor que o livro recebia, pois seu intuito acabava sendo pura distração: “É assim a maior parte dos livros que aparecem durante o mês das *festas*, destinados a serem folheados algumas noites pelos meninos bem comportados sob a mesa da sala de jantar e a se esboroarem depois nas *etagères* ao canto dos fogões” (08/02, SL 2).

Sabe-se que no final do século XIX, muitos jornais, incluindo a *Gazeta de Notícias*, procuravam convidar os escritores de maior popularidade para integrar suas colunas e também para publicarem, em folhetins, ou seja, nos rodapés dos jornais trechos de obras ou contos de sua autoria. Essa novidade atraía cada vez mais leitores para o jornal, e o livro, que até então tinha importância fundamental na vida dos burgueses, vai se tornando artigo secundário. Em “Livros Novos”, o autor vai além, arriscando ainda previsões sobre o futuro do livro:

O jornal não matou o livro por enquanto, mas vai arredando-o do comércio corrente. O livro voltará à biblioteca: a folha volante, da leitura rápida e inatenta, o substituirá na rua, como em certas representações teatrais personagens, que não fazem mais do que aparecer de passagem, numa cena se fazem substituir por comparsas vestí-los identicamente para que os figurem. [...]
 Este livro valioso, de que dizem que há um em cada dez anos, irá aparecendo cada vez mais desacompanhado, valendo sempre o serviço que presta à sociedade pela satisfação das necessidades morais que ele representa. Haverá menos autores de volumes a três francos e cinquenta centésimos - não será grande a falta; a maior parte dos editores fechará a porta e os livros mais raros serão mais caros - o leitor fará mais caso do que comprar com sacrifício que valerá a pena disso.[...]
 O que desde já se pode prever é que o livro, não mais destinado às grandes tiragens, será escrito para quem saiba ler e por quem sinta a necessidade absoluta e a urgência de o escrever. Entre os livros desse modo feitos é que às vezes se encontram obras primas. Falo das obras de imaginação e de filosofia, dos livros de arte e de contemplação abstrata: os balancetes de bancos, os guias de viagens e os manuais técnicos não deixarão periclitár a arte tipográfica no futuro. (21/03, SL 3)

Mostrando que o interesse pelo livro era suprimido pelo advento do jornal, o autor comenta que o livro voltaria à biblioteca substituído pela “folha volante, da leitura rápida e inatenta” e não mais destinado a um grande público, seria escrito “para quem saiba ler e por quem sinta a necessidade absoluta e a urgência de o escrever”. Haveria, desse modo, uma verdadeira aristocratização das artes, de modo que somente o leitor culto as apreciaria. Em um

trecho mais à frente, evidencia-se uma postura elitista do articulista, que também ilustra a restrição a que as artes literárias se submeteriam de acordo com suas previsões:

Há hoje a preocupação de afinar o grosso leitor que lê por se distrair, quando o que deve ser afinado é o leitor que tem vida favorável a um completo desenvolvimento intelectual. As classes superiores têm o dever de se cultivar intelectualmente. O livro fino vai ser escrito para elas. A aristocratização da arte literária, subirá por esse caminho, com mais dignidade, para os altos destinos do pensamento humano. (21/03, SL 3)

Como se pode perceber, não há eufemismos para demonstrar que a arte era feita somente para a alta sociedade, que, de acordo com o autor tinha “uma vida favorável a um completo desenvolvimento intelectual”. Nota-se ainda, uma crítica ferrenha aos hábitos da burguesia, que se interessava pelo jornal, considerado por ele “folha volante, da leitura rápida e inatenta”, ou seja, que informava e não exigia nenhum conhecimento artístico.

Conclui-se, dessa forma, que “Livros Novos” é uma seção bastante completa, pois ao mesmo tempo informa e traz o posicionamento do autor frente a fatos a ela associados, como a diminuição da leitura dos livros. Além disso, por meio desta seção pode-se perceber como era o panorama literário do período, pois além dos livros mais importantes, a seção destaca os costumes que determinadas nações tinham em relação à leitura, fatos históricos que influenciavam na postura em relação a este tipo de arte e evidencia ainda como a renovação da imprensa modificava o hábito de ler.

Trata-se, portanto, de uma das poucas seções do *Suplemento* voltadas a assuntos relacionados às letras, à literatura, e que, associada ao conjunto dos demais textos que o integram, corrobora a imagem do *Suplemento Literário* como um jornal de variedades.

4.4. Seção “Os Teatros”

Data	Nome do texto	Autor	Assunto
18 de janeiro	Sem título	F. de A.	Comentário e análise crítica da peça

			teatral “La Mer”, de Jean Jullien
8 de fevereiro	- Ibsen - A Pantomima - O teatro realista <i>Les Gneux</i> - O caso de Monnet-Sully	- F. de A. - F. de A. - F. de A. - F. de A.	- O assunto central é o teatro do dramaturgo Ibsen, enfocando a peça “Les Revenants” - Fala-se sobre a inclusão de surdos-mudos na representação de pantomimas ¹⁸ . - Limita-se a discorrer sobre a censura que algumas peças estavam sofrendo devido a cenas consideradas moralmente inadequadas. - O trágico Monnet-Sully e sua contratação milionária são alvos do cronista.
29 de fevereiro	Sem título	A.	Comenta sucintamente sobre a peça “A Família Pont-Biquet”, de Alexandre Bisson; sobre o insucesso de <i>La Menteuse</i> , de Alphonse Daudet e Henrique
21 de março	Comédie Française: <i>Par Le Glaive</i> , por Jean Richepan	F.de A.	Comenta a peça “Par Le Glaive”, fazendo, em seguida, a transcrição de um trecho.

Uma das seções publicadas geralmente na segunda página ou no verso do *Suplemento Literário* era “Os Teatros”. Nela evidenciavam-se somente os assuntos mais recorrentes com relação aos teatros europeus. Geralmente, publicavam-se notícias sobre os principais eventos e personalidades famosas que os freqüentavam ou análises de peças que estavam em cartaz ou que já haviam sido apresentadas nos palcos londrinos e parisienses. Um dos teatros que mais recebe destaque pelo autor é o parisiense Vaudeville, onde foram apresentadas grande parte das peças teatrais comentadas pela seção.

Esta parte do *Suplemento* procurava selecionar aquilo de mais refinado que havia na Europa, de modo que, ao lê-la o leitor tivesse amostras de cultura que fossem requintadas e dignas de apreciação ou de conhecimento. Era também uma parte que indubitavelmente vinha ao

¹⁸ A pantomima era a arte a ou ação de exprimir idéias ou sentimentos por meio de gestos. Podia ser executada, ainda, em representações teatrais.

encontro do intuito das festas grandiosas que se realizavam nos salões, pois alimentava as longas conversas que se travavam nessas reuniões da elite.

Sendo uma característica do *Suplemento* o refinamento, observado desde sua estrutura gráfica, com o título *Suplemento Literário* escrito por meio de uma grafia rebuscada, pode-se dizer que tanto as seções como os “textos avulsos” que nele apareciam, estavam dotados de um alto conhecimento intelectual, o que levava os colaboradores do informativo a se utilizar de formas variadas de textos, como notícias, análises, resenhas, entre outros. Em “Os Teatros” isso também se presentificava: na seção aparecem peças teatrais analisadas sob um ponto de vista crítico pelo autor “F. de A.”, que além de expor o enredo da peça, opina e agrega informações sobre o parecer da crítica parisiense.

Exemplo disso é o texto publicado na seção, no primeiro número, que trata da obra *La Mer*, escrita por Jean Jullien, um novo autor de peças teatrais.

A análise proposta pelo autor é na verdade uma avaliação do ponto de vista de um famoso crítico de teatral da época - Francisque Sarcey, grande figura social da época, integrante da crítica parisiense e, por isso, um assíduo freqüentador de teatros, e ainda, de acordo com o autor do texto, “extremamente exigente com autores novos”. (18/01, SL 1).

Tenho em grande apreço Francisque Sarcey que, além de erudito, tem o amor do seu ofício e uma grande dose de serenidade bonachona; mas por vezes parece-me que o seu grande espírito, à força de consolidar os conhecimentos adquiridos, perdeu as receptividades para as idéias novas, ou, ainda mais, opõe-lhes a resistência que a couraça opõe à bala. (18/01, SL 1)

Como se pode perceber, a argumentação presente neste trecho revela um discordância entre o autor do artigo e o crítico Francisque Sarcey. Comprova ainda, a peculiaridade de Sarcey em não aceitar os novos estilos de obras de arte, ou seja, “idéias novas” às quais “opõe a resistência que a couraça opõe à bala”.

Essa fundamentação dada no início da crônica, vem ao encontro do intuito do autor, que era o de salientar criticamente o conservadorismo da crítica parisiense, por meio de uma leitura positiva acerca de “La Mer”.

Para isso, logo após realizar um estudo do texto do crítico Francisque Sarcey, faz a exposição do enredo da peça, de forma detalhada, mostrando inclusive sua divisão em atos. Suas considerações vão sendo feitas de acordo com a suscitação das considerações do crítico Sarcey. De acordo com “F. de A.”, Sarcey “chega a revelar mau humor, embora reconheça notáveis qualidades do dramaturgo”. De acordo ainda com o cronista do *Suplemento*, o crítico:

Irrita-se, porque os personagens falam *patois*; irrita-se, porque depois de uma briga duas famílias vivem juntas, sem que o autor tenha dito claramente que os pescadores da Bretanha não são muito meticolosos em pontos de honra; e, no entanto, o *patois* que se fala em cena até eu o entendi, porque consiste unicamente na pronúncia incorreta de algumas palavras, a que o ouvido se habitua imediatamente; e quanto ao ponto de honra, a prova de que o caso que figura na peça não é a regra, mas a exceção, é que um dos personagens secundário mostra-se imediatamente espantado da conciliação aparente, e que é justamente o ponto de partida do drama, porque, se as famílias brigassem e se separassem, não chegaria a haver drama. (18/01, SL 1)

Como ilustra o fragmento, o crítico Sarcey “irrita-se” com alguns pontos da peça, como as falas das personagens e o enredo, ao passo que o cronista de “Os Teatros”, mais ponderado, destaca que as falas até ele havia entendido e que o enredo possui qualidade.

De um modo geral, a exposição do enredo ocorre de forma bem completa. O cronista resume e comenta os três atos da peça, mostrando o cenário em que se passavam: “o mar, em uma aldeia de pescadores da Bretanha; à direita uma taverna, em uma estrada em que os rochedos escondem; à esquerda, um sítio em que as mulheres vão lavar a sua roupa suja, no sentido exato e no sentido figurado da palavra. Sobre a praia uma cruz, a cujos pés vê-se, ora um mendigo, ora um vendedor de bugigangas”. (18/01, SL 1). É importante ressaltar a propriedade de termos literários de “F. de A.”: enredo, drama, personagens, entre outros e seu conhecimento crítico:

O efeito é enorme, e o próprio Sarcey o confessa; mas condena o processo, a falta de exposição clara do assunto, o não ter visto nascer a discórdia depois da conciliação e preparar-se a cena final.

Ora, em arte se não se pode dizer que o processo é indiferente contanto que o seja bom, deve-se aceitar todo o processo novo, contanto que o artista se sirva bem dele, e chegue por ele ao seu resultado. É o que acontece incontestavelmente com “O Mar”, e o Sr. Jean Jullien há de dar muito que falar de si, porque tem um talento que não é comum, e que não se submete cegamente às fórmulas consagradas. (18/01, SL 1)

“O efeito é enorme” refere-se a um trecho da peça em que duas personagens, entre elas um vilão, vão ao mar, porém somente um deles retorna, não sendo possível aos espectadores identificar qual deles, dada a distância e a técnicas no palco. Quando a figura se aproxima, sua esposa o identifica: era então o vilão, terminando a peça numa espécie de clichê.

Porém, o que Sarcey condena é o desenrolar da história, em que “mocinhos” aceitam conviver com vilões e as personagens não têm, de acordo com ele, embasamento que as dê credibilidade, ou seja, suas características são dadas no desenrolar da peça, aleatoriamente, sem que se saiba previamente seu caráter.

Enfim, o modo como o autor “F. de A.” enumera as características e expõe o assunto central, iniciando-se com o comentário sobre o crítico e depois mostrando uma crítica pessoal, dão ao texto uma facilidade de compreensão que se ressalta com o vocabulário de fácil leitura, exceto pelas constantes palavras em francês, como era típico da época, proporcionando aos leitores da seção um verdadeiro aprofundamento no que concerne à obra *La Mer*.

Neste texto, ainda, é interessante destacar uma referência ao diretor do *Suplemento Literário*, Eça de Queirós:

Como este artigo já está muito estirado, e o Eça de Queirós quer o suplemento muito variado, não posso desenvolver o caso; mas há uma tal penúria de peças em Paris, dignas de atenção, que é possível que para o próximo número eu me ocupe desta, não pelo que ela vale, mas para tornar saliente a injustiça relativa de Sr. Sarcey, em relação ao autor de *Mar*. (18/01, SL 1)

Com este trecho pode-se nota-se que para manter o “suplemento muito variado”, os artigos deveriam ser pouco extensos, de modo que assim sobrasse espaço para se falar um pouco sobre cada assunto, tendo em vista que para isso havia somente duas páginas. Essa variedade pretendida por Eça e constatada ao se verificar ao leque de assuntos abordados em cada *Suplemento* tornam-no uma espécie de informativo cultural, pois em seu conjunto, condensava todas os tipos de informações sobre cultura, literatura, economia, conhecimentos gerais, entre outros. Verificando-se a seção “Os teatros” em relação a outras seções, torna-se perceptível essa variedade de temas que uma seção possui em relação às demais.

No caso de “Os Teatros” há um direcionamento que conduz todos os textos: em geral, todos abordam conteúdos relacionados ao gênero dramático, não divergindo deste propósito, ou seja, os assuntos, embora comentem sobre alguns atores e personalidades deste meio, não se afastam em direção a comentários pessoais ou a informações sobre a vida destes. De modo que não se pode dizer que a seção seja especulativa. O comentário sobre a vida de personalidades e seus feitos fica destinado, portanto a outra seção, “Pessoas e casos”, que se verá mais tarde.

Ainda no trecho acima, nota-se a preocupação em comentar outras peças teatrais, sendo este tipo de assunto, como visto, uma espécie de “fio-condutor” da seção. Embora não esteja explicitado no trecho e sim no que o antecede na crônica, fala-se sobre a obra *Los Jobards*, de Ibsen, ficando portanto uma espécie de promessa de que no próximo artigo, dela se falaria.

No entanto o que se vê no segundo número do *Suplemento* é, certamente, uma publicação sobre o escritor e dramaturgo escandinavo Ibsen, porém, com justificativa do autor, a obra não é abordada:

Eu bem quisera poder dar uma idéia do teatro de Ibsen, o que sempre me parece melhor do que cumprir a promessa que fiz de ocupar-me com os *Jobards*, que o Sr. Sarcey aplaudiu, porque tem uma cena que lhe fez subir a lágrima à miopia, mas tenho medo de comprometer a causa, principalmente se me referir à *Hedda Gabbler*. (08/02, SL 2)

O cronista “F.de A.” comenta neste texto que após assistir *Hedda Gabler*, Frederique Sarcey “declarou que basta de experiências com os estrangeiros, salvo quando eles tiverem alguma coisa de original”, pois disse não ter entendido nenhuma palavra da peça. Sendo assim, com “medo” de desagradar à crítica parisiense, a peça escolhida para ser comentada é *Les Revenants*, também de Ibsen, porém não representada em Paris, devido a seu caráter ousado.

Novamente o autor recorre à exposição do enredo, que aborda, inclusive o tema do incesto e, no final do texto, questiona aos leitores se gostariam de tomar mais conhecimento sobre obras daquela espécie, mostrando-se interessado em fazê-lo.

Neste mesmo número do *Suplemento Literário* aparece um pequeno artigo sobre a pantomima e a tentativa de se inserir os surdos-mudos em sua execução.

Era um artigo curto, sem muitos pontos a serem destacados, mas bem objetivo, em que o autor comenta sobre o assunto sem dar muitos detalhes, acrescentando somente que a idéia não era original na época, pois em cidades como Nova Iorque e Viena apresentações do gênero já vinham sendo feitas.

Contudo os “assuntos gerais” sobre teatro não se findam com “A Pantomima”. Há ainda um outro artigo que comentará uma peça teatral bastante polêmica - *Les Gneux*- que havia sido apresentada em Paris em dezembro, portanto dois meses antes da publicação do segundo número do *Suplemento*.

Como as representações de teatros realistas passavam por um período de proibição naquele momento, o autor “F. de A.” prefere não fazer a análise da peça:

O cronista pensou em contar, senão o enredo da peça, pelo menos a cena capital; mas lembrou-se que em tempos quiseram matar o José Telha, por ter referido, com toda a sorte de véus púdicos e literários, de que modo os elefantes fabricam marfim, e contenta-se de dizer que não só essa, mas todas as representações do Teatro Realista estão proibidas, e que o diretor vai ser processado.(...)
O público, esse público especial do Teatro Realista, chegou a horrorizar-se, berrou, o pano desceu no meio do ato, e aconteceu à peça o que devia acontecer a um dos personagens: não chegou a *termo*. (08/02, SL 2, Les Gneux)

Com base no estudo dos textos e em sua assinatura, que aparece de forma abreviada – “F. de A.” – durante o estudo da seção “Os Teatros” suspeitou-se de que fossem do diretor do *Suplemento*, Ferreira de Araújo. Porém, para que a autoria lhe fosse atribuída faltavam elementos que lhe fossem peculiares. Com o trecho acima, essa questão pode ser elucidada haja vista que “José Telha” era um dos pseudônimos de Araújo. Esta é, indubitavelmente, mais uma grande colaboração recebida por Eça para compor o *Suplemento Literário*. Ao lado de Domício da Gama, Batalha Reis, José Maria de Queirós, e do próprio Eça, Ferreira de Araújo agregava a visão de uma renomada personalidade, conhecidíssima por suas habilidades na imprensa, ao *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias*.

Extremamente informado, este diretor, que conhecia com propriedade o continente europeu e para ele viajava constantemente, cumpria com clareza a tarefa de informar as notícias culturais da Europa para seus leitores brasileiros.

Nesse trecho, exposto anteriormente, ele discute como era a intervenção dos valores morais na exibição de peças teatrais naquele momento. O comportamento do público definia o destino das peças: aquelas que fossem consideradas inadequadas e ofensivas aos espectadores, poderiam nem mesmo chegarem ao término de sua apresentação.

Entretanto, as notícias deste número não terminam com *Les Gneux*. O último artigo do *Suplemento* é “O caso Monnet-Sully” que entre outros comentários, traz o de que este trágico, que condenava todos os artistas que iam trabalhar na América em troca de melhores remunerações, opta por seguir o mesmo caminho, porém, com intuito diverso: como não tem filhos, deixaria um “prêmio em favor do culto à tragédia”.

“F. de A.” mostra-se bastante incomodado e para expressar-se, recorre à ironias, no final do texto:

Não acham que, no fundo, o caso Monnet-Sully parece-se com o caso Coquelin e o caso Sarah, como duas gotas d’água? Não acham que esta preocupação de glória além-

título, comprada a peso de milhões para fundar um prêmio, é parenta próxima do esquife de Sarah e da sua reputação universal? (08/02, SL 2)

Comenta-se o caso Coquelin, porque Monnet-Sully chamava-o “*cabotin*”, palavra em francês que significa “canastrão”, pois este ia “ganhar milhões na América” e Sara Bernhardt, uma famosa trágica, era por ele considerada uma “*cabotine*”, pois ia ganhar dinheiro “no mundo inteiro”. Assim, o autor ironiza dizendo que o caso Monnet-Sully é como os casos Coquelin e Sara e que usava como pretexto o legado de um prêmio, mas o que ele realmente pretendia era ter reconhecimento no mundo todo.

E é também com esse texto que se finda a seção “Os Teatros” do segundo número.

No terceiro *Suplemento* “Os Teatros” reduz-se a praticamente um terço do espaço que ocupava nos demais números: de uma coluna e meia, passa para um terço da coluna. Os assuntos que ganham enfoque são brevemente comentados e não são desenvolvidos pelo autor. O primeiro deles é a peça “*A Família Pont-Biquet*”, de Alexandre Bisson, sucintamente resumida, mas caracterizada como um sucesso, em Paris. O segundo assunto refere-se ao fiasco da representação da peça intitulada *La Manteuse*, que causou riso em uma cena de suicídio. O último é a doença de uma famosa atriz parisiense – Réjane – que ocasionou transferência da data de exibição da peça *Germinie Lacertoux*. São, como se pode notar, os assuntos aleatórios sobre peças teatrais e artistas. Sobre a seção “Os Teatros” vale salientar ainda que há uma outra mudança em relação às suas publicações anteriores: o autor Ferreira de Araújo assina como “A.”, em vez de “F. de A.”, voltando a usar esta última no número seguinte.

Em sua última publicação a seção “Os Teatros” volta à sua estrutura original, ocupando maior espaço no *Suplemento* e desenvolvendo uma análise crítica. A peça em questão é “*Par Le Glaive*”, de Jean Richepan, que recebem como comentário de “F. de A.” as seguintes palavras:

A intriga desta peça não é solidamente arquitetada, há cenas inúteis e situações falsas, processos aproveitados de escritores de dramalhões pantafaçados, e declamações demagógicas em que o público já não confia; mas o expectador sente que o autor tem talento como uma legião de diabos, que faz versos de uma sonoridade vibrante a que nenhum tom é estranho, desde o do idílio até o da tragédia, (...).(21/03, SL 3 - Par Le Glaive)

Como mostra o trecho, a peça apresenta seus defeitos “não é solidamente arquitetada” e baseia-se em “declamações demagógicas em que o público já não confia”. Porém, o autor e seu “talento como uma legião de diabos”, conquista o espectador com seus “versos de uma sonoridade vibrante a que nenhum tom é estranho, desde o do idílio até o da tragédia”. E é parte desses versos que o cronista transcreve, após resumir o enredo da peça aos leitores do *Suplemento*, proporcionando o contato destes com as falas da peça, fato até então inédito no informativo.

E é esta então a última publicação da seção “Os teatros”, que certamente deixa de integrar o informativo para que ele vá se tornando cada vez “mais variado” e menos fixo, em direção a se compor apenas de textos interessantes que envolvessem a cultura geral européia.

4.5. Seção “Pessoas e casos”: variedades

Data	Nome do texto	Autor	Assunto
18 de janeiro	- Emílio Castellar - As recepções do Vaticano	- Sem assinatura - Sem assinatura	- Fala ironicamente sobre a vida desse orador e historiador espanhol - Comenta ironicamente sobre as cerimônias no Vaticano
8 de fevereiro	- O duque de Devonshire - Sobre chinós - Monsenhor Freppel - Albert Wolff e Henri de Lapommeraye	- Sem assinatura - Sem assinatura - Sem assinatura - Sem assinatura	- Fala sobre a morte do duque dando ênfase a suas qualidades e aos seus grandes atos. - Destaca a futilidade do uso de perucas e fala sobre os cabelos que a elas davam origem. - Comenta sobre a morte do bispo, enfocando seu suposto mau-caráter. - Discorre sobre a morte de dois folhetinistas parisienses
29 de fevereiro	- A melhor maneira de gozar	- Sem assinatura	-Mostra o novo hábito das pessoas de grande

	o inverno - O novo quediva do Egito - Trezentas páginas sobre um rei de 5 anos - Um conselho judiciário	- Sem assinatura - Sem assinatura - Sem assinatura	poder aquisitivo do final do século. - O texto fala sobre a morte do antigo quediva do Egito e a preparação do filho para assumir o cargo. - O assunto abordado é a biografia que se escreveu sobre o rei de apenas 5 anos, da Espanha. - Comenta sobre o duque d'Orleans e sua amante, fazendo uma crítica às “cocotes” a época.
21 de março	- Henriquel-Dupont - O museu Galliera	- Sem assinatura - Sem assinatura	- Notícia a morte de Henriquel-Dupont, um grande gravador de chapas artísticas. - Comenta-se sobre as doações da duquesa de Galliera para a construção de um museu e sobre sua morte.

Uma das seções em que se encontra a maior variedade de temas dentro no *Suplemento Literário* é “Pessoas e casos”, diagramada geralmente na segunda página do *informativo*. Nela, se o leitor fosse um homem de negócios ou mesmo um curioso poderia encontrar acontecimentos variados, relacionados à personalidades em evidência na época ou a fatos corriqueiros. Presente desde o primeiro até o quarto número, “Pessoas e casos”, informava assuntos que iam desde as novas manias da burguesia, passando pelas cerimônias religiosas ocorridas no Vaticano, até a morte de pessoas importantes da época, como escritores e monarcas.

O óbito é, aliás um dos assuntos abordados com maior frequência na seção. Ao todo são cinco artigos, sendo três publicados no dia 8 de fevereiro, um no dia 29 de fevereiro e o último no dia 21 de março. Todos eles comentam sobre a vida da pessoa falecida, dando um enfoque maior que o que se daria numa nota.

Dos cinco textos, um deles, “O novo quediva do Egito”, não faz exatamente uma biografia da vida do quediva, mas dá destaque à consequência do fato, fazendo comentários diretos e irônicos sobre o processo de sucessão:

O filho que lhe sucede, Abbas-Paxá, é um moço de dezoito anos, com uma cara redonda como uma maçã, bondosa e vulgar, que revela bem a sua falta de individualidade e de qualidades fortes. Estava sendo educado em um grande colégio da Áustria, onde era admirado pelo seu sossego, a sua aplicação, a sua obediência aos mestres, a excelência dos seus temas. É exatamente o quediva que os ingleses precisam - mole, passivo, honesto, ocidentalizado, e leitor escrupuloso do *Times*. Há de casar, viver

agradavelmente no seu belo palácio de Abdin, mobiliado à inglesa, ir orar as mesquitas com uma escolta de soldados ingleses, assinar as leis redigidas pelos juristas ingleses, e ser como foi seu pai, o soberano indolente e feliz da mais bela e da mais rica das províncias de Inglaterra. (29/02, SL 2)

Tal estilo do autor e maneira de fazer comentários, de acordo com estudos realizados, revela grande semelhança com o estilo do escritor Eça de Queirós. De acordo com Elza Miné, particularidades do autor podem ser detectadas particularmente na seção “Pessoas e casos” “em que se pode ouvir, inconfundível, a voz de Eça e em que é clara a aproximação com ‘Os Ingleses no Egito’”. E ela completa dizendo “Também são nitidamente queirosianas as cadeias de adjetivos, assim como a forma de aludir ao *Times*”.

Todavia, no que concerne aos demais textos da seção, parece não haver outros textos que empreguem o mesmo estilo e características do autor e, portanto sua autoria - já desconhecida devido à ausência de assinatura, permanece uma incógnita.

Além dos anúncios dos óbitos e da presença de um texto, ao que tudo indica, queirosiano, o teor crítico de alguns artigos acrescenta a esta seção um caráter especial, diferenciando-a de todas as demais seções presentes no *Suplemento*.

Para ilustrar, tome-se como exemplo o texto “a melhor maneira de gozar o inverno”.

A melhor maneira de gozar o inverno

Antigamente, e ainda hoje para a grande multidão, a idéia de passar agradavelmente o inverno era habitar durante os seus meses mais duros um clima doce e tépido, como a Costa-Azul do Mediterrâneo, onde as rosas florescem em janeiro, o termômetro se mantém cortesmente, por casa dos príncipes doentes, a 12° ou 15° acima do cruel zero, e se pode passear, olhando os poentes de ouro e azul sem pressa e sem paletó. Hoje há uma idéia diferente, mais sensata, e mais naturalista. Em vez de se evitar o inverno e os seus gelos, (como diziam os nossos clássicos que nunca viram a neve), procura-se gozar o inverno, no que ele tem de mais característico e de mais seu, nas próprias regiões onde vive à larga, e tal como Deus o criou nos tempos primitivos. Provém isto de se ter descoberto enfim que o inverno da civilização é essencialmente diferente do inverno da Natureza - e que tanto o inverno civilizado é doentio e feio, quanto o inverno natural é famoso e são. Se, com efeito, nada pode ser mais intolerável que um inverno de Paris e de Londres, ou Madrid, com os céus pardacentos e enevoados pelo fumegar das chaminés, as lamas chapinadas por milhares de pés, as correntes de ardas portas que fecham mal, a brevidade dos dias, a multiplicidade dos catarros - nada pode ser mais atrativo do que um verdadeiro e sincero inverno da Sibéria e dos pólos, ou do que, na

nossa Europa mais culta, representa o pólo e a Sibéria - isto é, as montanhas da Suíça.
(29/02, SL 2)

Como se pode observar, o texto aparece repleto de ironias, que são acrescentadas diluída e gradativamente a cada linha, de modo a culminar nas últimas orações do trecho, como uma crítica à burguesia: “E foi, com efeito, um grande artista, o poeta inglês Simmonds, que descobriu e popularizou este alto refúgio feito de neve branca e de azul-celeste, onde a gente de gosto possa se esquecer, nas delícias do inverno natural, as misérias do inverno civilizado.”

Em “Emílio Castellar”, a ironia tende à comicidade: “A única coisa que aflige Castellar e os seus amigos é a sua crescente obesidade. Aquele espírito alado habita uma pipa. E como tem os braços muito pequenos e as mãos quase minúsculas, o grande homem, sobretudo quando anda, faz lembrar irrespeitosamente uma foca de pé, com as duas barbatanas a dar-a-dar”.

“Monsenhor Freppel” e “As recepções do Vaticano” apontam para a ironização da Igreja, pois acentua o mau-caráter do bispo Freppel, que após morrer deixou o bispado repleto de dívidas, e comenta sobre os preços a que se devia pagar para se assistir às cerimônias religiosas no Vaticano.

“Sobre chinós” relata a moda do uso de perucas loiras, por quem tinha uma favorável condição econômica. É um texto com palavras atenuadas, e que possui um enfoque maior na divulgação da notícia do que na crítica de fato, assim como “O museu de Galliera”, sendo que neste predomina, sobretudo, a narração da notícia.

“Trezentas páginas sobre um rei de cinco anos” e “Um conselho judiciário” revelam, no primeiro, uma certa sátira com o ato de uma criança assumir o poder e, no segundo, uma crítica de costumes ferrenha às mulheres que se vendiam à aristocracia.

Com todos estes textos de assuntos variados, pode-se dizer que a seção “Pessoas e casos” destinava-se a relatar acontecimentos menos relacionados à arte e mais voltados às figuras

ilustres fossem aristocratas, fossem burgueses. É válido lembrar que antes do início do primeiro texto do primeiro número, há uma citação que diz serem as informações desinteressantes aquelas que melhor auxiliam na educação, em outras palavras, não eram os livros que educavam, mas a vida, o mundo:

“Para que me vindes falar de pessoas que não conheço? – Para as ficardes conhecendo. Para que me quereis contar coisas que não me interessavam? – Para vos ficardes interessando.
A melhor educação, como dizia Descartes, consiste em fechar os livros – e folhear o grande livro do mundo e da vida. O Supremo Compendio – é o Homem”. (18/01, SL1)

Embora apareça em destaque, ou seja, como uma citação antes do texto, este trecho não apresenta assinatura, fato que permite a interpretação de que o trecho seja do mesmo autor dos demais textos.

E se o propósito da seção era o de falar de assuntos corriqueiros para de alguma forma manter o leitor informado, pode-se dizer que, o público ao qual pretendia atingir era aquele que tivesse interesse nestes acontecimentos, sendo então destinada desde aqueles que tinham conhecidos no continente europeu, até aqueles que tivessem apenas curiosidade em saber novidades daquele continente.

4.6. A seção “Ecos contemporâneos”

Data	Nome do texto	Autor
21 de março	-Um ensaio prático do socialismo - A desilusão da África - Outra vez o Pólo Norte	Sem assinatura

“Ecos contemporâneos”, embora também aborde temas variados, não apresenta o intuito de mostrar as “celebridades” da época, mas revela uma tendência a comentar fatos,

“casos” assim como se propunha “Pessoas e casos”. Porém a diferença entre elas está na abordagem do que se relata, ou seja, no teor que se dá a cada notícia que, em “Pessoas e casos” apela para a ironia que toca o tom humorístico e em “Ecos Contemporâneos” acaba se restringindo à crítica ácida:

A única coisa que aflige Castellar e os seus amigos é a sua crescente obesidade. Aquele espírito alado habita uma pipa. E como tem os braços muito pequenos e as mãos quase minúsculas, o grande homem, sobretudo quando anda, faz lembrar irrespeitosamente uma foca de pé, com as duas barbatanas a dar-a-dar. (18/01, SL 1- “Emílio Castellar”/ seção “Pessoas e casos”)

Quando o Dr. Nansen regressar do pólo norte, procurará chegar às proximidades do pólo sul. [...]

E quando o tenha resolvido - o que lucrará a humanidade? Saber apenas que ao norte e ao sul desta pequena bola em que vivemos (em que tão tremendo ares nos damos), existem imensas, estéreis e brutas camadas de neve? E gasta-se um grande capital, um grande esforço, inteligência e vida, para ir verificar da borda de um navio e de longe, que a certa latitude e certa longitude há gelo, muito gelo! Que nos importa o que está no pólo? Há lá homens? Não. Então não vale a pena armar uma simples catraia de dois remos para lá chegar - porque para o homem só há de interessante e útil o conhecer e observar o próprio homem. Há lá ouro, minérios, frutos novos, elementos para criar indústrias ou inovar culturas? Não. Então que lucro tiramos de ir a esse pólo à custa de trabalho e dor? (21/03, SL 3- “Outra vez o Pólo Norte”/ seção “Ecos contemporâneos”)

No primeiro trecho, extraído de “Pessoas e casos”, nota-se um humor em forma de sátira, na referência que se faz ao tipo físico e aos trejeitos de Emilio Castellar, comparando-o a uma “foca de pé, com as duas barbatanas a dar-a-dar”. Já no segundo, nota-se a ironia de um autor que questiona a utilidade dos estudos sobre os pólos da Terra: “E gasta-se um grande capital, um grande esforço, inteligência e vida, para ir verificar da borda de um navio e de longe, que a certa latitude e certa longitude há gelo, muito gelo! Que nos importa o que está no pólo?”

Destacado que havia diferenças entre estas duas seções, vale dizer que o surgimento de “Ecos contemporâneos” no quarto número do *Suplemento Literário*, e é lícito dizer que “Ecos” não surgiu em substituição a “Pessoas e casos”, pois ambas estiveram lado-a-lado no quarto número do *Suplemento*.

A inclusão desta seção somente colabora para que se notem as constantes mudanças que havia no interior do informativo, a fim de torná-lo mais atraente. E como as inserções e eliminações ocorriam aleatoriamente ou de acordo com as intenções do diretor Eça de Queirós, podendo-se dizer, que não havia regras, portanto, “Ecos contemporâneos” tem somente uma publicação e logo em seguida é eliminada, permanecendo por muito menos tempo que “Pessoas e casos”, que tem quatro publicações.

Essa freqüente transição entre as seções, a troca delas por “textos avulsos” revela que na escolha dos textos que integrariam o *Suplemento* não havia muitas regras – nem de localização das seções dentro do número, nem mesmo de sua presença ou ausência. As transformações ocorriam por vezes, de forma abrupta, posto que muitos artistas deixavam promessas de publicar um outro texto mais à frente e, devido à exclusão da seção, não o podiam cumprir.

Isto se deve ao fato de que se pretendia escrever sobre a maior variedade de assuntos no pequeno espaço de duas páginas que eram destinadas aos textos desse informativo.

Dessa forma, mais uma vez pode-se dizer que o *Suplemento* possuía uma característica que o enquadra como um informativo de variedades ou informativo cultural, sua constante rotatividade de seções e textos para que se conseguisse falar sobre os assuntos que fossem mais dignos de interesse do público.

“Pessoas e casos” e “Ecos contemporâneos” ilustram claramente a inserção de “assuntos mundanos¹⁹” e, portanto, de textos não referentes às artes ou literatura.

¹⁹ Eça de Queirós em texto do Suplemento literário de 18 de janeiro de 1892 - A Europa em Resumo.

4.7. Seção “O Dinheiro”: economia

Data	Nome do texto	Autor	Assunto
18 de janeiro	Sem título	Amator	As bolsas de valores mundiais
8 de fevereiro	Sem título	Amator	Bolsa de Paris; o mercado de café; e o livro <i>10 718...!</i> de subtítulo <i>Estudos de anatomia do câmbio</i> .
29 de fevereiro	O mercado de café no Havre	A.	O suplemento sobre economia <i>do Bulletin Correspondance</i> , do Havre; o mercado de café, no Havre.

É fato notório que o *Suplemento Literário* visava propagar no Brasil as informações mais relevantes das principais capitais européias, como Paris e Londres. Estas informações, de acordo com um intuito pré-definido pelo diretor Eça de Queirós e pelo diretor da *Gazeta de Notícias*, seriam diferenciadas do restante do jornal, e deveriam mostrar a cultura do Velho Mundo, destacando de um modo geral, as artes e tudo o que a elas estivesse relacionado.

Este propósito foi fator determinante na escolha das seções que compunham o *Suplemento Literário*: Belas Artes, Histórias Singulares, Livros Novos, entre outras.

Porém, algumas seções selecionadas para integrar o informativo cultural, colocam em evidência uma outra proposta do *Suplemento*: destacar assuntos que fossem de sumo interesse daqueles que estivessem distantes da Europa e dependessem dessas informações para estarem atualizados. O *Suplemento*, dessa forma, condensaria todos estes interesses, que eram encontrados em outros periódicos do momento e até mesmo no interior da *Gazeta* como notícias aleatórias, e daria um destaque maior, ou uma melhor organização às informações sobre o assunto de que se falaria.

Um exemplo disso é a seção “O Dinheiro”. Naquele momento histórico, inúmeros eram os acontecimentos que movimentavam as bolsas financeiras de cada país. Periódicos como

a *Gazeta de Notícias* publicavam notas, tabelas e artigos que enfocavam a economia dos países, esclarecendo sobre as novidades inclusive diárias nos principais países do mundo.

“O Dinheiro” não transmitia estas notícias, mesmo porque a publicação do informativo se dava mensalmente, mas trazia, periodicamente, um resumo daquelas de maior interesse aos leitores do Brasil, juntamente com uma análise do autor que a assinava.

Assim como era costume na época e mesmo dentro do *Suplemento*, o autor dessa seção opta por não revelar sua identidade, assinando com pseudônimos e abreviaturas: “Amator” e “A.”

Este autor mostra-se conhecedor da economia mundial, dada sua argumentação que mostra propriedade dos assuntos sobre os quais discorre: “Realmente o câmbio no Brasil tem agravado as dificuldades das finanças portuguesas, impedindo as remessas regulares das rendas dos capitalistas e das *librinhas* dos pequenos trabalhadores, que se contam por milhares; mas daí a dizer que o Brasil é devedor de Portugal, há sua distância”. (18/01, SL 1)

É fato notório que Jaime Batalha Reis contribuiu com vários artigos para o *Suplemento Literário*, principalmente aqueles que eram diretamente relacionados às artes, como é o caso da seção “Belas Artes”. Entretanto, sua biografia aponta uma diversidade de conhecimento em várias áreas: escritor, crítico, jornalista, economista e diplomata português, natural de Lisboa(...).

Formado em engenharia florestal, foi nomeado, em 1872, chefe do Serviço Agrícola do Instituto Geral de Agricultura, onde deu aulas de Agronomia. Iniciou, em 1883, a carreira diplomática, ocupando o cargo de cônsul de Portugal em Newcastle. Em 1897, foi nomeado cônsul de Portugal em Londres e, posteriormente, adido comercial. A partir de 1910, trabalhou no Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa. Abandonou a diplomacia em 1921, aos setenta e quatro anos de idade. Colaborou em diversos periódicos nacionais e estrangeiros, versando os mais diversos assuntos (história, geografia, política internacional...).²⁰

²⁰Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/figuras/jbreis.html> - acessado a 25 de maio de 2008.

Dada a significativa participação do escritor Batalha Reis e a semelhança estilística dos textos desta seção com os textos de sua autoria da seção “Belas Artes”, poder-se-ia levantar a hipótese de que esta seção pertence também ao estudioso, uma vez que uma de suas especialidades era também a economia.

Todavia, alguns dados não possibilitam que se atribua de fato essa seção a “Batalha”, pois mostram o autor da seção toma o Brasil como sua pátria:

O nosso mercado de café no Havre tem tido muito movimento. As notícias do Brasil fazem-no viver aos pulos. Há um acontecimento político, talvez a exportação seja prejudicada, alta; tudo está em paz, a próxima colheita vai ser maior ainda que a do ano que findou, baixa. De repente, surgiu uma notícia: os Estados Unidos têm comprado mais café do que nunca. É preciso não confundir: uma coisa é jogar sobre café a prazo, outra é comprar café a dinheiro e recebê-lo para o consumo.

Quando há pouco tempo eu passei por Anvers, conversei com um dos principais capitalistas desse campo. O Brasil, disse ele, faz mal em aumentar a sua produção. O consumo geral no mercado é de 12 milhões de sacas. O Brasil produz ordinariamente 8 milhões, os outros países juntos, 4 milhões. Este ano o Brasil produziu 9 milhões e meio, vai ficar um *stock* de um milhão e meio para pesar sobre o preço da colheita futura. Se a produção aumentar, teremos uma baixa formidável.

A relação do autor da seção com o leitor é de proximidade “nosso mercado de café”, “teremos uma baixa formidável”. O interesse pelo assunto da economia cafeeira assim como a demonstração de que o autor realizou uma viagem até a Bélgica, apontam a questão da autoria para um outro colaborador do *Suplemento*, Ferreira de Araújo. A assinatura “A.” é a mesma usada por ele em uma das publicações da seção “Os Teatros”. Vale ressaltar que durante a negociação sobre o *Suplemento Literário*, Araújo encontrou-se com Eça de Queirós na Europa, e nessa ida, o diretor da Gazeta de notícias pode ter aproveitado para visitar a Bélgica. Soma-se a isso o fato de o autor da seção “O dinheiro” falar como se fosse brasileiro “nosso mercado de café”. Porém, como não conseguiu-se comprovar a identidade do autor desta seção, ao se fazer referência a ele, se manterá o pseudônimo.

Um ponto importante que se pode destacar a respeito desta seção está no que concerne à referência extra-texto, ou, melhor dizendo, à referência a fatos históricos. “O Dinheiro” mostra os abalos sofridos por acontecimentos políticos e econômicos no ano de 1892.

Em um dos textos da seção, publicados no segundo número, “Amator” relata sobre a publicação de um estudo sobre economia:

O autor, e a meus olhos isso é uma virtude, é partidário da unidade de emissão; mas o propósito de seu livro é demonstrar que há erro em atribuir a baixa do câmbio unicamente ao excesso de papel moeda. A sua argumentação é mais brilhante do que sólida, porque, ao passo que increpa os que atribuem um fenômeno complexo a uma causa única – o excesso de papel, o autor atribui a queda do câmbio à cobrança dos impostos aduaneiros em ouro.

Ora, esta idéia tem pelo menos o inconveniente de não levar em conta que foi justamente porque o câmbio estava baixo que o ministro da fazenda decretou essa medida. Por que foi que o câmbio baixou, até a data desse decreto? O autor não o procura explicar. E, no entanto, nos seus autores favoritos, e até nos trechos deles que cita em sua brochura, encontraria frases capazes de explicar pelo menos em parte os embaraços com que hoje luta o Brasil. Por exemplo, esta de Courcelle Seneuil sobre responsabilidade de diretores de bancos, citada às págs. 32 e 33 da brochura 10 718...! “Os diretores podem vir, eles mesmos, como portadores de títulos de desconto, retirar fundos do banco e empregá-los em seus negócios pessoais; podem fazer descontar no estabelecimento papéis dos seus principais devedores, e empenhar em especulações aventurosas os capitais cuja gestão lhes foi confiada”.

Este trecho, descontextualizado, apenas transmite a notícia dos problemas financeiros pelos quais o Brasil passava, por meio de uma crítica ao autor do livro *10 718...!*, de subtítulo *Estudos de anatomia do câmbio*. Porém, a observação do período histórico permite uma melhor compreensão do assunto abordado pelo texto: um episódio histórico conhecido como “Crise do Encilhamento”, em que grandes emissões de papel moeda ocorreram com a finalidade de melhorar a industrialização do país, levando ao surgimento de muitos falsos empresários, ocasionando, por fim uma grande crise no país, como queda nas ações e a desvalorização da moeda nacional:

Um decreto assinado em janeiro de 1890 regulamentava as emissões bancárias determinando uma reforma financeira para o Brasil. Foram feitas grandes emissões de moedas sem o equivalente lastro. Essa moeda seria dada sob a forma de empréstimos bancários, a indivíduos que quisessem iniciar uma empresa. A única exigência do banco

para conceder o empréstimo era o aval pelas ações da nova empresa(...). Os empresários passaram a criar “empresas fantasmas”, que não existiam senão no papel, ou utilizavam apenas uma parte do capital que haviam emprestado. (...) O resultado foi uma grande quantidade de dinheiro em circulação, sem nenhum valor. (ORDONEZ, ca.2000 , p.376)

E esta crise é um dos temas centrais do livro comentado na seção, e portanto, também um dos temas centrais deste artigo presente no segundo número do *Suplemento*.

Portanto, pode-se dizer que esta seção reúne duas características importantíssimas para o estudo do *Suplemento Literário*: mostra os assuntos que eram esperados pelos leitores do Brasil e ao mesmo tempo, documenta o final do século XIX. Tais dados podem vir a auxiliar estudos mais completos sobre esse momento de grandes transformações tanto no Brasil, como na Europa.

Todavia, como exposto anteriormente, esta seção basicamente restringe-se à documentação histórica e à demonstração dos interesses econômicos, e deixa de lado a outra proposta do *Suplemento* de mostrar a cultura e a arte. Talvez por esse motivo, ao longo das transformações que ocorreram no informativo ao longo de seus seis meses de publicação, a seção tenha sido excluída. Fica, de certo modo, inexplicada a ausência da seção na próxima publicação, de 26 de abril, se não se considera esta hipótese, pois logo ao término da última publicação, aparece escrito “Continua”.

E todo o rigor de Eça de Queirós e sua supervisão sempre visando a manter o *Suplemento Literário* apazível aos leitores brasileiros, se manifestava também nas constantes reformulações dos temas, das seções, dos textos, que ora apareciam, ora simplesmente eram excluídos dos números do *Suplemento*. O diretor manifestava certa preocupação também com a forma dos textos que recebia de seus colaboradores. “Amator” registra essa característica de Eça no final da seção “O Dinheiro” do primeiro número, o que somente agrega ainda mais valor aos textos em questão:

No dia em que Lisboa (14 de dezembro) nos transmitiram a notícia da falência do banco de Crédito Universal, contava-se com a baixa dos fundos brasileiros; pois subiram dois pontos.

De modo que nada há mais difícil do que orientar-se um cristão no meio desta judiaria das bolsas da Europa!

Filho, não acha que doze tiras sobre dinheiro é muito papel?

Quem diz isso é o diretor do Suplemento, e eu tenho de deixar o resto para outra vez.

Seja pelo tema, seja pelos assuntos tratados ou pela demonstração da direção de Eça de Queirós, o estudo dos textos de “O Dinheiro” torna-se mais um conjunto de dados a auxiliar numa melhor compreensão do que foi o *Suplemento Literário*.

4.8. O Brasil na Europa: a visão do Velho Mundo sobre as notícias brasileiras

Data	Nome do texto	Autor	Assunto
18 de janeiro	O Brasil na Europa	Ferjó	A recepção do golpe de estado de Marechal Deodoro da Fonseca pelos europeus. Outro ponto tocado no artigo é a morte de Benjamin Constant.
8 de fevereiro	O Brasil na Europa	Ferjó	As principais notícias brasileiras publicadas nos periódicos e revistas europeias são os assuntos tratados pelo artigo.
26 de abril	O militarismo no Brasil	Sem assinatura	Transcreve-se uma publicação do <i>Republique Française</i> sobre a falta de controle do Estado sobre artigos de caráter ofensivo que eram veiculados sem restrições pela imprensa brasileira em seções como <i>Publicações a pedido</i> .

“O Brasil na Europa” era a última seção publicada no *Suplemento Literário*. Ao contrário das demais seções, que reuniam informações sobre a Europa para os brasileiros, nesta era possível conhecer a visão que havia na Europa sobre o Brasil, pois comentava-se como eram recebidas as notícias do país, no Velho Mundo.

No primeiro texto, publicado no número inaugural do *Suplemento*, há o testemunho da situação da imprensa brasileira diante do golpe de estado de Marechal Deodoro da Fonseca. O primeiro presidente do país, nesta data, dissolve o Congresso e dias depois renuncia, assumindo seu vice, Floriano Peixoto.

Esta seção devia ser hoje a história dos vexames por que passamos aqui, com a notícia do golpe de Estado de 3 de novembro.

A famosa intimação da polícia para que os jornais aí não dissessem nem bem nem mal do ato do governo, foi para cá transmitida pelo telégrafo, como suspensão de todos os jornais, menos três que apoiavam o ditador e que eram o *Novidades*, o *Correio* e o *Jornal Comercial*, que alguns traduzem *Jornal do Comércio*, mas que nós interpretamos *Diário do Comércio*.

Não recebemos intimação alguma, nem outros brasileiros de passagem pelo velho mundo, mas quando se nos pedia uma informação, instintivamente receávamos dizer o que pensávamos, por saber que quem receberia a contra-pancada de nossos desabafos, seriam os amigos que aí estão.

Felizmente, a 24, quando o nosso todo amigo inglês já se resignava a uma nova ditadura, contanto que fosse forte e durável, e não fizesse perigar o pagamento dos juros de dívida, veio-nos a notícia de restabelecimento da legalidade, que fez estourar muita garrafa de champagne nos restaurantes do *boulevard*. (18/01, SL 1)

Este trecho retirado do primeiro texto da seção no *Suplemento* revela a situação da imprensa brasileira que vivia em solo europeu diante do golpe de estado do Marechal. Percebe-se que embora não tivessem recebido formalmente alguma censura, os jornalistas temiam abordar os episódios políticos do Brasil para não comprometerem os brasileiros. O trecho registra, ainda, como foi recebida a notícia do retorno da legalidade ou da liberdade, em 24 de novembro, com a renúncia do primeiro presidente.

Outro assunto abordado neste texto é a morte de Benjamin Constant. O fato é tratado com ironia, denunciando uma postura política de oposição do autor da seção, que o

denomina “grande morto” e conta sobre a sessão realizada em honra do Ministro das Guerras do Brasil.

Na seqüência deste texto, há um outro, intitulado “Um eco de *Paris*, jornal da tarde!” que também se destina a noticiar a imagem que os europeus tinham do Brasil. Nele, fala-se sobre a proibição do uso de condecorações no país e o efeito que esta havia tido sobre os brasileiros. Em vez de usarem-nas da forma convencional, devido à proibição estes estavam pregando-as ao avesso no casaco, ou seja, com as rosetas para dentro e os botões que as abotoavam, para fora. O autor comenta o ato e qualifica os brasileiros como vaidosos.

Na segunda publicação da seção “O Brasil na Europa” prefere-se abordar as notícias brasileiras que eventualmente apareciam nas revistas e periódicos europeus. Textos como “La morte de Don Pedro II” e “Le difficultà della republica brasiliana” explicavam sobre a morte de Dom Pedro de Alcântara e sobre os impasses da república brasileira. Na revista *Le Correspondant* publicava-se, naquele momento o artigo “A revolução do Brasil” e todo o número do *Economiste Française* dedicava-se a noticiar os acontecimentos do Rio Grande do Sul. Ferjó, autor da seção, destaca que embora houvesse publicações sobre o Brasil, por vezes eram veiculadas informações errôneas nos periódicos europeus. Uma delas era a notícia de que São Paulo havia feito sua própria república e que os estados do sul do país também tinham tendências separatistas.

Percebe-se que esta seção propiciava ao leitor do *Suplemento* a conscientização sobre a imagem que se fazia do país na Europa. Através da leitura desta parte do *Suplemento* o carioca poderia estar mais atento às informações que os europeus tinham do Brasil e dos brasileiros, estando preparado, dentre outras coisas, para argumentar caso surgissem críticas ou opiniões que não fossem pautadas em notícias confiáveis.

No último artigo da seção, que sai no quinto número, transcreve-se um artigo sobre o militarismo no Brasil, publicado na *Republique Française*. Nele, fala-se sobre a ausência

se fiscalização na imprensa – não havia restrições nos tipos de publicações de uma pessoa em relação a outra, podendo-se inclusive fazer críticas diretas em seções como *Publicações a pedido*.

Todos os artigos da seção visam a mostrar ao brasileiro aquilo que se publicava em relação ao país na imprensa europeia - fossem fatos verídicos, fossem fatos que não tinham embasamento. Por meio dela, o leitor carioca sabia as informações que os europeus tinham do país. Esse panorama de notícias brasileiras em periódicos europeus era dado pelo autor dos textos, que apenas assina como Ferjó. Ao que tudo indica este estava em contato direto com as revistas e jornais europeus, estando, portanto, no Velho Continente. Todavia, o último texto da seção – não assinado – aparece escrito sob a perspectiva de um enunciador que encontra-se no Brasil: “Finalmente, Deodoro e Madureira vieram ao Rio de Janeiro”. Isto revela uma possível mudança de autoria da seção. Como dela existem somente as informações extraídas do corpus estudado e sobre o pseudônimo não se conseguiram informações complementares, a abordagem desta seção fica restrita às observações expostas anteriormente.

4.9. Seção “Histórias singulares”

Data	Nome do texto	Autor
18 de janeiro	Histórias singulares: Quatrocentos contos de jóias	Miguel Anedótico
8 de fevereiro	Histórias singulares :A promessa de Nini Silveira	Miguel Anedótico
26 de abril	Um conhecido	Domício da Gama

Diferentemente das demais seções, “Histórias singulares”, destaca-se por ser a única seção do *Suplemento* que veiculava textos de caráter ficcional. Composta por três crônicas “Quatrocentos contos de jóias”, “A promessa de Nini Silveira” e “Um conhecido”, tinha um lugar

em destaque em relação às demais seções, aparecendo, sempre no rodapé ou no folhetim do informativo. (Cf. CANDIDO, 1992, p.13)

Dada essa característica peculiar da seção, convém observar a questão da correspondência entre o nome *Suplemento Literário* e o conteúdo que nele se publicava.

Durante todo este estudo, percebeu-se que a maior parte das seções procurava evidenciar o panorama cultural europeu e por isso, versavam, cada qual sobre um tema diferenciado, produzindo, deste modo, um suplemento rico em assuntos variados. Esse fator foi decisivo para que se chegasse à conclusão de que o *Suplemento Literário* tratava-se mais de um suplemento cultural do que propriamente um suplemento de literatura.

A presença de uma seção que veicula conteúdos ficcionais, propicia um melhor entendimento sobre a atribuição do título “*Suplemento Literário*” a este informativo da *Gazeta de Notícias*, entretanto, como se pode notar, há a predominância de seções de variedades, ou de seções culturais, fato que corrobora a premissa de que o corpus estudado foi um suplemento de variedades. É fato notório, portanto, que ao se abordar o conteúdo desta publicação, pode-se atribuir a ele os conceitos de ‘informativo cultural’, ‘informativo de variedades’, ‘suplemento cultural’ e, ainda, preservar o título “*Suplemento Literário*”, atentando-se que algumas de suas seções destinavam-se à propagação de acontecimentos relacionados às letras, à literatura e às artes e que havia ainda, uma seção – Histórias Singulares - cujo conteúdo era essencialmente literário.

É importante destacar ainda que embora “Histórias singulares” fosse a única seção em que havia a publicação de conteúdo literário, alguns textos “avulsos”, ou seja, que não pertenciam a nenhuma seção, apresentavam também essa particularidade. Esses textos eram geralmente assinados pelo diretor Eça de Queirós. Todavia, diferentemente da seção que saía no rodapé, não se tratavam de contos, mas de crônicas.

Observando-se de modo geral a seção, nota-se que os contos abordam temas “mundanos”²¹ e que há uma crítica persistente contra a futilidade dos hábitos da burguesia. No primeiro texto, “Quatrocentos contos de jóias”, o protagonista, Orpheu Prik, político recém-derrotado nas eleições norte-americanas, vai à Europa, mesmo “sem dinheiro” (Histórias singulares, Quatrocentos contos de jóias, 18 de jan.), ou seja, sabendo de sua falência para os próximos anos e é seduzido pela idéia de roubar todas as jóias de uma padroeira de uma igreja italiana. Apesar de concretizar seu plano, quando este retorna a seu país de origem, e tenta vender o fruto do roubo, descobre que todas as jóias eram falsas. A história é bem construída, de forma que no final o leitor percebe a crítica não só à ganância de Orpheu, mas também uma outra, generalizante, que empresta a figura de um padre, para atingir a toda esta categoria, tomando-os por “espertalhões”, tendo em vista que no texto, o padre d’Orioli concretiza o plano de Prik antes dele.

No segundo texto, o enfoque recai sobre a figura do burguês galanteador, que embora casado, insiste em freqüentar as festas dos grandes salões. O tom é mais humorístico: a esposa do protagonista engravida e para não correr o risco de ser traída, inventa ter feito uma promessa para que sua gravidez corresse bem: a de que o casal sairia de casa somente com trajés azul-claro. Com isso, o casal se aproxima, a personagem muda seu comportamento e transforma-se em pai; a família cresce e os hábitos mudam. A crítica, de certa forma, permeia o conto, mas não é o tema central.

Já no último texto, de Domício da Gama, “Um conhecido”, apresenta com maior evidência uma crítica ao burguês. Dessa vez, a personagem-tipo ilustra aqueles que viviam de sua aparência, ou seja, aqueles que não tinham condições financeiras favoráveis, mas fingiam tê-las para serem populares. A personagem, Jorge Eggerlon Morales, bastante conhecida pelos burgueses, acaba morrendo, acompanhado somente pela arrumadeira de seu paupérrimo quarto.

²¹ Eça de Queirós. Suplemento Literário. Texto: A Europa em Resumo.

Todos os textos, enfocam, então, um tipo de figura burguesa e mostram como era o ambiente cultural em que estes viviam. Vale ressaltar que estes textos tinham como destino o leitor burguês brasileiro, fato que os torna ainda mais interessantes, quando se pensa em como estes podem ter sido recepcionados no Brasil. Além disso, com a observação destes textos, percebe-se que a confecção dos números era feita de forma a privilegiar o leitor culto, pois somente este teria conhecimento suficiente para compreender as notícias relativas à arte e os textos literários.

Isso também foi observado, de forma mais evidente, na seção “Livros Novos” do quarto número do *Suplemento*, cujas linhas diziam claramente que as “camadas superiores” tinham “o dever de se cultivar intelectualmente”.

Mas essa questão se soluciona ao se ter em mente que os textos do *Suplemento* projetavam para o Brasil uma Europa a ser vista pela burguesia, pois publicava as festas, salões e exposições que fossem atraí-la, pois era essa camada social que a visitava fosse a passeio, fosse a estudo. Os brasileiros das classes mais baixas eram, em sua maioria, pessoas incultas, analfabetos e ex-escravos que jamais poderiam desfrutar daquilo que expunha o informativo cultural.

E, portanto, a publicação de contos nos jornais, somente poderia ser interpretada por aqueles que, no mínimo, tivessem tido acesso aos estudos.

“Histórias singulares”, é, entre todas as seções, aquela cujo leitor deveria deter maior conhecimento para apreciá-la ou então, para julgá-la.

Ao longo da leitura dos três textos, procurou-se notar traços que pudessem facilitar o reconhecimento de seu autor. Como se pode perceber na tabela acima, dois de seus textos são assinados por “Miguel Anedótico”, cuja identidade, mais uma vez não foi possível de ser ao menos especulada, com o auxílio de dicionários e enciclopédias sobre pseudônimos.

No entanto, como Domício da Gama assina o último texto, assim como em “Livros Novos”, tentou-se observar se alguns traços de seus textos também apareciam nos

demais, supostamente de “Miguel Anedótico”. Procurou-se, ainda, notar se esses traços não se tratavam apenas de expressões idiomáticas da época, empregadas por qualquer escritor ou jornalista – tarefa executada ao longo de todos os textos do *Suplemento Literário*. Os métodos utilizados foram bastante simplificados, mas permitem que se perceba mais uma vez que Domício pode ser o autor de toda a seção.

Sendo assim, os traços típicos de Domício, notados tanto no texto “Rose et Ninete”, quanto nos demais textos da seção, foram procurados no texto “Um conhecido”, assinado pelo autor em “Histórias singulares”. Percebeu-se algumas particularidades que se mantinham, mesmo se tratando de textos de gêneros diferentes: “Rose et Ninete”, é, na verdade, uma resenha crítica, enquanto que “Um conhecido” constitui-se um texto ficcional.

Essas particularidades, basicamente as mesmas que já se ressaltaram no estudo da seção “Livros Novos” eram: o uso da expressão “e depois”, que aparece no texto de Domício: “E depois, os que viajam são menos do que os que ficam em casa” (Histórias singulares, “Um conhecido”, 21 mar.) e em “**E depois** nunca ela se atreveria a mostrar a Segismundo os seus vagos, errantes ciúmes” (Histórias singulares, “A promessa de Nini Silveira”, 8 fev.), de “Miguel Anedótico”; a maciça presença de advérbios terminados em “mente”, como “insensivelmente”, “amavelmente”, “animadamente”, “invariavelmente”, entre outros, que se manifestam de forma insistente, em quase todas as sentenças; o emprego do adjetivo “claro” e suas variações de gênero e número; a constante iniciação de frases com a conjunção aditiva “e”, como em “**E** o seu plano era admirável” (Histórias singulares, “Quatrocentos contos de jóias”, 18 jan.); e, por fim, a utilização do verbo “ser” no início das frases, na terceira pessoa do singular “é”.

Todas essas características foram notadas em todos os textos da seção “Histórias singulares”, fato que corrobora a hipótese de “Miguel Anedótico” poderia ser Domício da Gama. Além disso, as mesmas características foram notadas na análise que levou em consideração

somente os textos deste último, fator que também fortalece a questão de que o autor da seção seria Domício.

Como não existe uma forma precisa de comprovar este fato, limitar-se-á, à demonstração dessas questões que, ao serem percebidas, auxiliaram no estudo da seção “Histórias singulares”.

4.10. A coluna assinada por Eça de Queirós

Data	Nome do texto	Assunto
18 de janeiro	A Europa em resumo: o nosso suplemento	Artigo destinado a expor o intuito do <i>Suplemento Literário</i>
8 de fevereiro	A decadência do riso	Fala metaforicamente sobre o pessimismo das pessoas cultas
29 de fevereiro	Um Santo Moderno	O texto mostra a abrangência do catolicismo na Inglaterra e ressalta um cardeal canonizado na época
21 de março	Hábitos de Gladstone ²²	Crônica que critica o modo de vida de “Gladstone”
26 de abril	O imperador Guilherme	Texto que aborda a política da Alemanha
13 de junho	Padre Salgueiro	Texto que ironiza a Igreja

Uma das grandes características a serem observadas no *Suplemento Literário* é a presença de Eça de Queirós, escritor e jornalista que no fim do século XIX, já tinha sido consagrado no Brasil com a publicação de *O Primo Basílio*, e com sua vasta contribuição para o periódico *Gazeta de Notícias*.

No exterior, Eça também atuou como jornalista e, embora tenha se formado em Direito, é nesta carreira que realiza peculiares contribuições, escrevendo crônicas de alto teor irônico e ainda, publicando informações que recolhia enquanto correspondente estrangeiro. Durante sua vida como jornalista, sempre colaborava com seus textos de caráter altamente crítico, pois Eça era um homem extremamente culto e informado fatos que o tornavam ainda mais atrativo à mídia escrita.

²² Este é o único texto dos seis números do *Suplemento Literário* que aparece publicado na seção, mas que não possui de fato a assinatura do autor Eça de Queirós.

Em Portugal, experienciou ainda a direção de uma revista – *Revista de Portugal* - na qual procurava evidenciar os principais acontecimentos europeus para os portugueses. Entretanto, esta tentativa teve curta duração, pois, de acordo com o autor, o público não estava preparado para aquele tipo de publicação.

Um ano depois, o escritor é convidado por Ferreira de Araújo a contribuir ainda mais com a *Gazeta de Notícias*, e novamente há a possibilidade de atuar como diretor, porém não de uma revista, como já havia feito, mas de um *suplemento literário*, espécie de informativo sobre arte e cultura européia, que viria encartado no jornal.

Indubitavelmente era uma oportunidade de Eça obter ainda mais reconhecimento do público brasileiro pois a ele caberia a função de observar, escolher e endereçar o que de melhor se poderia recolher do Velho Mundo, para enviar àqueles que dele estavam distantes.

E diferentemente da *Revista* - que tinha um generoso espaço para este tipo de publicação - o escritor teria que realizar esta tarefa em apenas duas sucintas páginas, ou seja, todo o panorama europeu- ou melhor, o que de mais seletivo se poderia encontrar naquele continente – deveria constar no informativo. Tratava-se, certavelmente, de uma publicação que implicaria em uma grande responsabilidade, pois sua carreira já reconhecida e seu talento como escritor estariam sendo mais uma vez analisados pelo público brasileiro.

E o *Suplemento* trazia a Europa aos brasileiros à maneira do escritor: com forma nobre e culta, com textos que versavam sobre assuntos específicos e de interesse à aristocracia.; além de crítica e informativa, com artigos que geralmente evidenciavam a posição de seu escritor em relação ao assunto sobre o qual discorria. Nas linhas do *Suplemento* as melhores notícias eram oferecidas àqueles que quisessem apenas interpretar ou aos que definitivamente conheciam a Europa e buscavam maiores informações, maiores detalhes.

Esses detalhes eram cuidadosamente selecionados, não somente pelo diretor, mas também pelos colaboradores que trabalhavam junto a ele, entre eles, Domício da Gama e Jaime Batalha Reis, também escritores de grande prestígio na época.

Além dos colaboradores, que acrescentavam mais credibilidade ao *Suplemento*, assinando textos de seções importantes como as que evidenciavam as artes e a literatura, como “Belas Artes” e “Histórias Singulares”, ao diretor Eça também cabia ao menos uma coluna em cada periódico.

Vale ressaltar que alguns estudiosos queirosianos consideram a possibilidade de que alguns dos textos sem assinatura que estão em outras colunas do *Suplemento* também possam ser do escritor Eça de Queirós. A opinião de Elza Miné e de Carlos Reis é a de que o texto “O novo quedita do Egito” – texto da seção “Pessoas e casos” do terceiro número - seja do escritor.

Mas os textos que possuíam a clara assinatura de Eça ocupavam as colunas iniciais de cada número, e tinham, portanto, uma posição de certa forma privilegiada no informativo.

Os temas que abordavam, variavam entre política, religião e literatura, compondo-se de uma argumentação irônica, crítica ou pessimista, características que podem ser notadas de diferentes formas em cada um dos seis textos.

O primeiro deles, “A Europa em Resumo”, é um editorial do *Suplemento Literário*. Nele explicam-se a finalidade do *Suplemento* com várias passagens em tom irônico e pessimista, que tornam mais evidente a intenção crítica do autor:

O mundo só vale pelo Homem; os mais solenes trabalhos da Natureza, o Niágara, o nome do cristal cor-de-rosa da Nova Zelândia, essas florestas do Amazonas, de que Darwin já velho se recordava com assombro - são menos merecedores da nossa admiração consciente do que o simples cérebro dum pobre oleiro, que modela, curvado sobre o barro a curva, de um vaso liso. (18/01, SL 1- A Europa em Resumo)

Este trecho reflete sobre a enorme idealização que se fazia da Europa, como fonte de lazer e cultura. Nele, assim como em outros trechos, observa-se que o autor discorda deste propósito dos brasileiros e da importância dada por eles às obras feitas pelo “Homem” ser maior que a atribuída às obras da “Natureza”.

“A decadência do riso” ressalta com maior evidência o pessimismo, que, segundo o autor, era um sentimento ao qual estavam fadados todos os “homens de ação e de pensamento”, ou seja, todos os artistas que vivenciavam aquele momento histórico:

Eu penso que o riso acabou - porque a humanidade entristeceu.
E entristeceu - por causa de sua imensa civilização. O único homem sobre a Terra que ainda solta a feliz risada primitiva é o negro, na África. Quanto mais uma sociedade é culta - mais a sua face é triste. Foi a enorme civilização que nós criamos nestes derradeiros oitenta anos, a civilização material, a política, a econômica, a social, a literária, a artística, que matou o nosso riso, como o desejo de reinar e os trabalhos sangrentos em que se envolveu para o satisfazer mataram o sono de Lady Macbeth. Tanto complicamos a nossa existência social que a Ação, no meio dela, pelo esforço prodigioso que reclama, se tornou uma dor grande: - e tanto complicamos a nossa vida moral, para a fazer mais consciente, que o Pensamento, no meio dela, pela confusão em que se debate, se tornou uma dor maior. Os homens de ação e de pensamento, hoje, estão implacavelmente votados à melancolia. (08/02- SL 2- A decadência do riso)

A “melancolia” era, portanto um sentimento comum àqueles que analisavam e percebiam o momento de mudanças culturais e sociais que aconteciam na época. A civilização do homem é apontada como a principal causa para a “decadência do riso” da humanidade, pois quanto mais culto e, portanto, consciente o homem se tornava, mais ele questionava sua existência e os motivos dessas transformações. E disso decorria uma arte reflexiva, com tendências pessimista.

Este pensamento que Eça procurou expor neste texto “A decadência do riso” pode ser claramente percebido em sua obra. No romance “a cidade e as serras” este tema também é abordado como forma de refletir as transformações sofridas pela sociedade, embora de forma ficcional.

Nos demais textos de Eça, que foram publicados no *Suplemento*, atua, com maior

veemência a ironia velada, dissolvida no texto, que no conjunto do texto forma uma crítica sutil. Em “Um santo moderno”, fala-se sobre um caridoso cardeal, que devido a sua grande proximidade com os pobres, tornou-se um interesse para a Igreja e para a Inglaterra. No final do artigo, o autor comenta “a Inglaterra, que foi outrora a terra dos santos, e onde tão intensa e pura se conserva a emoção religiosa - está **criando e consagrando** um santo”,(Um santo moderno, 29 fev.) mostrando, pois, a natureza oportunista de se inventar um santo.

A respeito de “Hábitos de Gladstone”, que aparece na coluna do dia 21 de março, cabe fazer a observação de que trata-se do único texto que não apresenta o nome do autor. Em estudos anteriores, estudiosos de Eça de Queirós preferiram não enquadrar este texto como pertencente ao escritor. Como neste trabalho o intuito é o estudo das seções e dos textos que as compõem, também estudar-se-á este texto, como parte integrante da coluna.

O artigo ironiza a rotina do ministro da Inglaterra Gladstone – mostrando uma vida tranqüila e regrada, dizendo que o monarca passava seus dias lendo e analisando obras, enquanto intercalava momentos de rotina caseira, em que fazia suas refeições e dormia. A narração dessa rotina é feita detalhadamente, de modo que o leitor tem acesso a todas as atividades diárias da personagem. Somente no final do texto, por meio de um conjunto de frases, que o leitor detecta, de forma mais explícita, a atmosfera crítica, presente em todo o artigo: “Nenhum destes detalhes é indiferente quando se trata de um homem como Gladstone. Todos ajudam a revelar o caráter – e por ele explicam a sua ação pública, sua força social.” (*Suplemento Literário*, 21 mar.) Essas frases auxiliam na compreensão da crítica realizada no texto, de que Gladstone, com sua rotina tranqüila e egoísta, não estaria atuando ativamente como rei, e esta falta de postura política não agradava à sociedade inglesa.

Se a ironia é um dos tons mais notáveis em “Hábitos de Gladstone”, em “Imperador Guilherme”, texto comprovadamente de Eça, esta aparece de forma velada e associada a uma tendência mais analítica dos acontecimentos e da personalidade da realeza. Mais uma vez,

aborda-se uma personalidade política, a figura de Guilherme II, imperador da Alemanha naquele momento, que é descrita de forma que o leitor tivesse total conhecimento de seu modo de agir no trono alemão. O autor constrói parágrafos que, aos poucos, dão conta do caráter do governante. Segundo ele, Guilherme era um homem “vário e múltiplo” (Imperador Guilherme, 26 abr.), pois, a cada novo momento deixava transparecer uma nova personalidade:

Um dia é o Rei-Militar, teso perpetuamente sob o casco e a couraça, ocupado somente de revistas e manobras, colocando um render-da-guarda acima de todos os negócios de Estado, considerando o sargento-instrutor como a unidade fundamental da Nação, antepondo a disciplina do quartel a toda a lei Moral ou da Natureza, e concentrando a glória da Alemanha na hirta precisão com que marcham os seus galuchos. E subitamente despe a farda, enverga a blusa, e é o Rei-Reformador, só atento às questões de capital e salário, convocando com fervor congressos sociais, reclamando a direção de todos os melhoramentos humanos, e decidindo penetrar na história abraçado a um operário como a um irmão que libertou. E logo a seguir, bruscamente, é o Rei de Direito Divino, à Carlos V ou à Filipe-Augusto, apoiando altivamente o seu cetro gótico sobre o dorso do seu povo, estabelecendo como norma de todo o governo o *Sic volo sic jubeo*, reduzindo a «Suma Lei à vontade do Rei» e, certo da sua infalibilidade, sacudindo desdenhosamente para além das fronteiras todos os que nela não crêem com devoção. O mundo pasma - e de repente, ele é o Rei-de-Corte, mundano e faustoso, atento meramente ao brilho e ordem suntuosa da Etiqueta, regulando as galas e as mascaradas, decretando a forma do penteado das damas, condecorando com a Ordem da Coroa os oficiais que melhor valsam nos *cotillons*, e querendo volver Berlim num Versailles donde emane o preceito supremo do cerimonial e do gosto. O mundo sorri - e repentinamente é o Rei-Moderno, o Rei-Século Dezenove, tratando de «caturra» o Passado, expulsando da educação as humanidades e as letras clássicas, determinando criar pelo parlamentarismo a maior soma de civilização material e industrial, considerando a fábrica como o mais alto dos templos, e sonhando uma Alemanha movida toda pela eletricidade ...

Depois, por vezes, desce do seu palco - quero dizer do seu trono - e viaja, dá representações através das cortes estrangeiras. E aí, desembaraçado da majestade imperial, que em Berlim imprime a todas as suas figurações um caráter imperial, aparece livremente sob as formas mais interessantes que pode revestir nas sociedades o homem de imaginação. A caminho de Constantinopla, singrando os Dardanelos, na sua frota, é o artista que em telegramas ao chanceler do império (em que assina *Imperator Rex*) pinta, numa forma carregada de romantismo e cor, o azul dos céus orientais, a doçura lânguida das costas da Ásia. (26/04, SL 4- Imperador Guilherme)

Tratava-se portanto, de uma personalidade polêmica: Guilherme ocupava um grande cargo, porém não tinha ciência de suas responsabilidades políticas, embora, como o fragmento acima ilustra, executasse as tarefas que lhe cabiam enquanto imperador.

“Padre Salgueiro”, o último dos textos queirosianos no *Suplemento*, toma como alvo a Igreja. Muitas atitudes dos padres são criticadas pelo autor, seja para atingir o Padre Salgueiro, seja para criticar a toda a categoria dos padres.

Assim como Gladstone, Padre Salgueiro é atacado por levar uma vida fútil e egoísta. Também é criticado por sua ignorância em relação aos preceitos religiosos e por ter absorvido rapidamente o jeito de ser da burguesia quando entrou no seminário, e dessa forma, ter se tornado semelhante aos funcionários públicos, que trabalhavam pouco e almejavam cada vez mais riqueza e poder. De acordo com o texto exteriormente o padre era de um “genuíno padre português” (13/06, SL 6 - Padre Salgueiro), e moralmente, um “burguês” (13/06, SL 6 - Padre Salgueiro), que entendia sua profissão como uma “função civil” e não “espiritual” (13/06, SL 6 - Padre Salgueiro.).

Exteriormente, padre Salgueiro apresenta, com perfeição, o genuíno contorno do padre português.

O corpo rudemente talhado, mas ágil; as mãos ainda escuras e ásperas, apesar do longo contacto com a alvura e doçura das hóstias; o carão cor de couro curtido, com um sobretom azul nos queixos escanhoados; a coroa lívida entre o cabelo mais negro e grosso que pelos de clina; os dentes soberbamente sólidos e brancos - tudo em padre Salgueiro revela essa forte plebe rural de onde saiu, e que fornece ainda hoje a Portugal o pessoal da Igreja, pelo desejo, sempre nela vivo, de se aliar e de se apoiar à única grande instituição humana que realmente compreende e ama.

Moralmente, porém, com a disciplina do seminário, a leitura apreciadora dos jornais, a freqüentação das autoridades e das repartições, e as suas residências em Lisboa, numa casa de hóspedes da Conceição Nova, padre Salgueiro já se emburguesara - quero dizer, já recebera no espírito, naquela porção de espírito que Deus misericordiosamente lhe outorgou, três ou quatro espessas camadas de idéias e sentimentos peculiares à classe média.

O que em padre Salgueiro atraía logo um homem que, como eu, se delicia em classificar espécies, era a sua maneira de conceber o sacerdócio. Para ele o sacerdócio (que de resto amava e reverenciava) não constituía, de modo algum, uma função espiritual - mas unicamente, exclusivamente, uma função civil. (13/06, SL 6 - Padre Salgueiro)

Como figura representativa da Igreja, o padre é descrito como alguém que atua na profissão com “idéias e sentimentos peculiares à classe média”, ou seja, sem muito

esforço e conhecimento para desempenhá-la, pois sua concepção de sacerdócio era a de que se tratava de algo a ser simplesmente executado enquanto tarefa, esquecendo-se da parte espiritual que ela acarretava.

Ainda neste fragmento notam-se algumas características peculiares de Eça: a dupla adjetivação, como em “as mãos ainda escuras e ásperas”, a crítica explícita à burguesia, com a inserção da palavra “emburguesara” e a ironia, como em “Para ele o sacerdócio (que de resto amava e reverenciava) não constituía, de modo algum, uma função espiritual - mas unicamente, exclusivamente, uma função civil”, em que destaca a “ignorância²³” do padre em relação a sua função como uma característica burguesa.

Temos muitas vezes conversado - e a sua ignorância é deliciosa. Além de raros atos exteriores da vida de Jesus, a fuga para o Egito no burrinho, a tentação na montanha, o ataque aos vendilhões, nada sabe do Evangelho - que considera todavia «muito bonito». A doutrina de Jesus é tão alheio como à filosofia de Hegel. Da Bíblia só conhece episódios soltos, que aprendeu naturalmente e oleografias - a Arca de Noé, Job sob o seu monturo, Judith degolando Holofernes. O que também consideravelmente me divertia, nas noites amigas em que conversávamos na Conceição Nova, é o seu cândido desconhecimento das origens do cristianismo, da história da Igreja. Padre Salgueiro imagina que o cristianismo se fundou de repente, num dia, (decerto um domingo) por milagre direto de Jesus Cristo. (13/06, SL 6 - Padre Salgueiro)

O desconhecimento que demonstra o padre em relação às doutrina e aos princípios da Igreja, é ressaltado também nessa passagem e portanto, alvo da crítica de Eça.

Todas estas informações auxiliam para que se tenha uma pequena noção da importância que este conjunto de textos representam. A estudiosa queirosiana Elza Miné, em seus trabalhos evidencia a relevância dos textos de Eça de Queirós que aparecem no *Suplemento Literário*:

Na primeira página do Suplemento (...) ocupando a primeira coluna e demais, conforme o caso, encontramos, pela ordem cronológica de publicação, os seguintes textos “A Europa em Resumo: o nosso Suplemento”; “A decadência do riso”; “Um santo moderno”; “Hábitos de Gladstone”; “O Imperador Guilherme” e “Padre Salgueiro”.

²³ idem

Destes, apenas “Hábitos de Gladstone” não traz a assinatura de Eça de Queirós. Os primeiros estão reunidos no volume *Notas Contemporâneas* e “O Imperador Guilherme” está em *Ecos de Paris*. “Padre Salgueiro” Eça transformou depois na “Carta XIV” (a Mme Jouarre, da *Correspondência de Fradique Mendes*). Trata-se, pois, de textos de importância indiscutível (MINÉ, 2002, p.22).

A observação e a apresentação dos textos são uma forma de se poder propagar artigos de extremo valor histórico e literário e que já haviam sido estudados em seu conjunto por outros estudiosos. A inclusão destes artigos, neste trabalho, ocorreu para que nenhum texto fosse excluído da abordagem que se fez do *Suplemento*.

E a análise do conjunto dos textos queirosianos juntamente com o de seus colaboradores permite que se possa entender os propósitos da publicação do *Suplemento Literário* e ainda, que estes não estejam fadados a permanecerem nos esquecidos microfilmes.

São, portanto, textos dignos de atenção e por isso foram alvos deste estudo.

Tabela de textos que apresentam título do *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias*

Texto	Seção	Data	Autor/ Pseudônimo
A Europa em Resumo: o nosso Suplemento	texto avulso	18 de janeiro de 1892	Eça de Queirós
Curiosidades científicas	Notas de um curioso	18 de janeiro de 1892	Sem assinatura
A medicina contada aos doentes	Ciências	18 de janeiro de 1892	Br.J. Velloso
A música na Europa	Belas Artes	18 de janeiro de 1892	Sem assinatura
Os Teatros	Os Teatros	18 de janeiro de 1892	F. de A.
Emilio Castellar	Pessoas e casos	18 de janeiro de 1892	Sem assinatura
As recepções do Vaticano	Pessoas e casos	18 de janeiro de 1892	Sem assinatura
O Dinheiro	O Dinheiro	18 de janeiro de 1892	Amator
A elegância e a moda	A elegância e a moda	18 de janeiro de 1892	Sem assinatura
O Brasil na Europa	O Brasil na Europa	18 de janeiro de 1892	Feijó
Quatrocentos contos de jóias	Histórias Singulares	18 de janeiro de 1892	Miguel Anedótico
A decadência do riso	texto avulso	8 de fevereiro de 1892	Eça de Queirós
Ciências	Ciências	8 de fevereiro de 1892	Dr. Velloso
A exposição internacional de pintura	Belas artes	8 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Um escultor russo	Belas artes	8 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Meyerbeer e o seu centenário	Belas artes	8 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Ibsen	Teatros	8 de fevereiro de 1892	F. de A.
A Pantomima	Teatros	8 de fevereiro de 1892	F. de A.
O teatro realista <i>Les Gneux</i>	Teatros	8 de fevereiro de 1892	F. de A.
O caso de Monnet-Sully	Teatros	8 de fevereiro de 1892	F. de A.
O Duque de Devonshire	Pessoas e casos	8 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Sobre chinós	Pessoas e casos	8 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Monsenhor Freppel	Pessoas e casos	8 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Albert Wolff e Henri de Lapommeraye	Pessoas e casos	8 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
O Dinheiro	O Dinheiro	8 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Bibliografia francesa	Livros novos	8 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Bibliografia italiana	Livros novos	8 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
O Brasil na Europa	O Brasil na Europa	8 de fevereiro de 1892	Feijó
A promessa de Nini Silveira	Histórias singulares	8 de fevereiro de 1892	Miguel Anedótico
Um Santo Moderno	Texto avulso	29 de fevereiro de 1892	Eça de Queirós
Livros ingleses	Livros Novos	29 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Livros italianos	Livros Novos	29 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Livros franceses	Livros Novos	29 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
A mortalidade nas diferentes profissões	Ciências	29 de fevereiro de 1892	Dr. Velloso
Exposições na Inglaterra	Belas Artes	29 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
O pintor Muller	Belas Artes	29 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Exposições de pintura	Belas Artes	29 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
O salão dos rosa-cruz	Belas Artes	29 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
A morte do Duque de Clarence	Texto avulso	29 de fevereiro de 1892	A. Z.
A melhor maneira de gozar o inverno	Pessoas e casos	29 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
O novo quediwa do Egito	Pessoas e casos	29 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Trezentas páginas sobre um rei de 5 anos	Pessoas e casos	29 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Um conselho judiciário	Pessoas e casos	29 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Os Teatros	Os Teatros	29 de fevereiro de 1892	A.
O mercado de café no Havre	O Dinheiro	29 de fevereiro de 1892	A.
O militarismo no Brasil	O Brasil na Europa	29 de fevereiro de 1892	Sem assinatura
Hábitos de Gladstone	Texto avulso	21 de março de 1892	Sem assinatura
Fabricação de monstros	Ciências	21 de março de 1892	Sem assinatura
A música em Portugal	Belas artes	21 de março de 1892	Sem assinatura
Uma conversa com Renan	Texto avulso	21 de março de 1892	Sem assinatura

Soldados alemães e estudantes russos: dois terríveis relatórios	Texto avulso	21 de março de 1892	Sem assinatura
Comédie Française: <i>Par Le Glaive</i> - Por Jean Richepan	Os Teatros	21 de março de 1892	F. de A.
Um ensaio prático do socialismo	Ecos contemporâneos	21 de março de 1892	Sem assinatura
A desilusão da África	Ecos contemporâneos	21 de março de 1892	Sem assinatura
Outra vez o Pólo Norte	Ecos contemporâneos	21 de março de 1892	Sem assinatura
Livros franceses: A aristocratização do livro	Livros novos	21 de março de 1892	Sem assinatura
Notas Bibliográficas	Livros novos	21 de março de 1892	Sem assinatura
Um grande romance inglês	Livros novos	21 de março de 1892	Sem assinatura
Henriquel- Dupont	Pessoas e casos	21 de março de 1892	Sem assinatura
O museu de Galliera	Pessoas e casos	21 de março de 1892	Sem assinatura
Pantomimas	Texto avulso	21 de março de 1892	Sem assinatura
O imperador Guilherme	Texto avulso	26 de abril de 1892	Eça de Queirós
O centenário de Rossini	Texto avulso	26 de abril de 1892	Sem assinatura
O Sar Peladau, O Salão e as Soirées da Rosa-Cruz no Templo de Paris	Belas artes	26 de abril de 1892	H. Marco ²⁴
Rose et Ninette	Livros Novos	26 de abril de 1892	Domício da Gama
As literaturas estrangeiras na Inglaterra	Texto avulso	26 de abril de 1892	G.C.
A história do Amor, a história do Vestuário e a história da Mobília	Texto avulso	26 de abril de 1892	Sem assinatura
Acontecimentos artísticos	Texto avulso	26 de abril de 1892	Sem assinatura
Um astro denunciado	Texto avulso	26 de abril de 1892	Sem assinatura
Meios de correr mundo e de falar à distância	Texto avulso	26 de abril de 1892	Sem assinatura
A mais velha e a mais pequena das repúblicas	Texto avulso	26 de abril de 1892	Sem assinatura
Um conhecido	Histórias singulares	26 de abril de 1892	Domício da Gama
Padre salgueiro	Texto avulso	13 de junho de 1892	Eça de Queirós
Belas artes	Belas artes	13 de junho de 1892	H. Marco
Os trapeiros	A Paris miserável	13 de junho de 1892	H. Gomes
Vênus	Texto avulso	13 de junho de 1892	Frederico Durruivos
O inferno	Texto avulso	13 de junho de 1892	Sem assinatura
Receita para os brasileiros terem ainda mais filhos	Texto avulso	13 de junho de 1892	F. Durruivos
A música na Inglaterra e os concertos em Paris e Londres	A música na Europa	13 de junho de 1892	L. Cortegana
Os novos processos de pintura e o salão dos independentes em Paris	Texto avulso	13 de junho de 1892	H. Marco ²⁵
Semelhanças entre os homens e os animais	Texto avulso	13 de junho de 1892	Sem assinatura
O salão do Campo de Marte	Texto avulso	13 de junho de 1892	Sem assinatura

²⁴ No texto original, a assinatura aparece como “A. Marco”.

²⁵ Idem.

Considerações finais

Os textos jornalísticos de Eça de Queirós publicados na *Gazeta de Notícias* constituem uma rica fonte de estudos, pois sua contribuição a esse periódico durou cerca de dezessete anos (1880-1987).

O estudo sobre sua participação na *Gazeta* e nos demais jornais da época, permite conhecer as características do escritor enquanto jornalista, o que resulta numa oportunidade de traçar paralelos entre as peculiaridades romanescas e as consideradas, cronísticas, de Eça.

Nesse contexto, pode-se dizer que o *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias*, ilustra como era o perfil jornalístico queirosiano, pois além de revelar as crônicas ou textos de não ficção escritos por Eça, demonstra uma outra parte do trabalho do escritor na imprensa, sua carreira como diretor. É válido lembrar que, o *Suplemento* foi um dos únicos trabalhos que Eça

de Queirós dirigiu para um jornal publicado no Brasil, fato que o torna um informativo de importância indiscutível.

Se o *Suplemento* merece destaque por evidenciar o trabalho de Eça de Queirós, seu estudo torna-se ainda mais relevante, se for observado o intuito que se tinha com o conjunto de textos que o integram. Todas as seções e textos considerados neste trabalho como “avulsos” dedicavam-se à divulgação da cultura, da produção artística e dos principais acontecimentos que ocorriam e tinham reflexos em solo europeu, especialmente na França, Inglaterra, Alemanha, Itália no final do século XIX. Sendo assim, as páginas do *Suplemento* constituem uma importante fonte de registro do momento histórico a que pertence.

Ressalta-se, ainda, que muitos textos que compõem o *Suplemento* possuem a assinatura de renomados escritores do final do século, entre eles, Jaime Batalha Reis, Domício da Gama e Ferreira de Araújo, o próprio diretor da *Gazeta de Notícias*.

Sendo assim, o estudo dos textos do *Suplemento Literário* a que se propôs com este trabalho, contribui para a divulgação e conhecimento do trabalho de Eça como diretor; desta importantíssima fonte de textos documentais e colabora para que esta fonte, antes restrita aos microfimes, ganhe seu merecido espaço nos estudos acadêmicos.

Com esta dissertação, portanto, procurou-se resgatar o contexto no qual o *Suplemento Literário* teve sua publicação; observar e descrever os respectivos seis números; apresentar cada seção e texto que a integrava; resgatar e revelar os autores que assinavam algumas seções com pseudônimos e abreviaturas e recuperar, integralmente, todos os artigos nele presentes.

Como se pôde observar, no primeiro capítulo, efetuou-se a contextualização do *Suplemento*, e traçaram-se os panoramas histórico-social europeu e brasileiro do final do século XIX. Neste capítulo, mostrou-se, ainda, a situação da imprensa como um meio que se

aperfeiçoava; comentou-se sobre os periódicos em evidência no Brasil, e abordou-se a relação do escritor Eça de Queirós com um dos periódico mais importantes da época, a *Gazeta de Notícias*.

No segundo capítulo, trabalhou-se efetivamente com o *corpus*. Com ele, procurou-se mostrar a composição física do *Suplemento*, por meio de ilustrações e descrições; suscitar algumas questões relativas aos temas das seções, tentando observar se o *Suplemento Literário* trazia somente informações sobre as artes ou se também abordava questões que destoassem desta área. Percebeu-se que o conjunto de textos que o compunham versava sobre todos os tipos de assuntos relativos à Europa e que o *Suplemento* dedicava-se não somente às artes ou à literatura, mas também se propunha a noticiar outros assuntos que pudessem ser de interesse dos brasileiros, como economia e política.

No terceiro capítulo, por fim, analisaram-se todas as seções presentes no *Suplemento*. Dessa forma, pôde-se conhecer, detalhadamente, cada uma das partes que o integra.

Para completar o objetivo a que se propôs esta dissertação, isto é, contextualizar, descrever, apresentar e divulgar todos os textos, incorporaram-se, como anexo, os seis números do *Suplemento Literário*, digitalizados e digitados integralmente e, ainda, fichados para facilitar o acesso a seu conteúdo.

Em suma, pode-se dizer que esta dissertação: contribuiu para a divulgação dos textos de imprensa de Eça de Queirós e de sua atuação como diretor; recuperou, integralmente, os textos do *Suplemento Literário*, e, com isso, propiciou uma democratização do acesso e da leitura destes textos, auxiliando, no trabalho de pesquisadores que tratam do fim do século XIX.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antonio Soares. *História da literatura brasileira: séculos XVI-XX*. São Paulo: Ática, 1961.

ANTELO, Raul. *Literatura em revista*. Ática: São Paulo, 1984.

ASPERTI, Clara M. *Bilac e a reurbanização do Rio de Janeiro: estudo da “Crônica” dominical da Gazeta de Notícias (1897-1908)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Assis, Assis, 2007.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. Martins: Santos, 1967.

BERRINI, Beatriz (apresentação, organização geral e comentários). *Eça de Queiroz literatura e arte: uma antologia*. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

_____. O anônimo e o pseudônimo na literatura brasileira. In: _____. *Horas de leitura*. Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro, 1957.

BURNS, Edward. *História da civilização ocidental*. Porto Alegre: Globo, 1968.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CARONE, EDGAR. *A primeira república (1889-1930): texto e contexto*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. Escrituras: São Paulo, 2002.

FAUSTO, Boris. *História geral da civilização brasileira: O Brasil Republicano – Estrutura de Poder e Economia (1889-1930)*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro, 18 jan.; 08 fev.; 29 fev.; 21 mar.; 26 abr.; 13 jun., 1892 (microfilme).

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da República das Letras*. São Paulo: Guijalbo, Edusp, 1973.

MATOS, A. CAMPOS. *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2.ed. rev. e aument. Lisboa: Caminho, 1993.

MINÉ, Elza. *Páginas flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

_____; CAVALCANTE, Neuma. Introdução. In: _____. (edição). *Textos de imprensa IV*. (da *Gazeta de Notícias*). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002 (Edição crítica das obras de Eça de Queirós, textos de imprensa)

_____. *Eça de Queirós jornalista*. 2.ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

MELO, José Marques de. Implantação da imprensa no Brasil. In: _____. *Sociologia da imprensa brasileira: a implantação*. Petrópolis. Vozes, 1973.

MOTA, Carlos Guilherme. *História moderna e contemporânea*. São Paulo: Moderna, 1986.

NEEDELL, Jeffrey D. A *Belle Époque* literária no Rio: o fim do século XIX brasileiro. In: _____. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. de Celso Nogueira. São Paulo: Cia das letras, 1993. p. 209-69.

OBRAS de Eça de Queiroz. Porto: Lello & Irmão, 1976-1979. 4 v.

ORDONEZ, Marlene; QUEVEDO, Julio. *História*. São Paulo: IBEP, 2000. p.126-130; 360-379.

PILAGALLO, Oscar. *A história do Brasil no século XX*. São Paulo: Publifolha, 2002.

QUEIRÓS, Eça. *Correspondência*. leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983. 2.v.

SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SIMÕES JR., Alvaro Santos. Da literatura ao jornalismo: periódicos do século XIX. *Patrimônio e Memória*. Assis, v.2, n.2, 2006. Disponível em: http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria.html>
Acesso em: 14 jun. 2008.

PEREIRA, Lúcia Miguel; CÂMARA REYS (Org.). *Livro do centenário de E.Q.* Lisboa; Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1945.

_____. *Obra completa* (organização geral, introdução, fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias de Beatriz Berrini). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. v. 3-4. (Biblioteca Luso-Brasileira-Série Portuguesa).

_____. *Páginas de jornalismo: o “Distrito de Évora”*. Lello e Irmão: Porto, 1981.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. Codecri: Rio de Janeiro, 1978.

RITA, Annabela. *Eça de Queirós cronista: do Distrito de Évora (1867) às Farpas (1871-72)*. Lisboa: Cosmos, 1998.

SANTANA, Maria Helena. Introdução. In: _____. (edição). *Textos de imprensa. VI* (da *Revista de Portugal*). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995. p. 15-48. (Edição crítica das obras de Eça de Queirós: textos de imprensa).

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 17.ed. Porto: Porto, 1996.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Lisboa: Europa- América, 1987. (Saber, 123).

SECCO, Lincoln. Europa. *A revolução dos cravos e a crise do império colonial português: economias, espaços e tomadas de consciências*. São Paulo: Alameda, 2004. p. 181-203.

SERRÃO, Joel. *Da Regeneração à República*. Lisboa: Horizonte, 1990.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TRIGO, Luciano. *O viajante imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.